

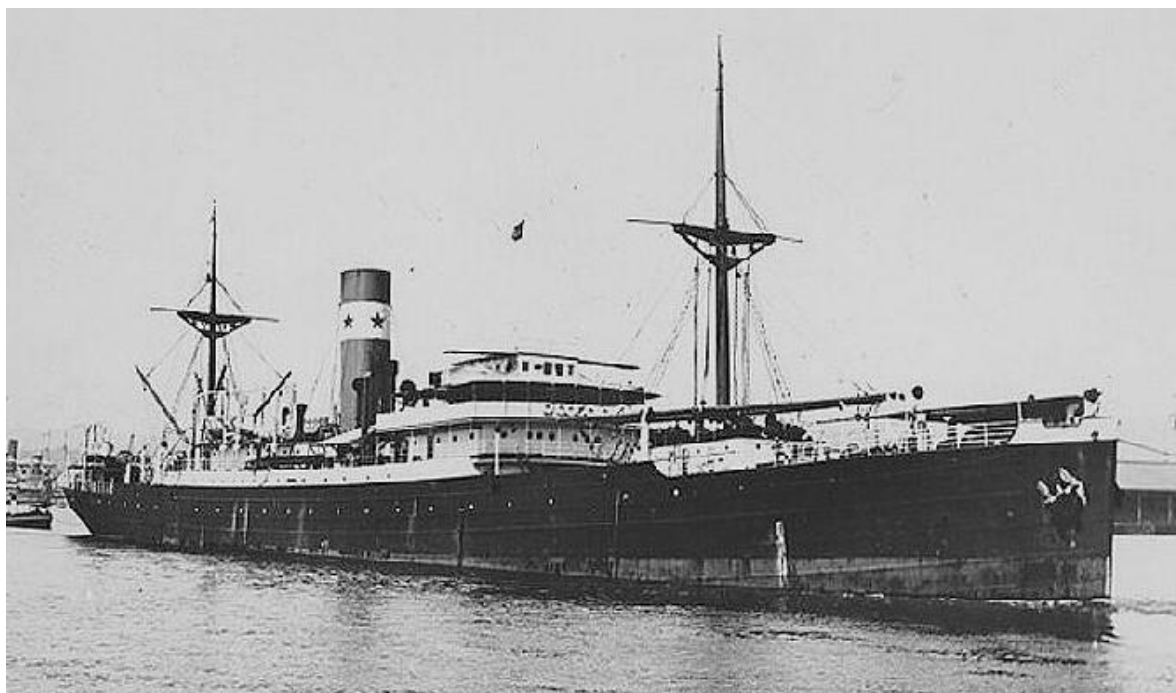


(Santuário de São Bento da Porta Aberta - Freguesia do Rio Caldo - Município de Terras do Bouro - Província do Minho – Portugal, local de nascimento de José Maria da Costa, em 03 de outubro de 1904).

O PEQUENO IMIGRANTE PORTUGUÊS, MEU PAI

AOS 14 ANOS DE IDADE, JOSÉ MARIA DEIXOU PORTUGAL, CHEGANDO AO BRASIL SOZINHO EM 23/07/1919, NO RIO DE JANEIRO.

JOÃO JOSÉ DA COSTA



Sinopse:

Em 1 de julho de 1919, aos 14 anos de idade, José Maria deixou Portugal, chegando ao Brasil em 23 de julho de 1919, na cidade do Rio de Janeiro. Sozinho, ele deixava para trás seus pais e seus irmãos, no vilarejo de São Bento da Porta Aberta, Freguesia do Rio Caldo, Município de Terras do Bouro, Província do Minho, em Portugal. Seus pais acharam melhor que ele tentasse a vida no Brasil que, já naquela época, despertava como um país de grande progresso e oportunidades. Portugal passava por grave crise econômica em razão da Primeira Guerra Mundial. A carência de empregos e alimentos era generalizada. Assim, o filho mais velho precisou fazer o sacrifício de partir em busca de sonhos, talvez não seus, mas de seus pais. Um dia, um de seus filhos recebeu de sua mãe Anna Josephina, já viúva, uma lata de embalagem de biscoitos com fotos antigas e, dentro dela, tinha 4 páginas de um diário que seu pai escreveu na ocasião, retratando seus sentimentos da partida e da viagem, que serviam de forro. Ele resgatou as páginas 9-10-11-12 deste diário. As páginas anteriores e posteriores se perderam no tempo. Com base nestes fragmentos do diário, seu filho escreveu este emocionante romance, baseado em fatos reais, que demonstra alguns costumes da época em Portugal e um exemplo dos sofrimentos e desafios que os primeiros imigrantes portugueses encontraram no além mar. Foi uma forma de registrar a vida de seu pai e prestar-lhe uma homenagem.

João José da Costa

Dedicatória

Em especial, aos meus pais José Maria e Anna Josephina, que já fizeram a partida, na certeza que os amei e respeitei muito, apesar do sentimento que eu não consegui fazer muito mais por eles em vida como eu gostaria.

E aos meus avôs portugueses, Antônio Alexandre e Maria Conceição, que deram a vida ao meu pai e aos meus avôs brasileiros, João Scaramella e Severina Stefani, que deram a vida à minha mãe, possibilitando que ambos dessem a vida a mim, aos meus irmãos e sucessores.

E aos seus descendentes que ficaram com a responsabilidade de levar o nome da família adiante e os exemplos de vida que deixaram, no que julgarem pertinentes e de acordo com seus valores.

Aos meus irmãos,
Antônio (falecido)
Severina
Paulo

Aos meus filhos,
Eduardo
Ana
Marcelo

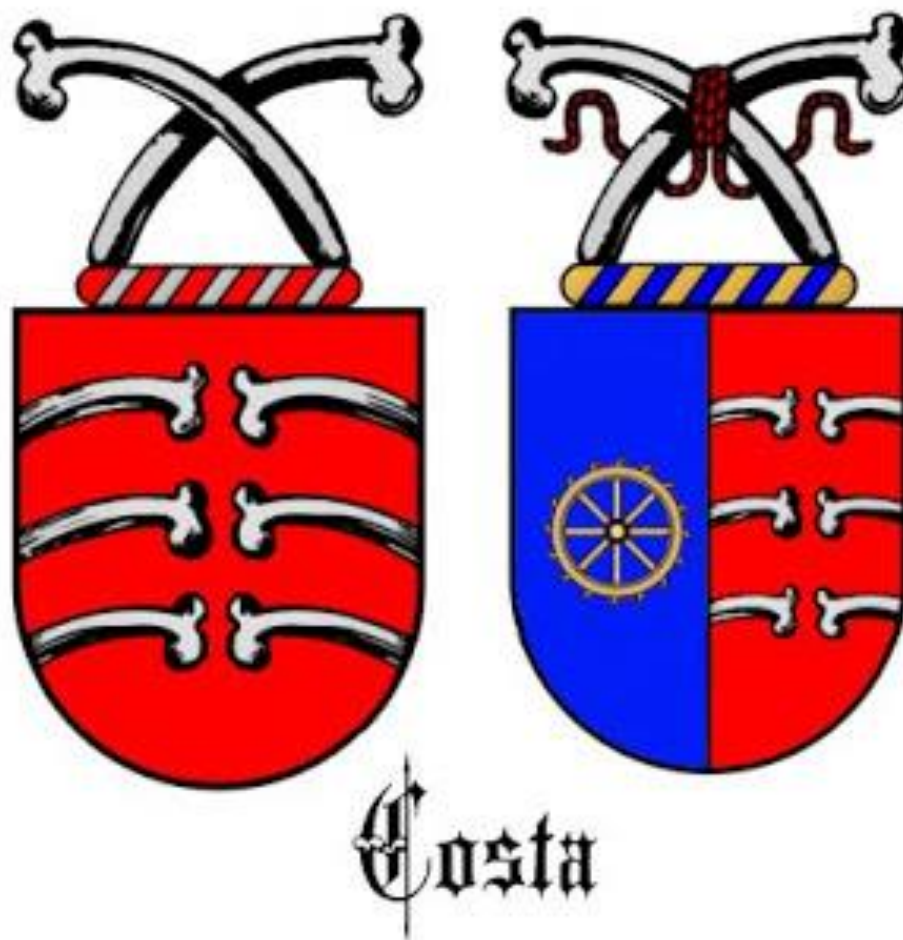
Aos meus netos,
Renata
Thiago
Carolina
Rodrigo

Aos meus sobrinhos,
Márcia (falecida)
Sérgio (falecido)
Cássio
Selma
Débora
Rafael

Aos meus sobrinhos netos,
Bruno
Marina
Nicolas
André
Gabriel

Ao meu bisneto,
Luca

João José da Costa



Nota: Na Europa, desde os tempos medievais, era costume as famílias criarem brasões, como forma de uma identificação própria, independentemente da riqueza ou nível social de cada família e de seus membros. Como curiosidade, estamos reproduzindo acima o brasão da Família Costa.

A tarde estava linda, com o calor do sol ainda secando as últimas gotas de chuva que caíram na noite anterior. Era primavera e as árvores e as flores davam o seu melhor espetáculo do ano, que era animado com o coral dos cantos de vários pássaros.

Como eu costumo fazer duas a três vezes por ano, eu estava em São Paulo para visitar os meus entes queridos que partiram desta vida, no Cemitério da Paz, no Jardim Morumbi.

Este é um cemitério-jardim muito bonito e tradicional da cidade, caracterizando-se por sua organização, abundância de árvores e canteiros de jardins floridos.

E, antes de depositar as flores nos vasos de cobre, um de cada lado do jazigo da família, eu dava um passeio em suas alamedas, aproveitando a paz oferecida pela natureza e o momento de meditação que o local propicia.

Leio as placas de outros entes queridos de outras famílias que se foram, calculo os períodos de vida, de vez em quando paro para ver uma foto de uma jovem ou de uma criança que se foram na tenra idade.

Procuo imaginar os motivos da partida, o sofrimento da perda para suas famílias, como teriam sido suas vidas se esta prosseguisse sem curso normal.

Então, paro por um longo tempo na quadra 19, jazigo 91, onde estão as lembranças de meu pai José Maria, minha mãe Anna Josephina e meu irmão mais velho Antônio Alexandre.

Limpo e lavo os vasos de cobre, coloco água fresca e deposito as flores, procurando ser justo na distribuição equitativa dos ramos de flores entre os dois vasos e combinando as cores para que se destaquem naquele mar de flores que se espalham nos jardins e nos imensos gramados.

Faço minhas orações, desejo que todos se encontrem em paz na presença de Deus, peço sua proteção, como pedia quando criança e me refugiava no colo de minha mãe ou nos braços do meu pai, ou na proteção de meu irmão mais velho.

Depois, sento-me em um banco logo à frente do jazigo e fico por lá por um tempo que corre suficiente para eu me sentir aliviado em minha saudade e no cumprimento de minhas homenagens.

Vejo o nome de cada um, a data de nascimento e do falecimento, os anos que viveram e, naturalmente, me vêm à mente cenas do passado do convívio com eles.

E fixei os pensamentos em meu pai e minha mãe, especialmente naquela tarde.

Observei, pela primeira vez, que a quadra 19 e jazigo 91 eram os mesmos números misturados da data da chegada do meu pai ao Brasil, em 1919, vindo de Portugal, por mera coincidência.

E um filme de longa metragem começou rolar no projetor de minhas memórias e me perdi no tempo...

E recapitulei como fora suas vidas, só parando a sessão quando o guarda me alertou que as portas do cemitério seriam fechadas para visitação em 10 minutos...

Em 1 de julho de 1919, aos 14 anos de idade, meu pai José Maria deixou Portugal, chegando ao Brasil em 23 de julho de 1919, na cidade do Rio de Janeiro, a bordo do navio francês Bougainville da armadora Chargeurs Réunis (foto na capa).

Sozinho, ele deixava para trás seus pais, seus irmãos, seus amigos e todos os seus costumes na pequena freguesia de Rio Caldo, Braga, vilarejo de São Bento da Porta Aberta.

Seus pais acharam melhor que ele tentasse a vida no Brasil que, já naquela época, despertava como um país de grande progresso e oportunidades.

Portugal passava por grave crise econômica em razão da Primeira Guerra Mundial.

A carência de empregos e alimentos era generalizada. Assim, o filho mais velho deveria fazer o sacrifício de partir em busca de sonhos, talvez não seus, mas de seus pais.

Eu sabia muito pouco a respeito da vida de meus pais. Mas, um dia, minha mãe Anna Josephina, já viúva, me entregou uma lata de embalagem de biscoitos com fotos antigas e, dentro dela, tinha 4 páginas de um diário que meu pai escreveu na ocasião, retratando seus sentimentos da partida e da viagem, que serviam de forro.

.

Eu resgatei as páginas 9-10-11-12 deste diário. As páginas anteriores se perderam no tempo. As páginas que deram continuação ficaram como um mistério. Que pena...

Muitas vezes eu penso nos meus entes queridos que se foram desta vida, como minha mãe e meu pai.

E fico feliz quando tenho a graça de sonhar com eles, vendo-os falar, sorrir, brincar. Às vezes os sonhos são de momentos que eles viveram de tristezas e mágoas.

Mas, sempre eu acordo com uma sensação boa, como minha alma tivesse viajado até onde eles estão e, sendo gentil comigo, matava minha saudade.

Quando isto acontece, eu fico refletindo qual a avaliação que eles fizeram do meu relacionamento com eles. Será que fui um bom filho? Poderia ter feito mais por eles? Mesmo que, involuntariamente, contribui para a tristeza ou infelicidade deles com os meus atos?

Apesar de minha autoavaliação no geral ser positiva, eu sempre tenho uma sensação de ter ficado ‘devendo’ para eles, de alguma forma. Quando digo ‘devendo’ não estou me referindo a uma dívida de apoio, suporte material e financeiro. Eu nunca deixei faltar nada para os meus pais.

Mas, pelo estilo de vida que o ramo de negócios que abraçaram impunha, eles tinham muito pouco tempo para o convívio com os filhos. Eram longas horas de trabalho no bar e bilhar ou restaurante, durante todos os dias do ano, incluindo as festas de Natal, Ano Novo e as datas de aniversários em família, na maioria das vezes.

Assim, somente quando se revezavam no trabalho, sobrava algum pouco tempo ou para o meu pai ou para minha mãe, conversarem com os filhos.

Assim, eu gostaria de poder ter feito mais por eles, passeado mais com os meus pais, marcado uma presença mais frequente em sua casa, me interessando mais pelos seus problemas, ajudando-os a realizar sonhos que não me contavam.

Entretanto, esta era um ‘dívida’ que eu não conseguia pagar por não encontrar os ‘credores’ disponíveis. Eu gostaria de tê-los levado mais vezes para almoçar fora, passear nos parques, fazer algumas viagens juntos.

.

Meu pai era um homem de pouca fala e focado no atingimento de seus objetivos. Tinha um humor sarcástico. As pessoas nunca sabiam quando ele estava brincando ou falando sério. Quando tinha tempo, gostava de conversar assuntos que enriqueciam os conhecimentos. Já minha mãe era mais falante, expansiva, não se preocupava com as repercussões sociais de seu modo de ser e era mais voltada para o relacionamento com as pessoas.

E para somar-se à falta de tempo de convívio com eles, eu estava na fase de maior agitação de minha vida com três filhos pequenos para manter, escola para frequentar, uma carreira profissional para perseguir.

O rico passado de nossos pais é registrado em suas memórias e algumas poucas fotos. Não era comum se tirar fotos antigamente e este era um hobby muito caro. A tradição deste passado se dá através das histórias que, a cada oportunidade, eles nos repassam em conversas e através de fotos. Eu gostaria que eles tivessem tido mais tempo para mostrar suas fotos e contar suas histórias.

Eles se foram. Hoje, olho para estas fotos e me questiono quais as histórias que meus pais poderiam ter me contado sobre algumas delas. Não tive esta oportunidade.

Agora, é tarde demais...

O tempo passou. E como passa depressa o tempo! Meus pais se foram, primeiramente meu pai, muitos anos depois, minha mãe. As três latas de fotos ficaram com minha mãe e, posteriormente, elas vieram parar em minhas mãos e repousaram em um armário em casa por décadas.

Hoje, aposentado, procurando preencher o meu tesouro de tempo que ganhei, eu estou organizando meus arquivos de fotos pessoais, escaneando-as e organizando-as em pastas em meu computador.

E, finalmente, cheguei à lata de embalagem de biscoitos com fotos antigas herdadas de minha mãe e às quatro páginas do diário de viagem de meu pai que forravam o fundo da lata antiga de embalagem de biscoitos. E aí, muito tardiamente, pude perceber a riqueza de informações que eu poderia ter tido se tivesse um tempo maior com eles.

Vejo fotos de casas velhas e antigas. Seriam as casas onde eu e meus irmãos nascemos e fomos criados? E quem eram aquelas pessoas rindo atrás do balcão do bar junto com meu pai? Ele era comerciante, como bom português.

E as fotos de minha mãe com aquelas roupas muito antigas, com chapéus que não se usam há décadas, com cortes de cabelo estranhos para nós, em praças e praias do Rio de Janeiro? Que idade ela tinha? Ainda era solteira? E aquelas crianças segurando em sua saia, bem pequeninas. Elas se parecem com meus irmãos, mas não tenho certeza!

E aquele carro do tempo da onça com eu pai na direção? Era dele, emprestado? Hoje não tenho ninguém na família que possa me revelar o que está por detrás deste tesouro!

Ficou a curiosidade...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu teria insistido mais neste aspecto tão importante nas relações com meus pais. Eu teria cobrado mais para ouvir as histórias sobre o seu passado, conhecido detalhes de como meu pai veio para o Brasil em 1919, sozinho, aos 14 anos de idade.

Agora, só me resta uma pasta de arquivo com fotos em meu computador, repletas de mistérios sobre a rica vida que meus pais viveram no passado e que morreram com eles, além das quatro páginas do diário de viagem de meu pai.

Mas, apesar de todas estas dificuldades, eu fui um dos filhos que mais se interessou pelo histórico de meus pais e o que mais guardou fotos e documentos. Esta é uma característica de minha personalidade.

Assim, procurando resgatar estes valores e a memória de meus pais, escrevi este romance que espero que todos apreciem e se transportem para as experiências de meus pais e para os seus sentimentos.

E espero estar dando uma preciosa oportunidade aos leitores, que ainda têm seus pais vivos, para que despertem e se auto-avaliem se estão fazendo tudo o que podem por eles para que a carga de 'dívidas' com eles seja menor quando eles se forem...

E não se esqueçam de ver suas fotos antigas, ouvir as histórias que estão por detrás destas fotos, levá-los para passear nos parques, assistir uma peça teatral, fazer uma viagem juntos, almoçar fora, interessar-se pela trajetória de suas vidas.

Insistam nisto, antes que seja tarde...

.

Ei li e reli as quatro páginas do diário de meu pai várias vezes. E todas às vezes elas me emocionaram. Em alguns momentos, chegando às lágrimas.

Estas quatro páginas de diário me inspiraram para escrever este romance que tem o caráter de ficção, apesar de boa parte de seu conteúdo se basear na vida do meu pai e das histórias de sua vida que ele contava para mim.

Eu estou relativamente bem municiado de informações. Além das conversas com meu pai, que tivemos na minha infância e juventude e que me permitiram conhecer muitas coisas de sua vida, eu me lembro das conversas com minha mãe sobre o passado deles, os relatos feitos em momentos em que eles me mostravam fotos antigas e eu me concentrava para ouvi-los.

E, em especial, quando de minha viagem por quase um ano a Portugal em 1951, eu tive percepções que hoje me ajudam a formar uma boa ideia, apesar delas serem formadas na mente de uma criança de 10 anos que eu era na época.

E, finalmente, eu me lembrava das conversas de meus avôs portugueses sobre momentos da infância de meu pai, conversas estas comuns após cada jantar e à luz de um candeeiro aceso. Ficção dentro de uma sólida realidade, foi a alternativa que encontrei para preencher as muitas lacunas de sua vida, desconhecidas por todos.

Meu Pai! Minha Mãe!

Onde o senhor e a senhora estiverem, e na certeza da presença de Deus, me perdoem por eventuais interpretações que possam não retratar a plenitude da veracidade dos fatos contidos neste livro.

Eis o meu tesouro histórico particular da vida de meu pai e da origem de minha família, tesouro este constituído nestes pequenos fragmentos de quatro páginas do que poderia ter sido um diário completo:

Página 9

A mulher, que é dona aqui da pensão, quase diariamente diz: “É um crime mandar para o Brasil os moços nesta idade. Eles não vão trabalhar! Vão brincar e com más companhias. Lá se perdem, nunca mais cá voltam. É uma terra cheia de perdições!”

Em Braga todos os dias o mesmo barulho: os elétricos, o comboio apitando, este vai e vem de gente diferente. Li o jornal, vou ver o comboio que chega a esta hora.

Que diferença para o lugar de onde eu venho!

30 de junho de 1919 - Chega o aviso para no dia 1 de julho irmos para o Porto a fim de embarcar. Alvorço na turma. Todos alegres para viajar e tristes daqui a pouco por ter que partir.

O Primo Jácomo chamou todos e disse: "Hoje vamos dormir cedo que vamos partir no comboio das 4 horas rumo ao Porto". E assim foi. Fomos nos deitar cedo.

Às 3 horas já estávamos prontos, rumo à estação. Noite escura, ainda, vamos com Deus. Sobre a linha férrea lá estava um gigante de ferro e aço ganhando pressão, com uma chaminé jogando fumaça de carvão para o ar cujo cheiro impregnava toda a redondeza. Bufava qual fera enraivecida, soltando jatos contínuos de vapores por todos os lados. Sim, é a locomotiva engatada a 70 carros que, daqui a pouco, nos levará para mais longe.

É gente que se abraça, que se beija, que chora, enfim, amizades que se separam e, quem sabe, até quando? Toda esta confusão de lugares, maletas, sacolas, primeiro apito, segundo e o chefe trina o apito e começa a rodar toda a composição.

No meu canto, eu penso em minha mãe, meu pai, meus irmãos. Havia tanta gente na estação dando adeus e nenhum de minha família. Fico triste.

O 'trac-ta-trac' das rodas sobre as emendas dos trilhos é para mim uma nova sensação e, assim, vamos indo para frente. Pelas janelas vejo ficar para trás luzes, postes, árvores e casas iluminadas. Estou atento a tudo.

Vem clareando o dia. Já se vê os campos, os milharais, os pomares desta região, as videiras carregadas de uvas ainda verdes. Ficam para trás vilas, quintas, povoados. Diz o primo: "Estamos chegando ao Porto".

Porto - Estação de São Bento. Desembarcamos e, em meio a tanta gente, procuro estar sempre junto ao grupo para não me perder. Vamos à agência de navegação a fim de receber as passagens e carimbar os passaportes. Aqui ficamos informados que o embarque é em Leixões, a 1 hora. Ficamos pela cidade dando umas voltas.

Grande cidade! É aqui que se localizam as principais indústrias do norte do país. O povo anda mais apressado. Nas margens do Rio Douro, barcos carregam mercadorias, barris de vinho, fardos de cortiça, conservas de toda espécie, principalmente, sardinhas, que daqui vão para todo o mundo.

Aqui a ponte Don Luíz, que liga a cidade à Vila Nova de Gaia. Lá embaixo, a ponte Dona Maria Pía. Aqui a Torre dos Clérigos, a construção mais alta da cidade. (continua)

Página 10

Está na hora de comer, todos temos já apetite. Então ordena o nosso chefe: "Vamos almoçar e depois

pegamos o elétrico para Leixões”. Neste horário das 11 horas, as ruas ficam cheias de gente do trabalho que procura por todos os meios, alimentar-se. Vamos a uma casa de pasto e almoçamos.

Maís alguns minutos na estação, à espera do elétrico, e admiro então os quadros em azulejos nas paredes da grande garé. São quadros que descrevem vários episódios da História de Portugal.

Aí vem o elétrico ‘Leixões’, subímos. Do carro, eu vou apreciando o movimento de toda a margem do Douro - clubes, praias, indústrias e finas residências. Leixões, segundo porto do país, vários navios de pequena tonelagem atracados em carga e descarga. Os grandes navios não atracam. Ficam fora da barra e aqui se faz o embarque e desembarque em barcos.

Esperamos o barco da companhia francesa que nos levará a bordo. Chega o barco portando a bandeira da França e nele vamos ao encontro do Bougainville. É o nosso navio que nos levará às Terras de Santa Cruz. Entre muitos navios que aqui se acham fundeados está o Avaré, com a bandeira brasileira.

O nosso barco chega ao costado do navio. Subímos a escada, já no navio, são verificados os nossos documentos pelas autoridades e nos é indicado o nosso alojamento. É um grande salão na ré, que ocupa toda a largura da embarcação. São camas, beliches de lona esticada. É este um navio misto. É grande o alvoroço a bordo. Gente de toda a parte, predominando espanhóis, portugueses e italianos.

Todos procuram arrumar suas coisas em seus armários.

O navio recebe carga e tudo que é destinado à alimentação dos passageiros e tripulantes. Eu olho todo este movimento e penso; “Para que tudo isto? Se cada um ficasse em sua terra não haveria este vai e vem!”.

Dia 01 de julho de 1919. Leixões, 6 horas da tarde. Tudo é preparado para a partida ao primeiro apito do navio. Barcos se afastam, cordas são retiradas das amarras. Segundo apito, marijos que correm de um lado para o outro, autoridades que retiram oficiais que vão para seus postos. Terceiro apito. Sobe a escada e ouve-se o acelerar das máquinas.

E tudo isto começa a mover-se para frente. Eu fico na ré sentado em um rolo de cordas, com as mãos segurando o queixo, vendo como lentamente fica para trás aquela cidade que há pouco ainda pisava. Uma imensa saudade me invade a alma. E minha mãe, meu pai? Meus irmãos? Ficaram sem mim! (continua)

Página 11

Vem caíndo a noite lentamente. Não se vê mais nada, a não ser luzes dos faróis e boias, que previnem perigos. A marcha do barco e já a todo vapor. Vou suportando este balanço enjoado e a trepidação provocada pelas máquinas. Hoje foi um dia movimentado para mim. Estou cansado, vou deitar e sonhar.

.

Acordo com os apitos do navio. Está na hora do café. Estamos encostando no cais em Lisboa. Aqui ficamos todo o dia de hoje. Cargas, descargas, passageiros descem e sobem. Vejo o panorama da cidade de um lado e do outro do Tejo. Parte alta, parte baixa, lá em cima o Castelo de São Jorge.

Passa sobre nós um hidroavião. Pela primeira vez vejo um avião. Em redor a nós, vários outros navios parados. Dízem-me são de guerra.

Noite, 6 horas. Depois de todas as atividades de praxe, a embarcação começa a mover-se e vai deixando, vagarosamente, o Tejo, rumo ao mar. Vai ficando para trás Lisboa. Mar alto e vamos rumo a Recife.

A vida a bordo para mim é maravilhosa. Como muito bem, não enjoei, todos os dias há brincadeiras entre a garotada. Só a língua atrapalha. Muitos espanhóis, alguns franceses e outros diversos.

Arranjei camaradagem com o português da cozinha e eu e mais dois rapazes, à tarde, vamos ajudar a descascar batata, o que nos dá direito no fim a um gostoso bife de filé, dentro de um pão de trigo, tudo feito na hora.

Vários dias são já passados. Água por todos os lados, céu em cima, Deus em tudo.

Enfrentamos um terrível temporal. Chuva e vento de proa fazia do navio um brinquedo infantil. O mar encapelado formava grandes ondas as quais batiam contra o costado, fazendo estremecer tudo. Outras cobriam o convés, lavando tudo de ponta a ponta.

Ordens de comando são dadas a fim de assegurar bem o fechamento da boca dos porões, portas de corredores e de escadas.

Muda o vento e logo muda a direção do barco a fim de enfrentá-lo de frente. Todos os passageiros recolhidos aos seus aposentos. Receosos, aguardam que abrandam estas cenas de horror.

Quem nunca viajou, reza e chora até. Quem já viajou, vai acalmando os demais: “Isto não é nada! É sempre assim! Estamos chegando à linha equatorial. Podem estar tranquilos que ao amanhecer de logo mais, estará tudo em calma!”

E, assim, é hoje belo dia de sol. Festeja-se a passagem do Equador. A tripulação organiza a festa. Temos aqui o Rei Netuno com todos os seus príncipes, baixando leis e batizando os novatos. Grande alegria reina entre todos os presentes.

14 de julho de 1919 - Hoje o navio amanhece todo embandeirado, atapetado e com enfeite por todos os lados. Os tripulantes todos barbeados, limpos. Estranhei esta modificação. Comemora-se a Revolução Francesa, a famosa Queda da Bastilha, que derrubou a última horda de tiranos.

Estamos há quase 20 dias sem ver terra. Aparece agora à direita uma ilha. Correm todos para ver. Dizem é Fernando de Noronha, pertence ao Brasil. É para aqui que são mandados os condenados a longas penas. (continua)

Página 12

.

Novamente, depois de algumas horas, terra à vista! Dizem costas de Pernambuco e mais pouco tempo, estamos em Recife. Aqui o navio não atraca a cais, manda para o fundo suas pesadas âncoras e fica parado.

Já vem polícia, autoridades sanitárias e fica rodeado de pequenas embarcações que vêm vender mercadorias aos passageiros. Vejo barcos com bananas, cocos e muitas outras frutas para mim desconhecidas, além de chapéus de palha, chinelos de vegetais. Para comprar, é usada uma corda com um gancho na ponta onde desce o dinheiro e sobe a mercadoria.

É preciso gritar para ser ouvido pelos barqueiros lá embaixo. Então, forma-se esta gritaria infernal. Um mil réis! Dez mil réis! Uma dúzia de bananas! Um coco! Enfim, pior ainda é entender a língua de uns e de outros, mas, é muito divertido.

Vem caíndo a noite e todos se aprestam para mais uma partida. O porto de Recife é todo salpicado de ilhotas, recifes, em uma vasta área. Não dá para ver o formato da cidade, mas, pode-se ver daqui que existem rios cortando a cidade e várias pontes.

O navio deixa lentamente o porto e navega novamente para alto mar. Destino, Rio de Janeiro. Temos agora a bordo algumas pessoas de cor que embarcaram no último porto. Eu não tinha visto antes gente preta. Ficava horas apreciando como falam como nós, mas um sotaque bem diferente.

Continuam os divertimentos. Aqui, um português que toca sanfona, um outro que canta o fado, ali um

grupo de espanhóis dançando e sapateando ao som de castanholas. Todos estão alegres, talvez para espalhar as saudades de tudo e de todos que ficaram.

Estamos hoje com 21 dias de viagem. Um atraso bem grande, a tempestade que enfrentamos e, por vezes, houve mudança na rota porque há ainda o perigo de minas pelo mar. Dizem-me que mais dois dias chegaremos ao Rio. Agora, à direita e muito longe, vemos sombra de terra e de noite clarões. São cidades do litoral.

Dia 23 de julho de 1919 - Em uma bela manhã ensolarada o navio entrava na baía de Guanabara. À nossa direita aparece um forte, à esquerda um morro ligado ao outro por um cabo aéreo. Dizem que é a Urca e o Pão de Açúcar. É muito lindo este pedaço de mar. Todos apreciam a entrada no porto.

Às quatro horas da tarde começa a verificação dos documentos pelas autoridades a bordo. Ao escurecer, desembarcamos no cais Mauá. Diz o primo: "Esta noite, vamos jantar na Rua do Acre e depois eu embarco novamente e sigo amanhã para São Paulo, meu destino".

Vem uma comida de carnes com feijão preto, pimenta, farinha e o primo com sua experiência ensina como temperar os pratos.

Estava excelente o jantar por nunca ter comido feijoada. Eu gostei muito e comi até ficar completamente satisfeito.

.

Depois de dar uma volta pelo centro da cidade, vamos para uma estalagem pousar esta noite.

A partir de amanhã estarei sozinho. Um medo tomou conta de mim. Eu tinha apenas alguns trocados e não tinha dinheiro suficiente para ficar em uma estalagem e muito pouco para comer.

Eu contava em arrumar um trabalho logo. Em Portugal eu ouvia dizer que no Brasil se encontrava dinheiro pelas ruas... Mas, acho que isto era para dizer que há muito trabalho por aqui!

Meu pai me orientou para procurar um amigo seu português que trabalha na cozinha do Derby Clube. Seu nome é Abílio Monteiro. Ele poderia me dar uma ajuda e me encaminhar para um emprego.

Confesso que estou muito preocupado, não sei se até poderia dizer com uma sensação de pavor. Não consigo respirar todo o ar que preciso, dói-me o estômago.

*Gostaria que meus pais estivessem aqui comigo.
(continua)*

Se meu pai deu continuidade ou não às suas páginas do diário, nunca saberei. Então, fiquei imaginando como teria sido toda a história da vida de meu pai e de minha mãe.

E, assim, deixando-me navegar livremente em minha imaginação, mas orientando-me sempre em fatos reais, comecei a escrever o que teria sido, com boa probabilidade, a história do meu querido pequeno imigrante português, meu pai, e minha querida pequena e valente filha de imigrantes italianos, minha mãe.

● ● ●

A tarde estava linda, com o calor do sol ainda secando as últimas gotas de chuva que caíram na noite anterior. Era primavera e as árvores e as flores davam o seu melhor espetáculo do ano, que era animado com o coral dos cantos de vários pássaros.

Como eu costumo fazer duas a três vezes por ano, eu estava em São Paulo para visitar os meus entes queridos que partiram desta vida, no Cemitério da Paz, no Jardim Morumbi.

Este é um cemitério-jardim muito bonito e tradicional da cidade, caracterizando-se por sua organização, abundância de árvores e canteiros de jardins floridos.

E, antes de depositar as flores nos vasos de cobre, um de cada lado do jazigo da família, eu dava um passeio em suas alamedas, aproveitando a paz oferecida pela natureza e o momento de meditação que o local propicia.

Leio as placas de outros entes queridos de outras famílias que se foram, calculo os períodos de vida, de vez em quando paro para ver uma foto de uma jovem ou de uma criança que se foram na tenra idade.

Procuo imaginar os motivos da partida, o sofrimento da perda para suas famílias, como teriam sido suas vidas se esta prosseguisse sem curso normal.

Então, paro por um longo tempo na quadra 19, jazigo 91, onde estão as lembranças de meu pai José Maria, minha mãe Anna Josephina e meu irmão mais velho Antônio Alexandre.

Limpo e lavo os vasos de cobre, coloco água fresca e deposito as flores, procurando ser justo na distribuição equitativa dos ramos de flores entre os dois vasos e combinando as cores para que se destaquem naquele mar de flores que se espalham nos jardins e nos imensos gramados.

Faço minhas orações, desejo que todos se encontrem em paz na presença de Deus, peço sua proteção, como pedia quando criança e me refugiava no colo de minha mãe ou nos braços do meu pai, ou na proteção de meu irmão mais velho.

Depois, sento em um banco logo à frente do jazigo e fico por lá por um tempo que corre suficiente para eu me sentir aliviado em minha saudade e no cumprimento de minhas homenagens.

.

Vejo o nome de cada um, a data de nascimento e do falecimento, os anos que viveram e, naturalmente, me vêm à mente cenas do passado do convívio com eles.

E fixei os pensamentos em meu pai e minha mãe, especialmente naquela tarde.

Observei, pela primeira vez, que a quadra 19 e jazigo 91 eram os mesmos números misturados da data da chegada do meu pai ao Brasil, em 1919, vindo de Portugal, por mera coincidência.

E um filme de longa metragem começou rolar no projetor de minhas memórias e me perdi no tempo...

E recapitulei como fora suas vidas, só parando a sessão quando o guarda me alertou que as portas do cemitério seriam fechadas para visitação em 10 minutos...

Em 1 de julho de 1919, aos 14 anos de idade, meu pai José Maria deixou Portugal, chegando ao Brasil em 23 de julho de 1919, na cidade do Rio de Janeiro, a bordo do navio francês Bougainville da armadora Chargeurs Réunis (foto página 4).

Sozinho, ele deixava para trás seus pais, seus irmãos, seus amigos e todos os seus costumes na pequena São Bento da Porta Aberta, Freguesia do Rio Caldo, Município de Terras do Bouro, Província do Minho.

Seus pais acharam melhor que ele tentasse a vida no Brasil que, já naquela época, despertava como um país de grande progresso e oportunidades.

Portugal passava por grave crise econ mica em razão da Primeira Guerra Mundial.

A carência de empregos e alimentos era generalizada. Assim, o filho mais velho deveria fazer o sacrifício de partir em busca de sonhos, talvez não seus, mas de seus pais.

Eu sabia muito pouco a respeito da vida de meus pais. Mas, um dia, minha mãe Anna Josephina, já viúva, me entregou uma lata de embalagem de biscoitos com fotos antigas e, dentro dela, tinha 4 páginas de um diário que meu pai escreveu na ocasião, retratando seus sentimentos da partida e da viagem, que serviam de forro.

.

Eu resgatei as páginas 9-10-11-12 deste diário. As páginas anteriores se perderam no tempo. As páginas que deram continuação ficaram como um mistério.

Que pena...

Muitas vezes eu penso nos meus entes queridos que se foram desta vida, como minha mãe e meu pai.

E fico feliz quando tenho a graça de sonhar com eles, vendo-os falar, sorrir, brincar. Às vezes os sonhos são de momentos que eles viveram de tristezas e mágoas.

Mas, sempre eu acordo com uma sensação boa, como minha alma tivesse viajado até onde eles estão e, sendo gentil comigo, matava minha saudade.

Quando isto acontece, eu fico refletindo qual a avaliação que eles fizeram do meu relacionamento com eles. Será que fui um bom filho? Poderia ter feito mais por eles? Mesmo que, involuntariamente, contribui para a tristeza ou infelicidade deles com os meus atos?

Apesar de minha auto avaliação no geral ser positiva, eu sempre tenho uma sensação de ter ficado ‘devendo’ para eles, de alguma forma. Quando digo ‘devendo’ não estou me referindo a uma dívida de apoio, suporte material e financeiro. Eu nunca deixei faltar nada para os meus pais.

Mas, pelo estilo de vida que o ramo de negócios que abraçaram impunha, eles tinham muito pouco tempo para o convívio com os filhos. Eram longas horas de trabalho no bar e bilhar ou restaurante, durante todos os dias do ano, incluindo as festas de Natal, Ano Novo e as datas de aniversários em família, na maioria das vezes.

Assim, somente quando se revezavam no trabalho, sobrava algum pouco tempo ou para o meu pai ou para minha mãe, conversarem com os filhos.

Assim, eu gostaria de poder ter feito mais por eles, passeado mais com os meus pais, marcado uma presença mais frequente em sua casa, me interessando mais pelos seus problemas, ajudando-os a realizar sonhos que não me contavam.

Entretanto, esta era um ‘dívida’ que eu não conseguia pagar por não encontrar os ‘credores’ disponíveis. Eu gostaria de tê-los levado mais vezes para almoçar fora, passear nos parques, fazer algumas viagens juntos.

Meu pai era um homem de pouca fala e focado no atingimento de seus objetivos. Tinha um humor sarcástico. As pessoas nunca sabiam quando ele estava brincando ou falando sério. Quando tinha tempo, gostava de conversar assuntos que enriqueciam os conhecimentos. Já minha mãe era mais falante, expansiva, não se preocupava com as repercussões sociais de seu modo de ser e era mais voltada para o relacionamento com as pessoas. E para somar-se à falta de tempo de convívio com eles, eu estava na fase de maior agitação de minha vida com três filhos pequenos para manter, escola para frequentar, uma carreira profissional para perseguir.

O rico passado de nossos pais é registrado em suas memórias e algumas poucas fotos. Não era comum se tirar fotos antigamente e este era um hobby muito caro. A tradição deste passado se dá através das histórias que, a cada oportunidade, eles nos repassam em conversas e através de fotos. Eu gostaria que eles tivessem tido mais tempo para mostrar suas fotos e contar suas histórias.

Eles se foram. Hoje, olho para estas fotos e me questiono quais as histórias que meus pais poderiam ter me contado sobre algumas delas. Não tive esta oportunidade.

Agora, é tarde demais...

O tempo passou. E como passa depressa o tempo! Meus pais se foram, primeiramente meu pai, muitos anos depois, minha mãe. A lata de fotos ficou com minha mãe e, posteriormente, ela veio parar em minhas mãos e repousou em um armário em casa por décadas.

Hoje, aposentado, procurando preencher o meu tesouro de tempo que ganhei, eu estou organizando meus arquivos de fotos pessoais, escaneando-as e organizando-as em pastas em meu computador.

E, finalmente, cheguei à lata de embalagem de biscoitos com fotos antigas herdadas de minha mãe e às quatro páginas do diário de viagem de meu pai que forravam o fundo da lata antiga de embalagem de biscoitos. E aí, muito tardiamente, pude perceber a riqueza de informações que eu poderia ter tido se tivesse um tempo maior com eles.

Vejo fotos de casas velhas e antigas. Seriam as casas onde eu e meus irmãos nascemos e fomos criados? E quem eram aquelas pessoas rindo atrás do balcão do bar junto com meu pai? Ele era comerciante, como bom português.

.

E as fotos de minha mãe com aquelas roupas muito antigas, com chapéus que não se usam há décadas, com cortes de cabelo estranhos para nós, em praças e praias do Rio de Janeiro? Que idade ela tinha? Ainda era solteira?

E aquelas crianças segurando em sua saia, bem pequeninas. Elas se parecem com meus irmãos, mas não tenho certeza!

.

E aquele carro do tempo da onça com eu pai na direção? Era dele, emprestado? Hoje não tenho ninguém na família que possa me revelar o que está por detrás deste tesouro!

Ficou a curiosidade...

Se eu pudesse voltar no tempo, eu teria insistido mais neste aspecto tão importante nas relações com meus pais. Eu teria cobrado mais para ouvir as histórias sobre o seu passado, conhecido detalhes de como meu pai veio para o Brasil em 1919, sozinho, aos 14 anos de idade.

Agora, só me resta uma pasta de arquivo com fotos em meu computador, repletas de mistérios sobre a rica vida que meus pais viveram no passado e que morreram com eles, além das quatro páginas do diário de viagem de meu pai.

Mas, apesar de todas estas dificuldades, eu fui um dos filhos que mais se interessou pelo histórico de meus pais e o que mais guardou fotos e documentos. Esta é uma característica de minha personalidade.

Assim, procurando resgatar estes valores e a memória de meus pais, escrevi este romance que espero que todos apreciem e se transportem para as experiências de meus pais e para os seus sentimentos.

E espero estar dando uma preciosa oportunidade aos leitores, que ainda têm seus pais vivos, para que despertem e se auto-avaliem se estão fazendo tudo o que podem por eles para que a carga de 'dívidas' com eles seja menor quando eles se forem...

E não se esqueçam de ver suas fotos antigas, ouvir as histórias que estão por detrás destas fotos, levá-los para passear nos parques, assistir uma peça teatral, fazer uma viagem juntos, almoçar fora, interessar-se pela trajetória de suas vidas.

Insistam nisto, antes que seja tarde...

.

Ei li e reli as quatro páginas do diário de meu pai várias vezes. E todas às vezes elas me emocionaram. Em alguns momentos, chegando às lágrimas.

Estas quatro páginas de diário me inspiraram para escrever este romance que tem o caráter de ficção, apesar de boa parte de seu conteúdo se basear na vida do meu pai e das histórias de sua vida que ele contava para mim.

Eu estou relativamente bem municiado de informações. Além das conversas com meu pai, que tivemos na minha infância e juventude e que me permitiram conhecer muitas coisas de sua vida, eu me lembro das conversas com minha mãe sobre o passado deles, os relatos feitos em momentos em que eles me mostravam fotos antigas e eu me concentrava para ouvi-los.

E, em especial, quando de minha viagem por quase um ano a Portugal em 1951, eu tive percepções que hoje me ajudam a formar uma boa ideia, apesar delas serem formadas na mente de uma criança de 10 anos que eu era na época.

E, finalmente, eu me lembrava das conversas de meus avôs portugueses sobre momentos da infância de meu pai, conversas estas comuns após cada jantar e à luz de um candeeiro aceso. Ficção dentro de uma sólida realidade, foi a alternativa que encontrei para preencher as muitas lacunas de sua vida, desconhecidas por todos.

Meu Pai! Minha Mãe!

Onde o senhor e a senhora estiverem, e na certeza da presença de Deus, me perdoem por eventuais interpretações que possam não retratar a plenitude da veracidade dos fatos contidos neste livro.

Eis o meu tesouro histórico particular da vida de meu pai e da origem de minha família, tesouro este constituído nestes pequenos fragmentos de quatro páginas do que poderia ter sido um diário completo:

Página 9

A mulher, que é dona aqui da pensão, quase diariamente diz: “É um crime mandar para o Brasil os moços nesta idade. Eles não vão trabalhar! Vão brincar e com más companhias. Lá se perdem, nunca mais cá voltam. É uma terra cheia de perdições!”

Em Braga todos os dias o mesmo barulho: os elétricos, o comboio apitando, este vai e vem de gente diferente. Li o jornal, vou ver o comboio que chega a esta hora.

Que diferença para o lugar de onde eu venho!

30 de junho de 1919 - Chega o aviso para no dia 1 de julho irmos para o Porto a fim de embarcar. Alvorço na turma. Todos alegres para viajar e tristes daqui a pouco por ter que partir.

O Primo Jácomo chamou todos e disse: "Hoje vamos dormir cedo que vamos partir no comboio das 4 horas rumo ao Porto". E assim foi. Fomos nos deitar cedo.

Às 3 horas já estávamos prontos, rumo à estação. Noite escura, ainda, vamos com Deus. Sobre a linha férrea lá estava um gigante de ferro e aço ganhando pressão, com uma chaminé jogando fumaça de carvão para o ar cujo cheiro impregnava toda a redondeza. Bufava qual fera enraivecida, soltando jatos contínuos de vapores por todos os lados.

Sim, é a locomotiva engatada a 70 carros que, daqui a pouco, nos levará para mais longe.

É gente que se abraça, que se beija, que chora, enfim, amizades que se separam e, quem sabe, até quando? Toda esta confusão de lugares, malas, sacolas, primeiro apito, segundo e o chefe trina o apito e começa a rodar toda a composição.

.

No meu canto, eu penso em minha mãe, meu pai, meus irmãos. Havia tanta gente na estação dando adeus e nenhum de minha família. Fico triste.

O 'trac-ta-trac' das rodas sobre as emendas dos trilhos é para mim uma nova sensação e, assim, vamos indo para frente. Pelas janelas vejo ficar para trás luzes, postes, árvores e casas iluminadas. Estou atento a tudo.

Vem clareando o dia. Já se vê os campos, os milharaís, os pomares desta região, as videiras carregadas de uvas ainda verdes. Ficam para trás vilas, quintas, povoados. Diz o primo: "Estamos chegando ao Porto".

Porto - Estação de São Bento. Desembarcamos e, em meio a tanta gente, procuro estar sempre junto ao grupo para não me perder. Vamos à agência de navegação a fim de receber as passagens e carimbar os passaportes. Aqui ficamos informados que o embarque é em Leixões, a 1 hora. Ficamos pela cidade dando umas voltas.

Grande cidade! É aqui que se localizam as principais indústrias do norte do país. O povo anda mais apressado. Nas margens do Rio Douro, barcos carregam mercadorias, barris de vinho, fardos de cortiça, conservas de toda espécie, principalmente, sardinhas, que daqui vão para todo o mundo.

Aqui a ponte Don Luíz, que liga a cidade à Vila Nova de Gaia. Lá embaixo, a ponte Dona Maria Pia. Aqui a Torre dos Clérigos, a construção mais alta da cidade. (continua)

.

Página 10

Está na hora de comer, todos temos já apetite. Então ordena o nosso chefe: “Vamos almoçar e depois pegamos o elétrico para Leixões”. Neste horário das 11 horas, as ruas ficam cheias de gente do trabalho que procura por todos os meios, alimentar-se. Vamos a uma casa de pasto e almoçamos.

Mais alguns minutos na estação, à espera do elétrico, e admiro então os quadros em azulejos nas paredes da grande garé. São quadros que descrevem vários episódios da História de Portugal.

Aí vem o elétrico ‘Leixões’, subímos. Do carro, eu vou apreciando o movimento de toda a margem do Douro - clubes, praias, indústrias e finas residências. Leixões, segundo porto do país, vários navios de pequena tonelagem atracados em carga e descarga. Os grandes navios não atracam. Ficam fora da barra e aqui se faz o embarque e desembarque em barcos.

Esperamos o barco da companhia francesa que nos levará a bordo. Chega o barco portando a bandeira da França e nele vamos ao encontro do Bougainville. É o nosso navio que nos levará às Terras de Santa Cruz. Entre muitos navios que aqui se acham fundeados está o Avaré, com a bandeira brasileira.

O nosso barco chega ao costado do navio. Subímos a escada, já no navio, são verificados os nossos documentos pelas autoridades e nos é indicado o nosso alojamento. É um grande salão na ré, que ocupa toda a largura da embarcação. São camas,

beliches de lona esticada. É este um navio misto. É grande o alvoroço a bordo. Gente de toda a parte, predominando espanhóis, portugueses e italianos. Todos procuram arrumar suas coisas em seus armários.

O navio recebe carga e tudo que é destinado à alimentação dos passageiros e tripulantes. Eu olho todo este movimento e penso; “Para que tudo isto? Se cada um ficasse em sua terra não haveria este vai e vem!”.

Dia 01 de julho de 1919. Leixões, 6 horas da tarde. Tudo é preparado para a partida ao primeiro apito do navio. Barcos se afastam, cordas são retiradas das amarras. Segundo apito, marijos que correm de um lado para o outro, autoridades que retiram oficiais que vão para seus postos. Terceiro apito. Sobe a escada e ouve-se o acelerar das máquinas.

E tudo isto começa a mover-se para frente. Eu fico na ré sentado em um rolo de cordas, com as mãos segurando o queixo, vendo como lentamente fica para trás aquela cidade que há pouco ainda pisava.

Uma imensa saudade me invade a alma. E minha mãe, meu pai? Meus irmãos? Ficaram sem mim! (continua)

Página 11

Vem caindo a noite lentamente. Não se vê mais nada, a não ser luzes dos faróis e boias, que previnem perigos. A marcha do barco é já a todo vapor. Vou suportando este balanço enjoado e a trepidação provocada pelas máquinas. Hoje foi um

dia movimentado para mim. Estou cansado, vou deitar e sonhar.

Acordo com os apitos do navio. Está na hora do café. Estamos encostando no cais em Lisboa. Aqui ficamos todo o dia de hoje. Cargas, descargas, passageiras descem e sobem. Vejo o panorama da cidade de um lado e do outro do Tejo. Parte alta, parte baixa, lá em cima o Castelo de São Jorge.

Passa sobre nós um hidroavião. Pela primeira vez vejo um avião. Em redor a nós, vários outros navios parados. Dizem-me são de guerra.

Noite, 6 horas. Depois de todas as atividades de praxe, a embarcação começa a mover-se e vai deixando, vagarosamente, o Tejo, rumo ao mar. Vai ficando para trás Lisboa. Mar alto e vamos rumo a Recife.

A vida a bordo para mim é maravilhosa. Como muito bem, não enjoiei, todos os dias há brincadeiras entre a garotada. Só a língua atrapalha. Muitos espanhóis, alguns franceses e outros diversos.

Arranjei camaradagem com o português da cozinha e eu e mais dois rapazes, à tarde, vamos ajudar a descascar batata, o que nos dá direito no fim a um gostoso bife de filé, dentro de um pão de trigo, tudo feito na hora.

Vários dias são já passados. Água por todos os lados, céu em cima, Deus em tudo.

Enfrentamos um terrível temporal. Chuva e vento de proa fazia do navio um brinquedo infantil. O mar

encapelado formava grandes ondas as quais batiam contra o costado, fazendo estremecer tudo. Outras cobriam o convés, lavando tudo de ponta a ponta. Ordens de comando são dadas a fim de assegurar bem o fechamento da boca dos porões, portas de corredores e de escadas.

Muda o vento e logo muda a direção do barco a fim de enfrentá-lo de frente. Todos os passageiros recolhidos aos seus aposentos. Receosos, aguardam que abrandam estas cenas de horror.

Quem nunca viajou, reza e chora até. Quem já viajou, vai acalmando os demais: “Isto não é nada! É sempre assim! Estamos chegando à linha equatorial. Podem estar tranquilos que ao amanhecer de logo mais, estará tudo em calma!”.

E, assim, é hoje belo dia de sol. Festeja-se a passagem do Equador. A tripulação organiza a festa. Temos aqui o Rei Netuno com todos os seus príncipes, baixando leis e batizando os novatos. Grande alegria reina entre todos os presentes.

14 de julho de 1919 - Hoje o navio amanhece todo embandeirado, atapetado e com enfeite por todos os lados. Os tripulantes todos barbeados, limpos. Estranhei esta modificação. Comemora-se a Revolução Francesa, a famosa Queda da Bastilha, que derrubou a última horda de tiranos.

Estamos há quase 20 dias sem ver terra. Aparece agora à direita uma ilha. Correm todos para ver. Dizem é Fernando de Noronha, pertence ao Brasil. É para aqui que são mandados os condenados a longas penas. (continua)

Página 12

Novamente, depois de algumas horas, terra à vista! Dizem costas de Pernambuco e mais pouco tempo, estamos em Recife. Aqui o navio não atraca a cais, manda para o fundo suas pesadas âncoras e fica parado.

Já vem polícia, autoridades sanitárias e fica rodeado de pequenas embarcações que vêm vender mercadorias aos passageiros. Vejo barcos com bananas, cocos e muitas outras frutas para mim desconhecidas, além de chapéus de palha, chinelos de vegetais. Para comprar, é usada uma corda com um gancho na ponta onde desce o dinheiro e sobe a mercadoria.

É preciso gritar para ser ouvido pelos barqueiros lá embaixo. Então, forma-se esta gritaria infernal. Um mil réis! Dez mil réis! Uma dúzia de bananas! Um coco! Enfim, pior ainda é entender a língua de uns e de outros, mas, é muito divertido.

Vem caíndo a noite e todos se aprestam para mais uma partida. O porto de Recife é todo salpicado de ilhotas, recifes, em uma vasta área. Não dá para ver o formato da cidade, mas, pode-se ver daqui que existem rios cortando a cidade e várias pontes.

O navio deixa lentamente o porto e navega novamente para alto mar. Destino, Rio de Janeiro. Temos agora a bordo algumas pessoas de cor que embarcaram no último porto. Eu não tinha visto antes gente preta. Ficava horas apreciando como falam como nós, mas um sotaque bem diferente.

.

Continuam os divertimentos. Aqui, um português que toca sanfona, um outro que canta o fado, ali um grupo de espanhóis dançando e sapateando ao som de castanholas. Todos estão alegres, talvez para espalhar as saudades de tudo e de todos que ficaram.

Estamos hoje com 21 dias de viagem. Um atraso bem grande, a tempestade que enfrentamos e, por vezes, houve mudança na rota porque há ainda o perigo de minas pelo mar. Dizem-me que mais dois dias chegaremos ao Rio. Agora, à direita e muito longe, vemos sombra de terra e de noite clarões. São cidades do litoral.

Dia 23 de julho de 1919 - Em uma bela manhã ensolarada o navio entrava na baía de Guanabara. À nossa direita aparece um forte, à esquerda um morro ligado ao outro por um cabo aéreo. Dizem que é a Urca e o Pão de Açúcar. É muito lindo este pedaço de mar. Todos apreciam a entrada no porto.

Às quatro horas da tarde começa a verificação dos documentos pelas autoridades a bordo. Ao escurecer, desembarcamos no cais Mauá. Diz o primo: “Esta noite, vamos jantar na Rua do Acre e depois eu embarco novamente e sigo amanhã para São Paulo, meu destino”.

Vem uma comida de carnes com feijão preto, pimenta, farinha e o primo com sua experiência ensina como temperar os pratos.

Estava excelente o jantar por nunca ter comido feijoadada. Eu gostei muito e comi até ficar completamente satisfeito.

Depois de dar uma volta pelo centro da cidade, vamos para uma estalagem pousar esta noite.

A partir de amanhã estarei sozinho. Um medo tomou conta de mim. Eu tinha apenas alguns trocados e não tinha dinheiro suficiente para ficar em uma estalagem e muito pouco para comer.

Eu contava em arrumar um trabalho logo. Em Portugal eu ouvia dizer que no Brasil se encontrava dinheiro pelas ruas... Mas, acho que isto era para dizer que há muito trabalho por aqui!

Meu pai me orientou para procurar um amigo seu português que trabalha na cozinha do Derby Clube. Seu nome é Abílio Monteiro. Ele poderia me dar uma ajuda e me encaminhar para um emprego.

Confesso que estou muito preocupado, não sei se até poderia dizer com uma sensação de pavor. Não consigo respirar todo o ar que preciso, dói-me o estômago.

*Gostaria que meus pais estivessem aqui comigo.
(continua)*

Se meu pai deu continuidade ou não às suas páginas do diário, nunca saberei. Então, fiquei imaginando como teria sido toda a história da vida de meu pai e de minha mãe.

E, assim, deixando-me navegar livremente em minha imaginação, mas orientando-me sempre em fatos reais, comecei a escrever o que teria sido, com boa probabilidade, a história do meu querido pequeno imigrante português, meu pai, e minha querida pequena e valente filha de imigrantes italianos, minha mãe.

● ● ●

O verão no vilarejo de São Bento da Porta Aberta, Freguesia do Rio Caldo, Município de Terras do Bouro, Província do Minho, em Portugal estava terminando. Os primeiros sinais de um frio outono já se faziam sentir com a temperatura caindo, a vegetação e as folhas das árvores secando, pintando o chão de amarelo, os pássaros desaparecendo aos poucos, procurando por áreas mais quentes.

Na pequena casa de pedra, datada da era medieval, Antônio Alexandre se apressava em procurar pela parteira Isabel. Sua esposa Maria Conceição dava os sinais que seu primogênito estava pronto para vir ao mundo.

- Maria, você não se levantou hoje! Não estás bem? Perguntou Antônio.
- Eu estou bem. Apenas com muitas dores nas costas e na barriga.

A parteira Isabel era muito competente e responsável pelo nascimento de quase todas as crianças do pequeno vilarejo. Ela teve muito pouco tempo em sua chegada à casa para preparar uma bacia com água morna e panos limpos. A bolsa de água de Maria conceição estourara e o trabalho de parto se tornava urgente.

Isabel pediu para que Antônio deixasse o quarto, preferindo ficar a sós com Maria:

- Respire fundo, Maria. Prenda a respiração e depois a solte novamente. Faça força que seu bebê já está a caminho. Força, Maria, força!

Maria suava mundo, sentia as dores, mas procurava fazer a necessária força e ajudar no parto. Após alguns minutos, ela pode ouvir o choro forte de uma criança que acabara de vir ao mundo.

- É um menino, Maria! Um lindo e saudável menino, Maria! Dizia a parteira Isabel.
- Graças ao meu bom Deus e senhor! Dizia Maria, cansada, mas, aliviada por tudo ter dado certo.

Em seguida, Isabel chamou por Antônio. Além de apresentar seu primogênito, ela precisava de ajuda agora.

E naquela tarde de 3 de outubro de 1904 nascia José Maria da Costa. José do nome do avô paterno e Maria do nome da avó materna.

.

A alegria do casal era contagiante. Nasceu um menino forte e o Antônio Alexandre chamava seus amigos para comemorar com um bom vinho e azeitonas pretas, enquanto as esposas corriam para ficar à volta de Maria Conceição e trocar experiências de como cuidar de um bebê.

Afinal de contas, Maria Conceição era mamãe pela primeira vez.

Antônio Alexandre via em seu filho, em um futuro próximo, um sucessor e a tão necessária mão de obra adicional para que pudesse dar conta de todos os serviços necessários à manutenção da família. Ele tinha uma quinta onde cultivava o essencial para o preparo da comida diária: batatas, verduras, cebola, abóbora, milho, plantas para temperos, criação de galinhas.

Além disto, Antônio Alexandre possuía um moinho de roda d'água para fazer farinha de milho. Ele atendia seus vizinhos e retinha 10% da produção para seu uso e para trocar por outros produtos alimentícios que não plantava em sua quinta. E, para completar a sua base de sustento, tinha por volta de 20 ovelhas e cabras.

A tão necessária moeda escudo não era comum de ser vista. O vilarejo vivia, basicamente, do escambo, que é a troca de mercadorias e serviços entre os seus habitantes. Na colheita da uva e da oliva para fazer o vinho e o azeite, os moradores se reuniam na quinta dos produtores e todos ajudavam, ganhando parte da produção.

A casa de pedra, onde vivia o casal Antônio Alexandre e Maria Conceição e o agora seu primeiro filho José Maria, tinha na sua parte de cima uma cozinha, uma sala e três pequenos quartos. Na parte de baixo ficava o chiqueiro dos porcos.

Na cozinha, um buraco na pia de pedra permitia jogar aos porcos na parte de baixo os restos do processamento da comida e as suas sobras, para a alegria dos seis porcos.

Não havia luz ou qualquer meio elétrico de conservação dos alimentos. Tudo era colhido no dia.

Quando se aproximava o inverno, a família sacrificava dois dos porcos, cortando-o em pedaços e armazenando as partes em um grande caixote cheio de sal grosso. Isto era suficiente para conservar a preciosa carne que sustentaria a família durante todo o inverno.

.

Assim, a refeição básica diária consistia em um cozido com ovos, folhas de repolho e couve, cebola, batata e algum pedaço de porco, regado com o azeite e servido com copo de vinho. Outras vezes, era servido frango assado ou cozido. O café da manhã era constituído de leite de cabra, broa ou bolo de farinha de milho e queijo de leite de cabra, quanto possível. Uma refeição simples, mas muito nutritiva. Tudo por eles produzido.

As roupas de cama e de uso pessoal eram tecidas a partir da lã retirada das ovelhas. Maria Conceição era uma fiandeira experiente e dava conta de produzir os cobertores e roupas rústicas para a família. Muito poucas outras peças de roupa necessárias eram adquiridas através de trocas por produtos agrícolas produzidos pela família ou com os poucos escudos que Maria ganhava quando vendia cobertores de lã aos visitantes nas romarias.

A vida era de intenso e prolongado trabalho em todas as estações do ano.

Mas, os habitantes encontravam momentos de lazer.

Geralmente, às sextas-feiras, finais de semana e feriados, eles se reuniam em um paço redondo, levavam suas cadeiras.

Acendiam tochas ao redor do paço e lá, ao som de guitarras e cantorias de fados, eles dançavam, assavam suas castanhas e suas sardinhas e passavam um pouco do ponto de serenidade bebendo seus deliciosos vinhos, conversando.

O pequeno José Maria crescia alegre e feliz, como qualquer criança. Ele gostava de descer a ‘enorme’ escada de pedra de costas e ver os porcos na parte de baixo da casa. Isto, quando não estava emaranhando os fios de lã que estavam enrolados em uma bola próxima da fiandeira.

- Garoto, vá brincar com outras coisas! Não atrapalhes o trabalho da tua mãe! Dizia, carinhosamente, sua mãe Maria.

O tempo passou e José Maria estava agora com seis anos de idade. E como costume do vilarejo, ele começou aprender a trabalhar! Uma de suas tarefas diárias era buscar água em uma bilha na bica de água mineral que vinha da montanha, próximo de sua casa.

Uma manhã, o pequeno José Maria não voltava com a bilha cheia de água. Maria estranhou a demora e foi procurar pelo seu filho. E lá estava ele em um canto escondido chorando. Ele havia quebrado a bilha de barro e se

sentia muito culpado por isto. Estava com vergonha de voltar para casa sem a bilha e o precioso líquido.

Ao vê-lo, tendo à volta os cacos de cerâmica da bilha quebrada, Maria logo entendeu a razão de sua fuga e de seu pranto. E, com carinho e compreensão, acertou-se dele e disse:

- Estás a chorar porque quebrastes a bilha, certo meu filho?

José Maria levantou a cabeça escondida entre seus braços e acenou com um leve balanço em concordância. Maria olhou novamente para ele, pediu que se levantasse, deu-lhe um beijo, pegou em suas mãos mostrando-lhe que era hora de voltar para casa, dizendo:

- Filho, tu não és culpado! A bilha é que era muito velha e já estava com a cerâmica fraca. Seu pai já estava pensando em comprar uma nova. Vamos para casa.

José Maria olhou aliviado para sua mãe, agarrou firme em sua mão e tinha a certeza, agora, que não tirariam dele este trabalho que ele tanto gostava de buscar água na bica.

Outra tarefa era levar em um pequeno balde batatas e verduras picadas para dar aos porcos.

E lá ia o pequeno José Maria descendo a escada de pedra com cuidado, carregando desajeitado o balde com a comida para os porcos. Mas, ele fazia isto com muita satisfação e adorava ver os porcos comerem.

De vez em quando, ele colocava em sua boca alguns pedaços de batatas cruas para experimentar, mas, logo cuspiu fora achando o gosto ruim. Talvez pensando: “Como os porcos conseguem comer isto!”.

E um dia Antônio disse à Maria:

- Maria, a partir de amanhã José Maria vai comigo para a quinta. Está na hora dele começar a aprender um pouco a lida por lá!

Maria ria e dizia:

- Espero que ele não vá lhe atrapalhar mais do que ajudar! Mas, isto é bom. Assim, tenho mais tempo para nossa Alzira.

.

Alzira, irmã de José Maria, estava com três anos de idade. E Maria já carregava em seu ventre seu terceiro filho.

Na quinta, seu pai Alexandre ensinava os primeiros passos para José Maria se tornar, um dia, um grande lavrador. Antônio desenterrava as batatas e pedia para José Maria lavá-las em um balde com água e, depois, colocá-las no cesto. Igualmente, esta operação era repetida quando Antônio cortava as folhas de verduras. Com muita responsabilidade, José Maria lavava as batatas e as folhas de verduras e as colocava em outro cesto. Assim era feito com as cebolas colhidas, o alho. E produto por produto, José Maria começou a experimentar os trabalhos na lavoura. E ele voltava com seu pai para casa muito contente e realizado, ajudando a levar os gêneros necessários para o preparo do almoço e jantar do dia.

Aos sete anos de idade, José Maria começou acompanhar seu pai no pastoreio das ovelhas e das cabras nos campos livres no alto da serra. Isto já era um treinamento para que o próprio José Maria cuidasse desta tarefa diária, dali a alguns anos.

Além de Alzira, José Maria ganhou o irmão Antônio e Maria tinha em seu ventre seu quarto filho. A família crescia, a casa ficava pequena, o sustento de todos tornava-se cada vez mais difícil.

E aos sete anos de idade, José Maria começou a estudar e cursar o ensino básico na escola da comunidade mantida pelo governo do Minho. Seriam nove longos anos, sendo que, nos quatro primeiros, ele teria somente uma professora generalista. Nos anos seguintes, ele passaria a ter aulas com vários professores de acordo com as várias matérias do ensino básico.

José Maria sempre se mostrou um brilhante estudante e, rapidamente, aprendeu a ler e escrever muito bem. Isto era um fato reconhecido por sua professora, que transmitia seu reconhecimento aos pais dele sempre que surgia uma oportunidade.

Quando lhe perguntavam o que ele gostaria de ser quando crescesse ele tinha a resposta pronta:

- Eu vou ser um professor!

O tempo voou e José Maria estava agora com os seus 10 anos de idade. E uma nova rotina passou a fazer parte de sua vida. Na parte da manhã ele cuidava do pastoreio das ovelhas e das cabras. À tarde, ia para escola. À noite, fazia sua lição de casa, sempre à luz de um candeeiro. Para o seu pai

Antônio, esta força de trabalho adicional significa um grande reforço para aumentar a produção dos bens necessários à família, agora aumentada com o nascimento da quarta filha, Laura.

Uma noite, após o jantar, José Maria ouviu uma conversa preocupante entre seus pais:

- Maria, está se falando por todos os cantos que Portugal não escapará de entrar nesta maldita guerra. Já há lutas sangrentas entre vários países da Europa. Mais tarde ou mais cedo, os soldados portugueses serão chamados para a guerra. Disse Antônio.

- Meu Deus! Uma guerra para que, homem? O que eles estão querendo e por que Portugal poderá entrar nesta guerra? Perguntou Maria.

- Eu não entendo muito das razões, Maria. Cá se ouve muito pouco do que acontece no Governo.

Na semana seguinte, um amigo vindo de Braga trouxe um jornal com notícias sobre a guerra que se espalhava pelas colônias e agora por toda a Europa. Antônio pode assim, ao receber emprestado o jornal, conhecer melhor o que estava acontecendo. E outros jornais foram emprestados e lidos por Antônio, trazendo manchetes assustadoras:

No dia 28 de junho de 1914 foi assassinado o arquiduque Francisco Fernando da Áustria, o herdeiro do trono da Áustria-Hungria pelo nacionalista iugoslavo Gavrilo Princip, em Sarajevo, na Bósnia.

O governo do Império Austro-Húngaro dá um ultimato com uma lista de exigências ao governo do Reino da Sérvia, enviado em 23 de julho de 1914. O Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, Sir Edward Grey, adianta que as condições impostas são inaceitáveis e se tratam de uma medida meramente para criar uma causa de guerra com o objetivo da Áustria-Hungria invadir e punir a Sérvia.

Isto foi o estopim para uma guerra mundial, iniciada com a invasão austro-húngara da Sérvia no dia 28 de julho de 1914. Diversas alianças formadas ao longo das décadas anteriores estão sendo invocadas. Há sérias preocupações que, dentro de algumas semanas, as grandes potências estarão em guerra e, através de suas colônias, o conflito poderá se espalhar por todo o mundo.

Antônio estava muito preocupado. Apesar do vilarejo São Bento da Porta Aberta parecer estar escondido do mundo e ter poucos habitantes, ele

poderá não estar livre de ser envolvido na guerra, caso Portugal seja obrigado a fazê-lo. E muitos de seus jovens, mão de obra já tão escassa no vilarejo, poderão ser convocados para a guerra.

Em 5 de agosto de 1914 toda a Europa estava em guerra. Em Portugal começaram a se fazer sentir os efeitos psicológicos da guerra. A moeda de prata desapareceu de circulação, as mercadorias subiram de preço e deu-se uma corrida aos bancos para levantar dinheiro. A par do pânico da população, o Governo não sabia o que fazer.

Em São Bento da Porta Aberta seguia-se, ainda, a rotina normal de paz e tranquilidade. Mas, Antônio e Maria se perguntavam: “Até quando, meu Deus?”.

José Maria, na infância de seus dez anos de idade, não compreendia o que isto significava para ele e toda sua família. Mas, o semblante preocupado de seu pai o deixava, igualmente, preocupado.

Era 10 de agosto de 1914. O vilarejo de São Bento da Porta Aberta era invadido por milhares de pessoas... Mas, não eram soldados inimigos! Eram peregrinos para mais uma estação de romarias.

E na casa de Antônio e Mario:

- Pai, mãe! Quando vamos à igreja e acompanhar a romaria? Perguntou José Maria.

- Já lá vamos esta noite! Respondeu Maria.

José Maria adorava esta época de romarias à Igreja de São Bento da Porta Aberta. Ele gostava de ver a multidão de peregrinos em marcha rumo à praça para os cultos e aproveitarem para ir às compras. E, naturalmente, se divertirem nas dezenas de barracas com vários tipos de comidas, doces e bebidas.

Antônio, igualmente, gostava, apesar de achar que estes cinco dias seguidos de romarias atrapalhavam um pouco sua lida no campo. Mas, ele não deixava de participar.

Da casa de pedra, onde moravam, até a Igreja de São Bento da Porta Aberta, eles caminhavam por volta de quatro quilômetros, que eram percorridos com grande alegria.

.

- Mãe! Que doce a senhora vai comprar para mim? Posso comer um doce de ovos? Ou, se for muito caro, uma papa de milho? Perguntava José Maria.

- Vamos lá ver! Respondia Maria.

- Não és somente tu, tem seus irmãos também! E dinheiro não cai do céu? Mas, lembre-se que o nosso propósito é ir lá para rezar! Acrescentou Antônio.

Para José Maria ficou o mistério se ele ganharia ou não o tão sonhado doce...

.
Este período é, por tradição, a grandes romarias a São Bento da Porta Aberta. Nestes dias, milhares de peregrino ocorrem ao santuário para cumprir promessas, pedir por milagres. Este ano, especialmente, se viam muitos romeiros carregando cartazes alusivos e contrários à guerra.

Sua mãe Maria levava cinco cobertores de lã feitos à mão por ela, desde o fio da lã. Se conseguisse vendê-los, certamente José Maria e seus irmãos ganhariam um doce cada um.

A família, finalmente, chegou ao santuário e todos estavam cansados. Maria mais ainda, pois carregava no colo a pequena Laura.

As várias missas realizadas concentraram-se, como era de se esperar, nas orações para que Deus protegesse Portugal e seus habitantes da guerra. Não era uma guerra desejada por ninguém.

Após assistir à missa, Maria dispôs no chão seus cinco cobertores de lá, na proximidade da porta de igreja, à espera de compradores interessados. Por cobertor, ela esperava receber 50 escudos. E alguns romeiros viam, outros pegavam o cobertor nas mãos, fazia perguntas, perguntava o preço e iam-se embora.

.
José Maria resolveu ajudar. Ele dobrou um cobertor, colocou-o em seus ombros e foi à procura de algum comprador interessado. Para chamar atenção, ele cantava o refrão de uma das músicas cantadas nas festas do paço onde morava. Ele costumava cantar junto com seu amigo Joaquim, que começava a se mostrar um bom cantor de fados e guitarrista.

“Ladrão, ladrão, ladrão!”.

“Roubastes minha mulher!”.

“Agora sou viúvo!”.

“Agora ninguém me quer!”.

Em seguida, chamava a atenção:

- O Outono está por vir! Cobertor de pura lã! Só 50 escudos!

E após várias voltas ao redor da praça de eventos, finalmente surgiu uma compradora vinda de Lisboa para pagar uma promessa feita para a cura de uma doença. E, para alegria de José Maria, ela ficou com o cobertor.

José Maria saiu em correria ao ponto onde estava sua mãe:

.

- Mãe! Mãe! Vendi um cobertor! Vou ganhar o doce de ovos?

Maria tinha vendido outro cobertor. Agora, tinham 100 escudos e podiam aproveitar melhor os prazeres da quermesse.

A festa incluía procissões, missas em vários horários, venda de imagens e outros artefatos religiosos. Na praça de alimentação, encontravam-se várias barracas: comida típica, vinhos, queijos, salames e presuntos, doces, rabanadas, sucos, castanhas assadas, sardinhas assadas, azeitonas. E muitas outras iguarias.

E, finalmente, chegaram a uma barraca onde se vendiam doces: papas de milho, torta de laranja, torta de amêndoa, bombons de figo, arrepiados de amêndoas, peras doces, doce de ovos, pastéis de Belém, biscoitos e outras coisas que deixavam José Maria e seus irmãos com água na boca.

E foi quando ouviram a melhor fala da noite, vinda de Maria:

- Vão lá! Compram um doce cada um!

- A mãe e o pai não querem? Perguntou José Maria.

- Não, não queremos não! Estamos bem! Respondeu Maria.

Mas, José Maria sabia que ela precisava muito levar o troco dos 100 escudos para casa.

José Maria comprou seu delicioso doce de ovos e os devorava com prazer.

Mas, em certo momento disse à sua mãe Maria:

.

- Mãe! Eu não quero mais! Enjoei! Coma este pedaço a senhora!

Maria olhou com carinho para o seu filho mais velho. Em seu coração de mãe ela sabia que ele não estava falando a verdade. Mas, agradeceu simplesmente pegando o pedaço de doce e dando-lhe um beijo na testa.

Já se fazia tarde da noite. Eles tinham uma longa caminhada de volta. Precisavam voltar.

- Mãe! Pai! Mas, nós vamos voltar outro dia, não vamos? Perguntou José Maria, seguido em seu entusiasmo pelos seus irmãos Alzira e Antônio. Laura já dormia profundamente nos braços cansados de Maria.

.

- Vamos a ver... Vamos a ver! Respondia Antônio, deixando um mistério no ar.

Finalmente, chegaram à casa de pedra. Cansados, foram todos dormir. Uma dura lida os esperava no dia seguinte. Mas, estavam todos muito felizes.

Nos dias seguintes, os jornais estampavam manchetes cada vez mais preocupantes sobre a evolução da guerra.

Guerra das guerras! O conflito está envolvendo as grandes potências de todo o mundo! Formam-se duas alianças opostas - os Aliados, com base na Tríplice Entente entre Reino Unido, França e Império Russo. Do lado oposto, os Impérios Centrais formaram a Tríplice Aliança, entre Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália.

Áustria-Hungria toma a ofensiva contra o acordo e a Itália não entra em guerra! A Itália decide lutar pelos Aliados. A guerra se expande para mais nações!

60 milhões de europeus foram mobilizados em uma das maiores guerras da história! Já há milhares de combatentes mortos de ambos os lados.

Na verdade, por detrás desta guerra absurda estão os planos imperialistas das grandes potências da Europa, como o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro, o Império Otomano, o Império Russo, o Império Britânico, a Terceira República Francesa e a Itália. Esta é a verdadeira causa!

A família voltou à romaria mais uma tarde, desta vez sem a pequena Laura, que ficara com seu pai Antônio. E, desta vez, Maria vendeu os três

cobertores que ainda restavam. Os escudos resultantes desta venda a ajudariam muito na compra de roupas e sapatos de artesões de fora.

Portugal começava a se envolver na guerra mundial.

Em Setembro de 1914 Portugal envia as primeiras tropas para África onde as esperariam uma série de derrotas perante os alemães, em Angola e Moçambique. Os partidos políticos se dividiram entre apoiar uma ou outra aliança. Os partidos de esquerdista estavam ao lado dos regimes da França e da Inglaterra, enquanto que os partidos da direita simpatizavam-se com os regimes das potências Alemanha e Austro-Hungria.

Porém, a questão que se colocava era se Portugal entraria na guerra ou não, já que a entrada de Portugal na guerra seria sempre ao lado da Inglaterra e França. O regime republicano decidiu-se a optar por uma tomada de posição ativa na guerra.

E se fundamentavam em várias razões: manutenção das colônias; necessidade de afirmar o prestígio e a influência diplomática do país; a crença de que era imperativo entrar na guerra pelo progresso nacional, ao lado das democracias; compromisso de aliança com a Inglaterra, tradicional aliada de Portugal; defender as colônias de uma possível penetração militar alemã.

No vilarejo de São Bento da Porta Aberta, jovens acima de 18 anos já começaram ser recrutados pelo Exército Português.

Em Fevereiro de 1916, A Inglaterra, antigo aliado português, decidiu pedir a Portugal o apresamento de todos os navios alemães e austro-húngaros que estavam ancorados na costa portuguesa. Esta atitude justificou a declaração oficial de guerra a Portugal pela Alemanha, em 09 de março de 1916.

Em 1917, as primeiras tropas portuguesas, do Corpo Expedicionário Português seguiam para a guerra na Europa. Portugal envolveu-se, depois, em combates na França.

Neste esforço de guerra, chegaram a estar mobilizados quase 200 mil soldados portugueses. As perdas eram de milhares de mortos e feridos, além de custos econômicos e sociais gravemente superiores à capacidade nacional.

.

À medida que o número de mortes foi aumentando no Corpo Expedicionário Português e o seu fim era previsível, a guerra tornava-se cada vez mais impopular.

O custo de vida aumentava, o abastecimento de gêneros escasseava e o desemprego aumentava. Estes fatores desencadearam violentas reações sociais, com greves e assaltos.

As famílias, na então pacata São Bento da Porta Aberta, começaram a se desesperar de perder seus jovens na guerra. A ideia de imigrar para o Brasil tomava conta do pensamento de várias famílias.

O tempo continuava seu curso implacável.

Nas romarias do ano de 1918, um personagem apareceu à porta de Antônio.

E este personagem mudaria por completo a vida do jovem José Maria.

Batendo palmas à porta, ele disse:

- Oh de casa! Oh de casa!

Antônio foi ao seu encontro procurando saber o que queria o desconhecido.

- Senhor, meu nome é Jácomo! Sou de Braga e cá estou para a romaria a mando de minha mãe. Mas, não consegui estalagem. Será que o amigo...

- Antônio, Antônio Alexandre... Respondeu Antônio, já um pouco cismado.

- Pois bem, senhor Antônio. Será que o senhor não teria um lugar em sua casa para eu passar os próximos dois dias. Eu lhe pagarei com o preço da estalagem!

Conversando com Maria, Antônio resolveu hospedar o forasteiro em sua casa por lhe parecer um bom homem. Além disto, alguns escudos a mais sempre podiam ajudar nas despesas da casa.

Jácomo ficou no quarto que era ocupado por José Maria e seu irmão Antônio. Naqueles dois dias, em que cederam o quarto ao hóspede, eles dormiram no celeiro do milho que aguardava a moagem no moinho de seu pai. E acharam muito divertido se esconderem no meio da palha do milho e jogarem espigas um no outro.

Como de costume, após o jantar, Antônio conversava com o senhor Jácomo, que pedia para ser chamado de Primo Jácomo, enquanto Maria, com os ouvidos atentos à conversa, lavava suas panelas e pratos do jantar servido.

- E o que faz o senhor Jácomo? Perguntou Antônio.
- Eu sou Agente de Viagem. Trabalho na companhia de navegação Chargeurs Réunis. E tenho feito algumas viagens ao Brasil, levando imigrantes de vários países, incluindo muitos portugueses.
- Mas, por que pedes para ser chamado de Primo Jácomo?

Jácomo riu e explicou:

- Alguns dos imigrantes são menores de idade. E pela lei, eles só podem viajar acompanhados dos pais ou de um parente próximo. Quando os pais não acompanham, eu me presto a ser este parente próximo!
- Ah, compreendo! Mas, isto lá não me parece muito bem feito! Respondeu Antonio.
- Na verdade, senhor Antônio, o Governo não está interferindo muito nesta situação. O Governo, de certa forma, está incentivando a imigração de patrícios para outros países, em especial o Brasil. Lá está havendo muito progresso. Pode-se dizer que se acha dinheiro pelas ruas. Os jovens vão, logo começam a trabalhar e ganham muito dinheiro. Como sabes, a situação econômica de Portugal não está lá nada bem. Estão faltando empregos para os jovens. E com a guerra está cada vez pior! Faltarão mais empregos ainda! Assim, a saída de imigrantes parece ao Governo uma solução parcial oportuna para o momento.
- Bem, está na hora de ir à deita que o sono está à espreita! O senhor me desculpe, mas vou me retirar ao meu quarto. Mas, fique à vontade. Disse Antônio.

Jácomo ficou ainda por um tempo, lendo alguns documentos sob a luz do candeeiro e, depois, foi ao quarto de José Maria e Antonio para dormir. Na manhã do dia seguinte, ele voltaria para Braga.

No dia seguinte, Primo Jácomose despediu de Maria e Antonio, deixando com eles o seu endereço em Braga.

Na partida, Jácomo disse:

- Sabe de uma coisa, senhor Antônio e senhora Maria? O Brasil está a estreitar cada vez mais as suas relações com Portugal. E o Brasil tem grande interesse em receber imigrantes portugueses. A imigração portuguesa está tomando força e milhares de homens, mulheres e crianças começaram a chegar ao Brasil devido às dificuldades econômicas cá do país e atraídos pela afinidade da língua e costumes. São muitos imigrantes partindo dos portos da cidade de Lisboa e de Leixões, no distrito do Porto. Embora muitos imigrantes portugueses estejam sendo encaminhados para o trabalho nas lavouras de café e para a agricultura, a imigração de portugueses está se mostrando mais urbana, com maior concentração, principalmente, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Eles estão se ocupando nos pequenos e grandes comércios, como padarias, açougues, marcenarias. Alguns portugueses que foram para as lavouras, migram agora para as cidades à procura de melhores perspectivas de ganho, novas oportunidades abertas pelo intenso florescimento da capital de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em seguida, Jácomo, ou o Primo Jácomo, agradeceu a hospedagem e se colocou à disposição em Braga.

As palavras sobre o progresso no Brasil, as oportunidades de emprego e de ganhar dinheiro ficaram martelando a cabeça de Antonio...

José Maria estava agora com 14 anos, completados no dia 3 de outubro de 1918.

Uma noite, Antônio surpreendeu seu filho José Maria com uma fala:

- José! Amanhã vais comigo quinta do meu amigo, o senhor Manoel, ajudá-lo no lagar. Prepare-se, pois estaremos a andar em volta pisando em muitas uvas!

Isto era algo que José Maria sempre gostou de experimentar. A moagem das uvas com os pés descalços era uma prova que seu pai já o considerava um homem feito. José Maria sentia orgulho disto.

O senhor Manoel era um dos maiores produtores de vinho do vilarejo e vendia seus vinhos no Minho e Lisboa, tendo os maiores vinhedos da região.

No dia seguinte, lá se foram pai e filho em direção à quinta de Manoel. Lá chegando, perceberam grande movimentação. Carros de bois traziam os cachos de uvas colhidos e os cestos eram colocados ao lado dos lagares esculpidos em rochas espalhadas a céu aberto nas terras de Manoel.

Em uma destas caminhadas até a quinta de Manoel, Antônio perguntou a José Maria:

- Filho, o que achas de ir ao Brasil? Eu estou pensando em conversar com sua mãe a respeito. Eu conheci uma pessoa, o Primo Jácomo, que cuida de levar jovens interessados em imigrar para o Brasil. Disse-me ele que lá tem muitas e boas oportunidades de emprego, que se acha dinheiro pelas ruas e o país é jovem e está em fase de grande progresso!

José Maria ouviu, não disse nada. Neste momento, ele pensou nos amigos da escola, seus pais e irmãos e toda sua vida em São Bento da Porta Aberta que teriam que ficar para trás.

- Aqui em São Bento da Porta Aberta sua vida não será diferente do que é hoje. Além disto, temos agora a guerra e podes ser convocado para ser um combatente! Reforçou seu pai Antônio.

- Pai, fale com a mãe. Mas, eu acho que ela não concordará que eu vá! Respondeu José Maria, na esperança ou certeza de que Maria interferisse a seu favor e não o deixasse partir.

Mas, não foi bem esta a reação de Maria. Como mãe e amando todos os seus filhos, Maria sabia bem que o sustento da família estava cada vez mais difícil. Ainda mais naquele momento em que Maria tivera sua filha caçula de nome Severina. Agora, eram cinco filhos. A pequena quinta de Antônio já não era suficiente para produzir todo o alimento necessário de todos. A produção de milho caiu e o moinho produzia farinha cada vez menos. Os efeitos da guerra abalavam muito a pequena economia de São Bento da Porta Aberta. Então, Maria se posicionou a respeito da viagem:

- Antônio, se isto for para o bem de José Maria e se ele puder ter um futuro melhor no Brasil, ele que se vá! E, com o passar do tempo, todos nós poderemos ir lá ter com ele. Eu prefiro que ele parta a morrer em uma guerra!

A guerra mundial estava finda desde abril de 1916, com a assinatura do Tratado de Versalhes. Mas, alguns combates isolados ainda aconteciam nas colônias. O pior é que muitos países achavam que a situação ficou mal resolvida da forma como ficou. Assim, o medo da guerra ser retomada em uma escala maior dominava todos os pensamentos.

.

Os meses que se seguiram foram de repetidas conversas entre Antônio e Maria e entre eles e José Maria. José Maria ora se mostrava entusiasmado com a ideia, ora ficava triste na maioria das vezes.

Mas, ele sabia que seus pais nunca desejariam algo de mal para ele. Assim, ele foi aceitando aos poucos a ideia que seus pais passaram a defender, a de partir para o Brasil.

No começo de 1919, Antônio Alexandre procurou por Primo Jácomo em Braga. O objetivo de sua viagem era discutir detalhes para uma iminente viagem de José Maria. Ele queria saber o processo de documentação, os prazos e, principalmente, os custos...

O Primo Jácomo disse-lhe que o procedimento é muito simples. José Maria precisaria tirar um passaporte português, em primeiro lugar. Depois, ele próprio Jácomo providenciaria o visto perante as autoridades brasileiras, assumindo a responsabilidade pelo acompanhamento de José Maria. A compra da passagem de ida no navio era de sua alçada, uma vez Agente de Viagem que era. Os custos totais, incluindo a hospedagem em Braga, o transporte para o Porto, o embarque, refeições, entre outras pequenas despesas não sairia por menos de 2.000 escudos.

- Dois mil escudos? Disse Antônio, surpreso.
- Dois mil escudos, senhor Antônio! Confirmando Jácomo.

Antônio voltou um tanto quanto desanimado. Ele não tinha este dinheiro e não via como ganhar este dinheiro por um bom tempo.

Ao chegar a casa, cabisbaixo, Antônio relatou à Maria o que ocorrera em Braga e o custo de mandar José Maria ao Brasil.

- 2.000 escudos? Mas, isto é muito dinheiro. E não o temos, Antônio!

Por algumas semanas o assunto foi esquecido e todos voltaram à sua rotina. José Maria ajudava na elaboração do jornal da comunidade, patrocinado pela igreja de São Bento da Porta Aberta. Ele demonstrava um excelente dom da escrita.

Mas, com o agravamento da situação pós-guerra de Portugal, a diminuição da produção de farinha, a produção insuficiente na quinta, o aumento das necessidades da família e até a redução do número de romeiros no vilarejo, um dia Maria disse a Antônio:

- Antônio! Podes vender as joias de tradição da família. Não são muitas, mas, com certeza, serão suficientes para se pagar os 2.000 escudos da viagem de José Maria ao Brasil.

Maria, como filha mais velha, herdara de sua mãe as joias da família que sua mãe, por sua vez, as herdara de sua mãe, avó de Maria. Foi uma decisão muito difícil esta. Maria sonhava em poder repassar estas joias para Alzira, sua filha mais velha. Mas, a viagem de José Maria para o Brasil lhe parecia uma prioridade a ser respeitada.

Antônio surpreendeu-se com a decisão de sua esposa Maria. Ele bem sabia que sacrifício isto significava para ela e que demonstração de amor à família ela dava.

E, assim, o fez Antônio, arrecadando mais do que os necessários 2.000 escudos para a viagem de José Maria com a venda das peças de joia.

Os meses que se seguiram foram de preparativos para a viagem de José Maria. Seu irmão Antônio passou a ocupar sua lida no pastoreio e na quinta. A pequena Laura cuidava de buscar água na bica com a bilha e levar o balde com batatas e verduras picadas aos porcos, diariamente.

José Maria entrou em profundo silêncio por muitos dias, se refugiando pensativo nas montanhas e no moinho de farinha de milho. Cada vez que a roda d'água dava uma volta, ele contava lentamente, procurando desviar, sem sucesso, seu pensamento de como seria sua vida no Brasil, se aguentaria ficar longe de seus pais, irmãos, amigos da escola, sua gostosa rotina na lida diária, as romarias da igreja.

Mas, sentia que sua sorte estava selada, quando seu pai Antônio mostrou-lhe satisfeito sua passagem de navio. A partida estava marcada para o dia 1 de julho de 1919.

Chegou junho, trazendo a estação de verão. A primavera se despedia e tinha sido uma estação fria. Assim, o calor do sol no verão era muito bem vindo. José Maria tinha um mês para as providências finais de sua viagem e as despedidas de seus amigos e parentes.

A notícia da ida de José Maria espalhou-se por toda comunidade. Nas missas que se seguiram na igreja de São Bento da Porta Aberta, em várias oportunidades o padre fez menção à partida de José Maria, de um lado lamentando a perda de um bom rapaz e auxiliar do jornal da comunidade e,

de outro lado, desejando-lhe uma boa viagem e muito sucesso na Terra de Santa Cruz.

Seus amigos, ao se encontrarem com ele, davam-lhe os parabéns pela decisão e diziam palavras de reforço, apoiando a decisão. Vários deles diziam que gostariam de fazer a mesma coisa. José Maria era tratado como um jovem desprendido e de coragem, um exemplo a ser seguido por todos que almejam melhores oportunidades e progresso para sua vida.

Seus parentes, quase todos, reafirmaram ser a decisão de Antônio e Maria acertada, principalmente com o fantasma da guerra rondando os jovens e a falta de perspectivas futuras de emprego e sucesso em Portugal. Alguns poucos achavam que ele devia continuar na terra onde nasceu e ajudar Portugal a resolver seus problemas. Mas, todos diziam ter esperança que, um dia, José Maria voltaria a viver no vilarejo.

José Maria, de seu lado, ficou estranho, fechou-se, isolou-se e mudou seu comportamento de um rapaz extrovertido para introspectivo. Ele passou a olhar a tudo e a todos com um olhar fixo, observador, demorado, como se tivesse querendo gravar muito bem em sua memória as cenas do seu cotidiano em São Bento da Porta Aberta para levá-las para sempre ao Brasil.

No último dia de aula em sua escola, aonde chegara a cursar até o sétimo ano do total previsto de nove anos do curso básico, José Maria ficou um pouco mais na escola. Lentamente, ele via seus colegas saírem. Observava-os demoradamente, um a um, gravando seu jeito de andar, seus sorrisos, seu tipo físico. Na sala de aula, olhava as cadeiras, procurava se lembrar de onde sentava cada um de seus colegas. Olhava para o quadro-negro, onde muitas vezes fora chamado para fazer cálculos ou escrever frases. Abria lentamente o armário onde guardava seus lápis, livros e cadernos. Saindo, foi até o paço de esportes, onde muitas vezes brincara e jogara com seus amigos. Depois, dirigiu-se ao portão de saída, olhou mais uma vez para trás gravando a última cena do contorno e configuração do prédio da escola e sempre com os olhos lacrimejados, pegou a estrada de terra rumo à sua casa de pedra. Ele sabia que não voltaria mais a ver sua querida escola.

Em casa era a mesma coisa. Ele olhava todos os movimentos da pequena Laura ao buscar água na bica com a bilha, a forma desajeitada que ela descia a escada de pedra. O balanço do balde com batatas e verduras picadas em sua mão a caminho do chiqueiro. Pensava:

- Quando voltarei a ver esta menina linda, minha irmã Laura?
.

Voltava-se depois para Antônio, que vivia as mesmas alegrias que ele viveu um dia, ao receber as responsabilidades pelo pastoreio das cabras e das ovelhas na montanha, a lida na quinta de seu pai. Era um menino forte, com certeza seria um moço mais forte do que ele no futuro. “Como será este meu irmão daqui a alguns anos? O que ele estará fazendo? Será que viajará também para o Brasil, nos veremos lá? Ou preferirá ficar, fazer cá uma família e continuar na comunidade?”.

Alzira já era uma moça e principal auxiliar de sua mãe Maria. José Maria a observava, gravando e registrando todos os seus gestos e movimentos, enquanto cuidava da lida da casa. Ele queria ter todas estas imagens bem lembradas no Brasil. De vez em quando, Alzira parava com alguma lida que da casa, sorria para José Maria, e dizia fingindo-se zangada:

- O que estás a olhar tanto rapaz? Não tens nada melhor a fazer?

José Maria acompanhou Antônio em seu último pastoreio das cabras e ovelhas na montanha. Seguiu abraçado a Antônio, como se dissesse: “Meu irmão, eu gosto muito de você e sentirei muito a sua falta!”. Uma vez no alto da montanha, ele procurou cada um dos animais que conhecia muito bem. E, um a um, ele se agachou e abraçou-os, aproximando seu rosto à cabeça do animal, e se despediu, dizendo: “Meu amigo, muito obrigado por tudo que vocês fizeram e continuarão fazendo pelo meu pai, minha mãe e meus irmãos. Obrigado pelo precioso leite, pela lã que nos aqueceu no inverno!”.

- Por que estás a chorar? Perguntou Antônio.

- Nada, meu irmão. Talvez, alguns ciscos que entraram em meus olhos. O vento aqui no alto está forte! Respondeu José Maria.

Mas, Antônio bem sabia o motivo. E levantou-se, abraçando-o demoradamente.

No dia seguinte, José Maria foi à quinta, onde desde pequeno ajudava seu pai a colher as batatas, cebolas, couve, repolho, milho e tantas outras coisas. Ele foi até a fonte de água. Bebeu um pouco da água, refrescou seu rosto com ela, como se estivesse se benzendo pela última vez nesta sagrada água que garantiu sempre a rega e uma boa produção.

Depois, seguiu os sulcos na terra por onde a água circula aos canteiros, visitando cada um deles, lenta e pensativamente. Às vezes, tocava a folha de algumas plantas por algum tempo, como fazendo um último carinho e uma despedida.

No dia seguinte, ele passou a manhã no moinho. O moinho que sempre foi muito generoso com sua família. Ele deitou-se na palha de milho e perdeu-se no tempo ouvindo o barulho da água e da roda. A pedra mó girava como sempre ignorando que, mais alguns dias, seu companheiro de trabalho não mais estaria por lá. José Maria tocava em tudo. Na porta, nas paredes de pedra do moinho, na roda d'água, pegava a farinha pronta, provava seu sabor e a derramava de volta aos poucos, como uma ampulheta que marcava o tempo final de sua estada em São Bento da Porta Aberta.

Mais alguns dias depois, visitou seus parentes. Várias tias, tios, primos. Em algumas casas se detinha para almoçar, em outras para comer as últimas rabanadas portuguesas e, como sempre, ouvia mais palavras de incentivo, o que o deixava um pouco mais conformado com sua partida. Estranhava como todos tinham a certeza de que, alguns anos depois da partida, ele estaria de volta à sua terra natal. Ela chegou até acreditar que isto, efetivamente, viria acontecer um dia.

E, por fim, José Maria foi à igreja, quando esta estava vazia, e orou ajoelhado ao São Bento, padroeiro da cidade. Com os olhos marejados de lágrimas, ele fez sua última oração:

“Meu querido São Bento. Cá estivemos juntos por vários anos, ora na missa, ora trabalhando para o seu louvor. Agora, quis o destino que uma nova missão fosse determinada para mim em terras estrangeiras. Confesso que isto não foi do meu gosto. No fundo de meu coração, eu gostaria de continuar aqui, na minha terra, na terra onde nasci, ajudando meu pai na lida da lavoura e no pastoreio. Gostaria de continuar estudando e terminar meu curso básico e, quiçá, prosseguir meus estudos e me formar um professor um dia para ajudar as crianças de São Bento da Porta Aberta em sua educação. Mas, respeito a vontade de meus pais. Sei da situação que Portugal está passando neste momento e todos os reflexos perversos da guerra. Meus pais não me mandariam ao Brasil se isto não fosse bom para mim. Assim, meu Santo, peço sua proteção para que tudo transcorra bem na viagem. Proteja-me na minha estada no Brasil e me dê forças para vencer os desafios que sei que encontrarei por lá e vou ter que enfrentar. E, um dia, meu bom São Bento, faça-me voltar. Eu não gostaria de morrer em terras estrangeiras. Faça com que o mesmo destino que me tirou de minha terra natal me faça voltar um dia. Amém!”.

José Maria deixou a igreja. Parou por alguns minutos à sua porta, voltando seu olhar para o altar no fundo. Mais algumas lágrimas rolaram em sua face.

Ele fez o sinal da cruz e foi embora...

O último ato de partida foi um retrato que Antônio Alexandre quis tirar com seu filho José Maria para o álbum de família, finalmente vestidos com roupas elegantes cedidas pelo único estúdio fotográfico do vilarejo, registrando o momento da partida.

Agora, tudo estava feito!

No dia 28 de junho de 1919, o Primo Jácomo chegava a São Bento da Porta Aberta para, no mesmo dia, levar José Maria com ele, rumo à cidade de Braga. Lá, eles aguardariam a confirmação do embarque.

Na despedida, estavam os seus pais Antônio e Maria; seus irmãos Alzira, Antônio, Laura e Severina e os seus três melhores amigos da escola, Fernando, Francisco e Henrique.

José Maria abraçou a todos, com muitas lágrimas nos olhos e pouca fala. Em seguida, subiu para o auto-ônibus que o levaria à cidade de Braga. Aos poucos, o auto-ônibus deixava o pequeno terminal de São Bento da Porta Aberta.

José Maria, através da janela, acenava com um adeus e era correspondido pelos seus familiares e amigos. Começava sua longa jornada rumo ao Brasil. Uma viagem só de ida? Só Deus saberia!

.

O grupo que se despediu dele ficou parado no terminal até que o auto-ônibus desaparecesse na estrada. Todos estavam muito tristes...

Enquanto o auto-ônibus cortava a estrada rumo à cidade de Braga, em um percurso de 40 quilômetros, o Primo Jácomo e José Maria conversavam e trocavam informações sobre a viagem:

- José Maria, não se esqueça. Eu sou seu primo para todos os efeitos de assumir a responsabilidade de sua viagem. Chame-me sempre por Primo Jácomo. Disse Jácomo.

- E viajaremos somente nós dois? Quis saber José Maria.

- Não! Mais três jovens estarão conosco no Porto. Um de Lisboa, outro de Coimbra e outro de Aveiro. Mas, tu és o caçula do grupo, o de menor idade, o de menor estatura!

- ‘Espero que não seja o de menor inteligência!’. Pensou José Maria.

.

- E quanto tempo nós teremos de viagem até Braga, Primo Jácomo? Perguntou José Maria.

- Por volta de 1 hora, 1 hora e meia! Esclareceu Jácomo.

- E onde ficaremos por lá? Continuou José Maria.

- Nós ficaremos em uma pensão e lá dormiremos algumas noites até a confirmação do embarque. E comeremos por lá mesmo. A senhora Fátima é uma excelente cozinheira! Respondeu Jácomo.

José Maria parou com suas perguntas, encostou sua cabeça no banco do auto-ônibus e se limitou a olhar os campos e moradas ao longo da estrada, cuja visão nunca tinha visto antes. E sempre se lembrava do grupo que se despediu dele no terminal de auto-ônibus. A apreensão era muito grande.

Finalmente, eles chegaram à cidade de Braga e, imediatamente, se dirigiram à pensão da senhora Fátima. Apesar da saudade que já sentia, José Maria começava a sentir o prazer da aventura e das constantes novidades que surgiam em sua vida. Algo que todos os jovens gostam.

José Maria estava a morrer de fome! A senhora Fátima os recebeu à porta. Já era 8 da noite. E um saboroso arroz de Braga os esperava à mesa.

José Maria se deliciou com o arroz de Braga, que tinha frango, repolho, azeitonas pretas, galinha e a tradicional linguiça defumada.

- Meu Deus! Eu nunca comi comida mais gostosa do que esta! Disse José Maria à senhora Fátima.

- Que bom que tu gostastes, meu jovem! Mas, para onde estás a ir? Perguntou dona Fátima.

- Ao Brasil, vou morar por lá por algum tempo. Mas, voltarei um dia! Respondeu José Maria.

Dona Fátima, uma mulher já experiente e que vira muitos casos de fracassos de jovens portugueses que se mudaram para o Brasil e nunca mais voltaram, desabafou:

- É um crime mandar para o Brasil os moços nesta idade. Eles não vão trabalhar! Vão brincar e com más companhias. Lá se perdem, nunca mais cá voltam. É uma terra cheia de perdições!

E a senhora Fátima repetiu isto por várias vezes durante a estada de Jácomo e seus imigrantes.

Enquanto esperava por notícias sobre o embarque, José Maria passeava a esmo pelas ruas de Braga. Ele nunca vira antes uma cidade tão grande. E se espantava com o mesmo barulho de todos os dias - os elétricos, o comboio apitando, este vai e vem de gente diferente.

Aproveitava para ler o jornal do dia afixado na banca de venda, passava na estação para ver o comboio que estava previsto chegar naquela hora. E pensava:

- Que diferença para o lugar de onde eu venho!

O dia 29 de junho de 1919 seguiu esta mesma rotina para José Maria. Após o almoço, ele aproveitou para dormir e relaxar na pensão. Assim, podia se recuperar do esforço físico da viagem e do cansaço mental que a despedida lhe causara.

À noite, José Maria aproveitava para fazer algo que ele gostava muito - escrever. No verso de folhas de um formulário de expedição de mercadorias, dadas pela senhora Fátima, ele começou a escrever um diário. Queria que suas emoções ficassem registradas para a certeza de não esquecê-las com o avançar da idade e do tempo.

Primo Jácomo, vendo José Maria concentrado na escrita, lhe perguntava:

- O que estás a escrever tanto aí, rapaz?

- Estou deixando meu coração me ditar! Respondeu José Maria, com um discreto e enigmático sorriso.

Mas, no dia 30 de junho de 1919 chega o aviso para que no dia 1 de julho o grupo se dirigisse à cidade do Porto a fim de embarcar.

A turma ficou alvoroçada. Todos estavam alegres para viajar, mas, ao mesmo tempo, tristes por ter que partir deixando para trás sua família e a terra onde nasceram.

Tão logo recebeu o aviso de embarcação, o Primo Jácomo chamou todos e disse:

.

- Hoje vamos dormir cedo. Amanhã, vamos partir no comboio das 4 horas rumo ao Porto!

E assim foi feito. Todos foram se deitar cedo.

O Primo Jácomo foi o primeiro a acordar às 3 horas. E, imediatamente, acordou os jovens que dormiam pesadamente. Ainda com sono, todos se levantaram rapidamente, se arrumaram, pegaram suas malas e estavam prontos para tomar o rumo à estação.

A noite estava escura, ainda.

- Vamos com Deus! Pediu José Maria.

Sobre a linha férrea lá estava um gigante de ferro e aço ganhando pressão, com uma chaminé jogando fumaça de carvão para o ar cujo cheiro impregnava toda a redondeza. Bufava qual fera enraivecida, soltando jatos contínuos de vapores por todos os lados.

A locomotiva já estava engatada a 70 carros. A programação de saída esta mantida - 4 horas da manhã. E todo o grupo estará há 55 quilômetros longe de Braga. Os amigos e parentes dos passageiros, que foram à estação se despedirem, se abraçavam, se beijavam, outros choravam de emoção. Enfim, são amizades que se separam e, quem sabe, até quando?

Na estação se verifica a costumeira confusão de lugares, correrias com malas e sacolas. O trem dá o primeiro apito, o segundo logo em seguida. E o Chefe da Estação trina o seu apito, liberando a locomotiva para começar a rodar toda a composição.

Em seu canto, José Maria pensa em seu pai, sua mãe e seus irmãos.

E, muito triste, ele pensa:

.

- 'Havia tanta gente na estação dando adeus e nenhum de minha família!'

Por uns instantes, José Maria recolheu-se ao silêncio de seu coração, ouvindo somente a saudade falar com ele.

O 'trac-ta-trac' das rodas sobre as emendas dos trilhos é para José Maria uma nova sensação e, assim, segue o grupo adiante iniciando sua longa viagem a uma nova vida. Pelas janelas José Maria vê ficar para trás luzes, postes,

árvores e casas iluminadas. Ele estava atendo a tudo, mostrando grande curiosidade, encantamento e surpresa.

O dia começa a clarear. Das janelas do comboio os passageiros já podiam ver os campos, os milharais, os pomares, as videiras carregadas de uvas ainda verdes, desta região. Para trás ficaram as vilas, quintas e povoados.

E o Primo Jácomo diz a todos:

- Estamos chegando ao Porto!

O grupo desembarcou na Estação de São Bento e, em meio a tanta gente, José Maria procurava estar sempre junto ao grupo para não se perder. O Primo Jácomo e seus acompanhantes se dirigem à agência de navegação a fim de receber as passagens e carimbar os passaportes. Na agência, eles ficam informados que o embarque é em Leixões, a 1 hora. Pela folga do tempo, eles ficaram pela cidade dando umas voltas, conhecendo novas paragens.

E todos comentavam e conversavam:

- Grande cidade! É aqui que se localizam as principais indústrias do norte do país. O povo anda mais apressado.

Nas margens do Rio Douro, barcos carregam mercadorias, barris de vinho, fardos de cortiça, conservas de toda espécie, principalmente, sardinhas, que daqui vão para todo o mundo.

O Primo Jácomo chamou a atenção de todos:

- Aqui é a ponte Don Luiz, que liga a cidade à Vila Nova de Gaia. Lá embaixo, é a ponte Dona Maria Pia. Aqui é a Torre dos Clérigos, a construção mais alta da cidade.

Todos observavam curiosos. Em especial, José Maria.

O passeio pela cidade do Porto despertou mais ainda o apetite do grupo. Estava na hora de comer. Então ordena o nosso chefe:

- Vamos almoçar e depois pegamos o elétrico para Leixões!

Neste horário das 11 horas, as ruas ficam cheias de gente do trabalho que procura por todos os meios, alimentar-se.

O grupo segue Primo Jácomo até uma casa de pasto e lá almoçam. Após o almoço, seguem para a estação, à espera do elétrico. José Maria admira, então, os quadros em azulejos nas paredes da grande garé. São quadros que descrevem vários episódios da História de Portugal. Além do gosto pela escrita, ele gostava muito de história, sendo um aluno de destaque também nesta disciplina.

Finalmente, chega à estação o elétrico ‘Leixões’, que levará o grupo por um percurso de 15 quilômetros. Todos sobem. Do carro, José Maria se atém a apreciar o movimento em toda a margem do Douro – clubes, praias, indústrias e finas residências desfilavam aos seus olhos.

Leixões é o segundo porto do país e vários navios de pequena tonelagem atracam em operações de carga e descarga. Os grandes navios não atracam. Eles ficam fora da barra e aqui se faz o embarque e desembarque em barcos menores. Todos esperam o barco da companhia francesa que os levará a bordo do navio. Finalmente, chega o barco portando a bandeira da França e nele todos embarcam ao encontro do Bougainville, navio que os levará às Terras de Santa Cruz.

- Em dado momento, José Maria exclama:

- Vejam ao longe! Entre os muitos navios que aqui se acham fundeados está o Avaré, com a bandeira brasileira!

O barco que faz o traslado do grupo chega ao costado do navio. Todos sobem a escada e, já no interior do navio, são verificados os seus documentos pelas autoridades e a tripulação indica-lhes o seu alojamento.

O alojamento da classe de viagem deles é um grande salão na ré, que ocupa toda a largura da embarcação. São camas, beliches de lona esticada, distribuídas no grande salão. Este um navio misto, que leva passageiros e cargas.

Um grande alvoroço se estabelece a bordo. Gente de toda a parte, predominando espanhóis, portugueses e italianos. Todos procuram arrumar suas coisas em seus armários. O navio recebe carga e tudo que é destinado à alimentação dos passageiros e tripulantes.

José Maria para por uns instantes, olhando todo este movimento. E, em um momento de reflexão própria de sua imaturidade, pensa:

.

- 'Para que tudo isto? Se cada um ficasse em sua terra não haveria este vai e vem!'.
.

Estamos no dia 01 de julho de 1919, no porto de Leixões, às 6 horas da tarde. Tudo é preparado para a partida ao primeiro apito do navio. Barcos se afastam, cordas são retiradas das amarras. Segundo apito, marujos que correm de um lado para o outro, autoridades que retiram oficiais que vão para seus postos. Terceiro apito. Sobe a escada e ouve-se o acelerar das máquinas. E o navio começa a mover-se para frente.

José Maria permanece na ré do navio sentado em um rolo de cordas, com as mãos segurando o queixo, vendo como lentamente fica para trás aquela cidade que há pouco ainda pisava. Uma imensa saudade invade sua alma.

- 'E minha mãe, meu pai? Meus irmãos? Ficaram sem mim!'. Pensa com semblante triste.

A noite vem caindo lentamente. Os passageiros a bordo não veem mais nada, a não ser luzes dos faróis, que previnem dos perigos, e as boias de alertas espalhadas pelo mar. O comandante do navio dá as ordens para uma marcha a todo vapor. José Maria vai suportando este balanço enjoado e a trepidação provocada pelas máquinas com paciência e resignação.

Aquele dia tinha sido um dia movimentado para ele. Cansado, recolheu-se para deitar e sonhar.

Todos acordam com os apitos do navio, avisando que era hora do café da manhã. O navio estava encostado no cais em Lisboa. A programação era que o navio permaneceria neste porto durante todo o dia. Cargas, descargas e passageiros descem e sobem.

José Maria vê o panorama da cidade de um lado e do outro do Tejo. Parte alta, parte baixa, lá em cima o Castelo de São Jorge. Passa sobre eles um hidroavião. Pela primeira vez José Maria via um avião.

Ao redor havia vários outros navios parados. Primo Jácomo apontava e dizia que eram navios de guerra.

Finalmente, às 6 horas da noite, depois de todas as atividades de rotina, a embarcação começa a mover-se e vai deixando, vagarosamente, o Tejo, em direção ao mar. Vai deixando para trás Lisboa, seguindo para alto mar e à cidade de Recife, primeiro ponto de parada já no Brasil.

.

A vida a bordo para José Maria é maravilhosa. Ele come muito bem, não enjoava, todos os dias havia brincadeiras entre a garotada. Ele só estranhava as línguas diferentes, que dificultavam o entendimento. Muitos espanhóis, alguns franceses e passageiros de outras nacionalidades.

Sempre prestativo, José Maria conseguiu um relacionamento com um português que trabalhava na cozinha. Ele e mais dois rapazes se ofereceram para ajudar a descascar batatas, à tarde. Como recompensa, eles teriam o direito, ao fim do trabalho, a um gostoso bife de filé, dentro de um pão de trigo, tudo feito na hora. Para todos, fora um bom e delicioso negócio!

Vários dias se passaram. Água por todos os lados, céu em cima, Deus em tudo.

Em um dia, todos enfrentaram um terrível temporal. Chuva e vento de proa fazia do navio um brinquedo infantil. O mar encapelado formava grandes ondas as quais batiam contra o costado, fazendo estremecer tudo. Outras cobriam o convés, lavando tudo de ponta a ponta. Ordens de comando são dadas a fim de assegurar bem o fechamento da boca dos porões, portas de corredores e de escadas.

Muda o vento e logo muda a direção do barco a fim de enfrentá-lo de frente. Todos os passageiros recolhidos aos seus aposentos. Receosos, aguardam que abrandam estas cenas de horror.

Quem nunca teve uma experiência de viagem de navio, reza e chora. Mas, apareciam passageiros que tiveram experiências de viagens anteriores, que procuravam acalmar os demais:

- Isto não é nada! É sempre assim! Estamos chegando à linha equatorial. Podem estar tranquilos que ao amanhecer de logo mais, estará tudo em calma!

E, assim, aconteceu. No dia seguinte, havia um belo dia de sol. A bordo, festeja-se a passagem do Equador.

A tripulação organiza a festa, com a presença do Rei Netuno com todos os seus príncipes, baixando leis e batizando os novatos, provocando momentos de grande alegria entre todos os passageiros.

Era dia 14 de julho de 1919. O navio amanhece todo embandeirado, atapetado e com enfeite por todos os lados. Os tripulantes todos barbeados, limpos. José Maria estranhou esta modificação. Depois ficando sabendo que

estava se comemorando a Revolução Francesa, a famosa Queda da Bastilha, que derrubou a última horda de tiranos.

A viagem já durava 20 dias e sem que nenhum passageiro pudesse ver terra. Até que, por fim, aparece à direita uma ilha. Correm todos para ver. Os passageiros são informados que se trata do arquipélago de Fernando de Noronha, pertencente ao Brasil. Este arquipélago recebe os condenados a longas penas.

Algumas horas depois, ouve-se o grito de um dos tripulantes, que estava alto do mastro em um pequeno cesto redondo: “Terra à vista!”. O Primo Jácomo esclarece ser as costas de Pernambuco. Algum tempo depois, a embarcação chega a Recife. Aqui o navio não atraca a cais, manda para o fundo suas pesadas âncoras e fica parado.

Imediatamente, vêm a polícia, autoridades sanitárias ao navio, que fica rodeado de pequenas embarcações de vendedores de mercadorias aos passageiros. Podem-se ver barcos com bananas, cocos e muitas outras frutas, desconhecidas da maioria dos passageiros, além de chapéus de palha, chinelos de vegetais. Para a entrega das mercadorias compradas, é usada uma corda com um gancho na ponta onde desce o dinheiro e sobe a mercadoria.

É preciso gritar para ser ouvido pelos barqueiros lá embaixo. Então, forma-se esta gritaria infernal.

- Um mil reis!
- Dez mil reis!
- Uma dúzia de bananas!
- Um coco!

Enfim, pior ainda fica entender a língua de uns e de outros, mas, é muito divertido e curioso para os passageiros.

Vem caindo a noite e todos se aprestam para mais uma partida. O porto de Recife é todo salpicado de ilhotas, recifes, em uma vasta área. Não dá para ver o formato da cidade, mas, pode-se ver a bordo que existem rios cortando a cidade e várias pontes.

.

O navio deixa lentamente o porto e navega novamente para alto mar. O destino agora é a cidade do Rio de Janeiro. A bordo o navio tem agora algumas pessoas negras, que embarcaram no último porto. José Maria não tinha visto antes gente negra. Assim, ele ficava horas apreciando como falavam como ele, mas com um sotaque bem diferente.

Continuam os divertimentos. De um lado, um português que toca sanfona, de outro lado, outro que canta o fado, mais adiante um grupo de espanhóis dançando e sapateando ao som de castanholas. Todos estão alegres, talvez para espalhar as saudades de tudo e de todos que ficaram.

A viagem completa nesta data 21 dias. Um atraso bem grande, a tempestade que tiveram que enfrentar e, por vezes, houve mudança na rota porque há ainda o perigo de minas pelo mar. José Maria fica sabendo que mais dois dias chegarão ao Rio. Agora, à direita e muito longe, pode se ver a sombra de terra e de noite clarões. São as cidades do litoral, desconhecidas para a maioria dos passageiros.

Dia 23 de julho de 1919 - Em uma bela manhã ensolarada o navio entrava na baía de Guanabara. À direita aparece um forte, à esquerda um morro ligado ao outro por um cabo aéreo. Primo Jácomo esclarece que é a Urca e o Pão de Açúcar.

José Maria exclama:

- É muito lindo este pedaço de mar.

E todos apreciam a entrada no porto.

Às quatro horas da tarde começa a verificação dos documentos pelas autoridades a bordo. Ao escurecer, Jácomo e seus acompanhantes desembarcam no cais Mauá.

Ele diz ao grupo:

- Esta noite, nós vamos jantar na Rua do Acre e depois embarcamos novamente e seguimos amanhã para São Paulo, nosso destino. José Maria fica neste porto!

Em um restaurante da Rua do Acre, o prato do dia era feijoadada. Vem uma comida de carnes com feijão preto, pimenta, farinha. José Maria estranha o prato. Mas, o Primo Jácomo com sua experiência ensina como temperar os

pratos. José Maria achou excelente o jantar por nunca ter comido feijoadada. Ele gostou muito e comeu até ficar completamente satisfeito.

Depois de dar uma volta pelo centro da cidade, o grupo foi para uma estalagem pousar aquela noite.

José Maria, em seu canto, pensa:

- A partir de amanhã estarei sozinho!

O medo e a insegurança tomaram conta de dele. Ele tinha apenas alguns trocados e não tinha dinheiro suficiente para ficar em uma estalagem e muito pouco para comer.

Ele contava em arrumar um trabalho logo. Dele se lembrou de que em Portugal ele ouvia dizer que no Brasil se encontrava dinheiro pelas ruas...

- Mas, acho que isto era para dizer que há muito trabalho por aqui! Concluiu.

Seu pai Antônio havia orientado José Maria para procurar um amigo seu português que trabalhava na cozinha do Derby Clube. Seu nome era Abílio Monteiro. Ele poderia lhe dar uma ajuda e lhe encaminhar para um emprego.

José Maria estava muito preocupado. Pode-se até dizer que ele experimentava uma sensação de pavor. Ele não conseguia respirar todo o ar que precisava, doía-lhe o estômago. Eram os sintomas clássicos da síndrome do pânico.

- Gostaria que meus pais estivessem aqui comigo! Pensou, aflito.

José Maria acordou cedo e, logo depois do café da manhã, despediu-se do Primo Jácomo e seus três companheiros de viagem, que embarcaram novamente rumo ao seu destino São Paulo.

José Maria saiu da estalagem, não teria condições de continuar hospedado por lá, e saiu à procura do amigo de seu pai, Abílio Monteiro, no Derby Clube.

Carregando uma pequena mala com algumas poucas roupas que trouxera, José Maria pôs-se em marcha nas calçadas, perguntando para um e para outro onde ficava o Derby Clube. Finalmente, ele teve uma indicação de um

policial de trânsito. O Derby Clube ficava no bairro do Maracanã, há uns cinco quilômetros de distância onde estava. Andar cinco quilômetros para José Maria não se apresentava como nenhuma dificuldade, uma vez que era um jovem acostumado a andar longas distâncias em sua terra natal e subir montanhas no pastoreio das cabras e ovelhas de sua família.

Um pouco mais de uma hora de caminhada, José Maria estava à frente do Edifício do Derby Clube. Era um edifício imponente e artisticamente construído em uma esquina. Ele se aproximou do Porteiro e disse por que viera:

- Senhor! Como posso falar com Abílio Monteiro? Ele é amigo do meu pai Antônio Alexandre, de São Bento da Porta Aberta, em Portugal. Ele trabalha na cozinha...

- Meu jovem, qual o seu nome? Perguntou o Porteiro.

- José Maria!

O Porteiro procurou contato com a administração do Derby Clube e veio com a pior notícia que José Maria poderia esperar:

- Rapaz, o senhor Abílio Monteiro não trabalha mais aqui. Ele deixou o clube e mudou-se para São Paulo! O Derby Clube está se associando com o Jockey Clube e alguns funcionários estão saindo ou sendo dispensados.

José Maria ficou mudo e pálido. Conseguiu apenas dizer um ‘muito obrigado, senhor’ e se retirou lentamente a esmo, sem rumo. Estava, agora, perdido nesta imensa cidade.

·
- São Paulo, mudou-se para São Paulo... O Primo Jácomo levou meus três companheiros para São Paulo... Parece que é lá que se encontra dinheiro pelas ruas... Desabafava José Maria baixinho, enquanto procurava definir um rumo de ação.

Ele tomou o caminho da Avenida Rio Branco, onde vira muitos estabelecimentos comerciais pertencentes a portugueses que cá vieram há mais tempo.

E começou a procura por uma oportunidade de trabalho.

- Bom dia, senhor! Estás precisando de um rapaz para serviços gerais? Posso lavar louças, limpar o chão, ajudar a servir... Dizia José Maria,

parando em vários estabelecimentos, como bares, padarias, açougue, mercados.

E, em todos eles, a resposta era quase sempre a mesma:

- Não, rapaz. Na verdade, precisamos de ajudante já maior de idade e com experiência...

E o 'bom dia' foi substituído por 'boa tarde', depois por 'boa noite'. E nenhuma oportunidade surgira para o aflito José Maria. Com a chegada da noite, ele não tinha a menor ideia onde poderia dormir! Seu estômago roncava de fome.

Seu último contato do dia foi em uma padaria de um português, localizada na Avenida Rio Branco, que estendeu um pouco mais a conversa com José Maria:

- Boa noite, rapaz! Mas, o que fazer aqui no Rio de Janeiro? Estás sozinho? Perguntou o senhor Fernando.

- Sim! Acabo de vir de São Bento da Porta Aberta, um pequeno vilarejo da Freguesia do Rio Caldo, Município de Terras do Bouro, Província do Minho! E procuro por trabalho. Não tenho onde ficar esta noite. Respondeu José Maria.

- São Bento da Porta Aberta! Sim, conheço muito! Já lá estive por várias vezes em romaria! Eu nasci no Minho! Respondeu o senhor Fernando.

- E o senhor teria trabalho para mim? Posso lavar louças, limpar o chão, ajudar a servir... Disse José Maria.

- Infelizmente, não, meu jovem. Cá trabalho com poucas pessoas e o quadro é suficiente. Respondeu o senhor Fernando, afastando-se e voltando-se para atender uma cliente à busca de seus pães.

José Maria encerrava sua procura por trabalho aquele dia. Cansado, ele sentou-se à beira da calçada, ao lado da Padaria do senhor Fernando, procurando uma saída para sua vida neste primeiro dia sozinho no Rio de Janeiro.

.

Às 10 horas da noite, o senhor Fernando fechava a sua padaria, quando viu o jovem José Maria ainda sentado á beira da calçada, tendo ao lado sua maleta de roupas, chorando baixinho.

O senhor Fernando parou por uns instantes, abriu novamente a porta da padaria à meia altura e convidou José Maria para entrar.

- Estás com fome? Perguntou o senhor Fernando.

- Senhor, por hoje tomei somente o café da manhã e até agora não comi mais nada! Só andei à procura de um amigo de meu pai no Derby Clube. Mas, ele não se encontrava mais por lá! Foi-se embora para São Paulo. Respondeu José Maria.

Como patrício, pai e ser humano, o senhor Fernando teve compaixão de José Maria. Serviu-lhe um lanche quente, um copo de leite com café e um doce da padaria. E quis saber um pouco mais da vida de José Maria e a razão de estar sozinho nesta cidade do Rio de Janeiro.

O senhor Fernando, após ouvir pacientemente a história e os motivos da vinda do jovem José Maria, ficou atônito. Nunca conhecera algo semelhante. Ele vira muitas histórias de jovens corajosos que se aventuram por uma nova vida no Rio de Janeiro, vindo de várias partes do mundo, principalmente de Portugal. Mas, nenhuma história como a de José Maria, com seus 14 anos de idade.

Por fim, disse:

- Meu rapaz, você pode ficar por aqui na padaria nos próximos dias, até que arrumes algum trabalho. Durante o dia tu podes me ajudar nos serviços gerais. Ao lado da despensa, onde guardo os sacos de farinha, há um espaço onde podes te acomodar para dormir. Há um pequeno banheiro ao lado, de uso dos funcionários, que podes utilizá-lo. Mas, continue procurando por um emprego melhor. Cá eu te darei uma pequena ajuda em dinheiro, mas poderás te alimentar do que temos aqui.

José Maria olhou com um profundo agradecimento para o senhor Fernando, fez acenos com a cabeça em concordância. Em seguida, o senhor Fernando mostrou-lhe onde poderia dormir e o local do banheiro e finalizou:

- Eu vou fechar as portas da padaria. Ficarás aí preso durante a noite. Quando fores dormir, apague todas as luzes! Mas, logo nos veremos amanhã

bem cedo. Nós abrimos de madrugada para os padeiros começarem a fazer os pães.

José Maria suspirou profundamente e aliviado. Havia resolvido seu problema mais imediato – onde ficar e onde comer. Ele lembrou-se de sua oração a São Bento na partida e agradeceu por sua interferência.

Queria poder falar com seu pai Antônio e sua mãe Maria e contar-lhes as novidades. Mas, impossível.

E foi assim que José Maria começou sua vida na sonhada Terra de Santa Cruz!

No dia 10 de agosto de 1919, José Maria completava 15 dias de trabalho na Padaria Luso-Brasileira, do senhor Fernando.

Neste mesmo dia, no longínquo bairro da Mooca em São Paulo, Anna Josephina comemorava seus três aninhos de idade, ao lado de seu pai João Scaramella e Severina Stefani. Eles viviam em uma casa simples e uma vida pobre, com muitas dificuldades. Eles eram filhos de imigrantes italianos, que vieram para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho e uma nova vida longe da conturbada Europa. Tiveram seis filhos: Henrique, Anna, José, Nino, Sílvia e Luís.

O pai de João Scaramella, italiano que trabalhara na Itália em fábrica de luvas e chapéu onde ganhou grande experiência, logo se tornou em São Paulo um industrial próspero e rico, após criar uma empresa de luvas e chapéus, artigos de grande procura na época. Moravam em uma casa grande e de requinte, que tinha à porta até um mordomo para atender visitantes e servir a família.

João Scaramella era um jovem charmoso, alegre e elegante e, principalmente, de família rica. E não teve muita dificuldade de conquistar o coração de Severina Stefani, cuja família era extremamente pobre. Assim, Severina se desinteressou por um rapaz que vendia batatas e se encantou por João Scaramella, iniciando um namoro.

Mas, este período de fartura da Família Scaramella terminou quando o patriarca e fundador da empresa de luvas e chapéu, pai de João Scaramella, foi abatido com um tiro na nuca por soldados por não ter obedecido a uma ordem de ‘parada’, em um período de conturbação social que São Paulo vivia e em pleno estado de sítio.

.

Infelizmente, ele não ouvira a ordem em razão de uma surdez total que tinha.

Seus filhos, então, sem o conhecimento técnico que o patriarca detinha, não tiveram condições de dar continuidade à fábrica de luvas e chapéu, que encerrou suas atividades. E todos eles foram empobrecendo e tiveram que procurar alternativas de sobrevivência.

João Scaramella se tornou um especialista em confeccionar placas para profissionais liberais e empresas, além de consertar datadores e carimbos. Como seu pai, logo jovem ele perdera por completo a audição. O seu ganho não era muito e insuficiente para manter alimentados seus seis filhos. Viviam uma vida pobre e simples.

No Brasil, como ocorrera em Portugal, a Primeira Guerra Mundial trouxe dificuldades para todos e a economia estava em fase de recuperação, mas lenta e gradualmente.

Severina Stefani, de vez em quando, brincava com João Scaramella fazendo comparação com o rapaz interessado em sua corte, o batateiro. Este se tornou um grande atacadista e ficou rico. Assim, de vez quando, brincando ou falando sério, Severina Stefani desabafava: “Antes, eu tivesse me casado com o batateiro!”.

A vida de Anna Josephina sempre foi marcada por privações, principalmente, na dificuldade de comprar suas roupas, calçados e até se alimentar como gostaria. Sua mãe Severina, a aconselhava a visitar sua avó italiana, mãe de Severina, na hora do almoço para ser convidada a dividir o almoço com ela. Nos primeiros dias, a avó de Anna Josephina deixava sua neta entrar e se servir do almoço. Mas, com o passar do tempo, percebendo que virara rotina e em razão de passar, igualmente, por sérias dificuldades para sobreviver, sua avó a recebia, sem abrir mais a porta, dizendo:

- Che cosa siete venuti a fare qui? Non venire qui a mangiare! Andare a mangiare a casa tua!

E João Scaramella continuava com seus serviços de confecção de placas e consertos de datadores e carimbos, procurando colocar em casa o alimento que todos seus filhos precisavam. Em alguns dias, não conseguia...

Na Padaria Luso-Brasileira do senhor Fernando, o que era para ser um trabalho e estada por alguns dias, se tornou algo mais permanente. O senhor Fernando ficou tão encantado com o ritmo de trabalho, dedicação, interesse

em aprender e energia de José Maria, que o contratou efetivo, quando da saída de um atendente de balcão. E, assim, José Maria trabalhou com o senhor Fernando até completar 18 anos de idade.

Estamos no ano de 1922. Em uma carta recebida de seu pai Antônio, ele ficou sabendo que seu pai viria visitá-lo no Rio de Janeiro.

Antônio vendera o moinho. Espalhavam-se por São Bento da Porta Aberta os planos do Governo de construir uma represa na região. A quinta e o moinho estavam no nível de ser inundados pelas águas da represa, quando isto acontecesse no futuro.

Assim, ele vendeu o moinho a um grande produtor de milho, que concordou em ficar com o moinho até as águas chegarem, conseguindo os escudos necessários para visitar seu filho no Brasil.

Antônio ficou muito pouco tempo no Brasil. O suficiente para conhecer alguns pontos do Rio de Janeiro, conversar muito com seu filho José Maria, matar a saudades, contar-lhes as novidades de São Bento da Porta Aberta, falar da falta que José Maria fazia em casa, a saudade imensa de sua mãe e irmãos e ouvir o entusiasmo de José Maria com o início de seu sucesso no Brasil.

José Maria ficou muito feliz em poder receber seu pai no Brasil. Agora, ele podia mostrar-lhe que tinha um trabalho e uma pequena poupança para seus planos futuros.

E José Maria conseguia guardar, praticamente, quase tudo que ganhava e formava um pequeno patrimônio. Assim, pode se mudar para uma pensão, onde dividiu o quarto com outro português, o Manoel de Menezes, que trabalhava como garçom nos melhores restaurantes e bares do Rio de Janeiro.

E o novo amigo Menezes o introduziu na carreira de garçom, função muito procurada pelos bares e restaurantes elegantes do Rio de Janeiro e cujo exercício rendia um bom salário e boas gorjetas.

O senhor Fernando sentiu a saída de José Maria, mas, ao mesmo tempo, ficou contente em saber que o tinha ajudado em um momento crucial de sua vida na cidade e que, agora, ela partia para alçar voos por conta própria, dando sua largada para o sucesso profissional.

.

José Maria estava feliz. Conseguiu se manter na pensão, escrevia regularmente para os seus pais, contando as novidades e procurando saber das novidades de sua terra natal. E tinha dinheiro para comprar, agora, seus cigarros, adquirindo este vício. Seus pulmões, acostumados a respirar o ar puro das montanhas de São Bento da Porta Aberta, experimentava agora a contaminação da fumaça deste vício, que se tornaria trágico na vida de José Maria. Se lá estivesse, com certeza sua mãe Maria Conceição não o deixaria fumar...

No Café Bellas Artes, localizado na Avenida Rio Branco, n.º 178, no centro do Rio de Janeiro, ele foi contratado como garçom ganhando duzentos e quarenta mil reis e recebia quase duas vezes mais em gorjetas.

Com um rendimento maior, José Maria decidiu trocar de pensão, deixando de dividir o quarto com seu amigo Manoel de Menezes. Ele mudou-se para uma pensão melhor, de bom nível e especializada em hospedar homens solteiros.

Em São Paulo, os serviços de João Scaramella fracassavam. Ele começou a ouvir de sua irmã Sylvia, que morava no Rio de Janeiro, que lá havia muitos profissionais liberais e muitas empresas. Isto poderia significar para ele maiores possibilidades de arrumar clientes para os seus serviços.

Assim, João Scaramella e Severina Stefani não hesitaram muito em se mudar para o Rio de Janeiro, com seus seis filhos. Lá, foram recebidos pela irmã de João Scaramella, que os acomodou provisoriamente em sua casa, até que se integrassem à cidade e João Scaramella conseguisse arrumar novos clientes e manter sua família.

Mas, os primeiros dias no Rio de Janeiro não foram nada fáceis para João Scaramella. Os clientes apareciam aos poucos, mas não, ainda, em número suficiente para o ganho que sua família precisava. Os filhos procuraram por trabalho e outras formas de sobrevivência para ajudar em casa.

Assim, Anna Josephina aceitou trabalho em uma pensão por conta de ganhar apenas a comida. Já estava muito bom para ela. Era uma pensão considerada de bom nível e especializada em hospedar homens solteiros de fino trato. Entre eles, estava José Maria.

Ela, Anna Josephina, com 15 anos de idade.

Ele, José Maria, com 27 anos de idade.

.

E nos dias que se seguiram ao início de trabalho de Anna Josephina na pensão, os dois começaram a se conhecer...

- Bom dia! A rapariga é nova por aqui? Perguntou José Maria, no primeiro dia que a conheceu, no café da manhã.

- Sim, senhor! Respondeu Anna, tímida e baixando a cabeça, logo dando continuidade ao seu trabalho.

- Mas, pelo seu sotaque não és do Rio de Janeiro! Disse José Maria.

- Não, eu vim de São Paulo! Respondeu Anna.

- Ah! Eu logo tive esta impressão. Você fala como uma italianinha. Disse José Maria, rindo.

Em seguida, José Maria perguntou:

- E qual é o seu nome?

- Anna, Anna Josephina! Respondeu Anna.

- O meu é José Maria e eu vim de Portugal! Disse José Maria.

- Que o senhor era português eu já tinha percebido há tempo! Respondeu Anna, sorrindo.

- Mas, por favor, não me chames de ‘senhor’! Pediu José Maria.

Anna limitou-se a dar-lhe um sorriso simpático e saiu saltitando pelos corredores entre as mesas. Ela demonstrava interesse e alegria por conhecer José Maria.

Nas demais refeições, José Maria observava a maneira rápida com que Anna se dedicava ao trabalho. De porte físico pequeno, ela parecia elétrica, fazendo tudo às pressas, correndo entre as mesas limpando as pequenas sujeiras, retirando pratos e talhares, sorrindo timidamente aos hóspedes. De vez em quando, ela arriscava um olhar a José Maria, que a acompanhava sempre com um olhar atento, observador e... interessado! Mas, Anna logo desviava o olhar e cuidava do serviço.

Mas, alguns dias depois, ela comentou com a cozinheira da pensão, que era sua orientadora, enquanto comia apressadamente uma refeição:

- Senhora Neide, a senhora reparou o português bonito que está hospedado aqui?

Mas, a senhora Neide logo chamou sua atenção:

- Anna, Anna, você ainda é uma menina e aqui temos somente homens. Você será bajulada todos os dias. Você é jovem, simpática. Não dê trelas aos homens. Isto pode prejudicar o seu trabalho aqui. O senhor José Maria é um homem respeitador e educado. Mas, é um homem...

- Ah! Sim, claro, naturalmente. Isto eu nunca farei! Respondeu Anna.

Nas semanas que se passaram, Anna e José Maria se identificavam e começaram a se gostar. Mas, nunca passou pela cabeça da menina Anna namorar um homem mais velho do que ela. Mas, sua atração aumentava. Pensava, caso isto acontecesse, qual seria a reação de sua mãe Severina?

Uma sexta-feira, José Maria, no final do expediente e após o serviço de jantar, perguntou a Anna:

- Já está noite! Eu poderia acompanhá-la até sua casa? Apenas como companhia. A esta hora há muito rapazes à toa nas ruas que podem lhe incomodar!

Anna pensou, pensou alguns segundos mais. Seus olhos brilharam. E ela respondeu:

- Acho que o senhor... quero dizer... você pode sim. Mas, não deixe a senhora Neide nos ver. Espere-me na esquina.

José Maria respondeu apenas com um sorriso feliz. Estava combinado o primeiro encontro entre eles.

O caminho até a modesta casa onde morava Anna era de, aproximadamente, dois quilômetros. Distância e tempo suficientes para José Maria contar parte de sua história, sua vida em Portugal, os motivos de sua vinda ao Brasil, o desespero que tomou conta dele quando ficou sozinho no Rio de Janeiro na chegada.

Anna contava de sua vida em São Paulo, as dificuldades que a família passava, a profissão de seu pai João Scaramella, algo sobre a vida de seus irmãos.

.

No caminho pararam para tomar um sorvete, o que ajudou na caminhada e aplacar o calor que sentiam em seus corações e do verão carioca.

José Maria chegou à casa de Anna, despediu-se no portão, dando-lhe as mãos. Sua mãe Severina, que já estava preocupada com o atraso de sua filha, viu a cena e, tão logo Anna entrou, questionou:

- Quem era aquele homem que estava com você? E por que veio com você para casa?

- Mãe, é um hóspede português lá da pensão. Ele está sozinho aqui no Rio de Janeiro. Ficamos amigos! Disse Anna.

- Anna, se seu pai e seus irmãos virem isto, vão arrumar confusão! Eles não vão gostar de ver você tão menina andar com um homem já feito! Aconselhou sua mãe.

- Mãe, o José Maria é apenas um amigo, hóspede da pensão onde trabalho. E ele é um homem bom, de bons sentimentos e muito respeitador. Procurou tranquilizar Anna.

Mas, os dias passavam e os Anna e José Maria estavam cada vez mais enrabichados. Em um sábado, eles combinaram um encontro para uma visita ao Jardim Botânico. José Maria gostava muito do contato com a natureza, forma de compensar um pouco a saudade dos campos e das paisagens de sua querida São Bento da Porta Aberta. E este passou a ser o passeio preferido do casal, sempre que tinham um tempo livre e uma oportunidade.

E foi no Chafariz das Musas, em um dos passeios ao Jardim Botânico, que aconteceu o primeiro beijo entre José Maria e Anna Josephina, selando o namoro sério entre eles.

O segundo destino preferido do casal José Maria e Anna Josephina aos finais de semana e feriados era a Ilha de Paquetá. Um local tranquilo, romântico e de exuberante natureza. Este passeio ajudava José Maria e Anna Josephina a relaxar e se recuperar do cansaço físico e mental de seus desafios e trabalho de todos os dias.

E neste passeio, Anna foi surpreendida com a presença do seu irmão mais velho Henrique que, sem hesitação, lhe questionou:

.

- O que você está fazendo com este homem aqui? A mamãe sabe? Você não está vendo que está saindo com um homem que tem idade quase para ser seu pai? Vamos logo para casa, senão eu lhe dou uns tapas aqui mesmo!

José Maria procurou se controlar e não se intrometeu. Nesta oportunidade, ele decidira conversar com os pais de Anna sobre suas intenções de um namoro sério.

E Anna voltou para casa com seu irmão Henrique, muito assustada.

- Qual será a reação de meus pais quando Henrique contar para eles que sai com José Maria? Questionava-se.

Mas, quando Anna e Henrique chegaram em sua casa, viram que José Maria também lá estava. Como um homem de decisão e que não gostava de protelar assuntos importantes, José Maria achou melhor conversar com os pais de Anna a respeito de suas intenções.

A conversa com a mãe de Severina não foi nada fácil. Seus irmãos Henrique e José se opuseram ao namoro dela, uma menina de 15 anos com um homem de 27 anos. Severina gostou muito de José Maria. Seu coração de mãe lhe dizia que se tratava de um bom homem e que poderia fazer sua filha feliz.

E José Maria saiu da casa de Anna sem a autorização de sua mãe para o namoro. Severina foi mais influenciada pela atitude hostil de seus dois filhos, do que por sua decisão própria. Alheio a toda esta situação, João Scaramella continuava consertando seus datadores e carimbos, além das placas, cujos pedidos começavam a cair em bom número.

José Maria voltou triste. Pensava até em deixar a pensão. Mas, para sua surpresa, Anna não se apresentou mais ao serviço. Com certeza, sua família achou melhor tirá-la de uma pensão exclusiva para homens para evitar o assédio e outros contratempos.

Mas, a esta altura, tanto José Maria como Anna já estavam comprometidos em seus corações e sentiam que deveriam fazer uma vida juntos. E isto aconteceu de uma forma não convencional e até revolucionária para a época.

Com uma vontade incomum de crescer na vida e oferecendo sempre em troca um trabalho honesto, intenso, dedicado e motivado, José Maria

conseguiu o cargo de Gerente na Leitaria e Sorveteria Londres, em Campo Grande, subúrbio do Rio de Janeiro, na Rua Barcelos Domingos, n.º 7, ganhando o salário de trezentos mil reis.

O dono do estabelecimento, um português do Minho, resolvera voltar a Portugal e lá ficar por um bom tempo. Assim, procurava um gerente que pudesse substituí-lo no estabelecimento como se ele fosse, até que decidisse se voltaria ou não para o Brasil e se colocaria o estabelecimento à venda ou não. E ninguém melhor que José Maria para assumir esta responsabilidade, pelas referências e impressões que dele teve.

Ele e seu amigo Manoel de Menezes se separaram profissionalmente, mas continuaram amigos até os últimos dias de suas vidas.

José Maria procurou por Anna e disse a respeito de sua mudança para Campo Grande e pediu para que ela fosse embora com ele. Não havia clima na família dela para que esta decisão fosse negociada. Assim, a única saída que viram foi a fuga em nome do amor e uma vida melhor a dois. Anna fez uma análise de sua vida de carências e privações, sentiu em José Maria uma oportunidade de uma vida melhor, constituir uma família. E concordou.

Uma manhã, Anna saiu, deixando um bilhete para sua mãe:

“Mãe, fui embora com José Maria. Tenho a certeza de que ele é um homem bom, honesto e muito trabalhador e poderemos fazer uma vida juntos. Perdoe-me. Logo darei notícias. Peça ao papai para compreender minha decisão. Pela situação que estava em casa com o Henrique e o José, não tínhamos como conversar sobre isto antes. Tenho a certeza que serei feliz! Fiquem com Deus!”.

E lá se foram Anna Josephina e José Maria para Campo Grande, formando um casal informal, mas com planos de união legalizada o mais breve possível.

Seus irmãos Henrique e José, ao saberem do ocorrido, tiveram uma primeira reação de ir à procura de Anna. Mas, acharam por bem seguir em suas vidas, deixando-a em paz. Na verdade, Henrique e José nunca tiveram uma má impressão de José Maria, ao contrário. A restrição para o namoro se dava mais pela diferença de idade.

José Maria tinha uma poupança suficiente para comprar sua primeira casa em Campo Grande. Era uma casa simples, com um bom quintal para os filhos que esperavam ter. E seria um bom começo.

Após três meses, Anna enviou uma carta aos seus pais, dando informações sobre o seu paradeiro, dizendo da oportunidade de trabalho ao José Maria, sua felicidade e que, muito em breve, fariam uma visita. E quando isto aconteceu, a recepção ao casal foi muito boa e a paz tinha se estabelecido na família Scaramella. Henrique se tornou um dos melhores amigos de José Maria. José procurava cuidar mais de sua vida. Era introvertido e se interessava mais por seus problemas e seus planos.

.
No dia 18 de dezembro de 1937, Anna Josephina Scaramella, nascida em São Paulo, em 10 de agosto de 1916, filha de João Scaramella e Severina Stefani e José Maria da Costa, filho de Antônio Alexandre da Costa e Maria Conceição da Costa, casaram-se em no Registro Civil das Pessoas Naturais da Quinta Circunscrição do Distrito Federal Lagoa e Gávea, sem maiores festas e cerimônias e Anna passou a assinar Anna Josephina da Costa.

Naquele mesmo ano, nasceu seu primeiro filho Antônio Alexandre. Em 1939, sua filha Severina de Jesus. Em 1941, seu filho João.

Os negócios iam muito bem para José Maria e a família aumentava. Ele comprou uma casa maior em Santa Cruz.

O dono da Leiteria e Sorveteria Londres, em Campo Grande, voltou de Portugal e assumiu novamente os negócios.

Apesar de convidado para permanecer no cargo, no qual organizou e impulsionou os negócios do estabelecimento, José Maria achou melhor ter o seu próprio negócio. E, assim, montou seu Bar e Mercearia em Santa Cruz, vizinha da base aérea de Santa Cruz.

.
José Maria pode, então, conhecer a diferença entre ser um empregado contratado e um dono de estabelecimento. E logo aprendeu que, diferente de sua distante São Bento da Porta Aberta, muito de seus fregueses eram pessoas de honestidade duvidosa e aproveitadores. Isto lhe trouxe muitos aborrecimentos e desgastes. Até uma situação de perigo de vida...

O Bar e Mercearia Santa Cruz estava localizado em um bairro de população pobre do Rio de Janeiro. Assim, era um local muito carente, onde moravam pessoas de baixa renda. Tão logo abriu o estabelecimento, muitos fregueses pediram para comprar fiado, com a promessa de saldar a dívida ao final de cada mês.

Se muito o fizeram, muitos outros deram calote, deixando de ir ao estabelecimento. Ao tentar cobrá-los diretamente em suas casas, José Maria

era hostilizado. Assim, aprendeu com prejuízos a lição de que não deveria vender mais fiado, salvo casos muito especiais de reconhecida honestidade e responsabilidade. Isto abalou o equilíbrio financeiro do negócio.

Mas, perigo maior surgiu com um homem, apelidado de Tom Mix. O apelido se dava em razão dele estar sempre portando um revólver e se mostrando como valentão. O seu apelido veio de Tom Mix, um personagem dos filmes de cowboys do cinema americano da época. O tal de Tom Mix trabalhava no matadouro e, além de um revólver, ele andava sempre com um facão na bainha presa ao seu cinto. E Tom Mix começou uma conversa esquisita com José Maria:

- Senhor Costa, sabe, eu vou comprar algumas coisas aqui. E o senhor pode ficar tranquilo que ninguém vai se atrever a lhe causar algum mal. Basta o senhor falar que é protegido de Tom Mix!

E o que Tom Mix queria dizer é que ele compraria algumas coisas e não pagaria por estas algumas coisas, em troca de proteção. José Maria não tinha entendido muito bem. Ele, ainda, não estava acostumado com a malandragem que imperava no Brasil. E quando José Maria percebeu que Tom Mix não pagaria suas pendências de compras, ele simplesmente se recusou a fornecer qualquer outro produto ou bebida, sem o pagamento à vista. Isto revoltou o Tom Mix que começou a ter atitudes grosseiras e fazer ameaças ao José Maria. E, em vista da decisão de José Maria de não vender mais nada ao Tom Mix sem o devido pagamento, ele começou a espalhar pela região que mataria José Maria na primeira oportunidade.

Os dias que se seguiram foram de muita aflição na família de José Maria. Anna Josephina, já com três filhos pequenos, rezava sem parar pela proteção de seu marido e acendia velas aos santos e a Deus.

- Anna, eu sei que o Tom Mix é um homem violento. Mas, eu não poderei deixar de ter um enfrentamento com ele. Eu não sou covarde e não posso deixar que ele fique falando que vai me matar sem que eu tire satisfações com ele. Disse José Maria um dia.

Assim, na primeira oportunidade, José Maria se municiou de um pedaço de lenha retirada do estoque próximo ao fogão à lenha e, quando Tom Mix entrou no Bar e Mercearia Santa Cruz, José Maria o enfrentou, tomando satisfação.

- Você anda dizendo que vai me matar! Quero que você fale isto na minha frente! E por que você quer me matar? Em razão de eu não fornecer

mais produtos de graça para você? Você não tem seu emprego, não ganha seu dinheiro? Por que acha que eu não preciso ter o meu emprego e ganhar o dinheiro que preciso para minha família?

Tom Mix ameaçou tirar o facão da bainha. José Maria levantou o pedaço de lenha pronto para se defender. Foi quando apareceram três amigos de José Maria e, cercando Tom Mix, disseram:

- Homem! Se você mexer com o Costa, vai ter que mexer com a gente, também!

Em seguida, os três amigos de José Maria levaram o tal de Tom Mix para fora do estabelecimento aos empurrões, apesar de sua resistência e palavras de bravatas.

E, a partir daquele dia, ele não foi mais visto no bairro...

- Anna, esta é uma terra de gente boa e trabalhadora. Mas, é uma terra, também, de muita gente desonesta e de criminosos. Precisamos ter mais cuidado com nossos relacionamentos! Disse José Maria, reconhecendo que no Brasil as coisas eram bem diferentes de sua pacata São Bento da Porta Aberta, em Portugal.

Em 1941, a Segunda Guerra Mundial era deflagrada. E, se a guerra prejudicou José Maria em Portugal, desta feita o beneficiou no Brasil. Dezenas de soldados americanos vieram ao Brasil para operações conjuntas com a Força Aérea Brasileira. E como o Bar e Merceria Santa Cruz, agora de José Maria, era o estabelecimento mais próximo da base, eles se serviam de lanches, refrigerantes, gêneros alimentícios, bebidas. Muitas vezes, pagavam em dólares.

Na maioria das vezes, os soldados americanos se faziam acompanhar de soldados brasileiros intérpretes, que ajudavam nas comunicações com José Maria e Anna. Mas, não raras vezes, os americanos apareciam sozinhos. E aí, no começo, se estabeleciam divertidas confusões:

- Mr. Da Costa. I want 6 bottles of coke and 10 sandwiches with ham, cheese and toasted bread.

José Maria ficava olhando para eles, rindo sem graça e deixando claro que não havia entendido nada. Os soldados americanos procuravam com gestos indicar os produtos e explicar para o meu pai o que eles estavam querendo. Apontavam para o presunto, depois para o queijo, mostravam as garrafas de

Coca-Cola, a chapa onde eram feitos os lanches quentes. Depois de prontos os sanduíches, meu pai falava:

- Misto quente! Misto quente!

E eles começaram a aprender como pedir seus lanches:

- Mixsto Kent! OK, Mr. Da Costa! Mixsto Kent!

No final, os soldados saíam com seus pedidos atendidos e todos riam. Eram pessoas muito boas e gostavam de meus pais.

José Maria trabalhava por 16 horas por dia, tendo sempre ao seu lado a melhor de sua companheira de trabalho, Anna Josephina. Esperta, com tino comercial, ela sabia tratar bem os fregueses e assegurar um bom movimento para o estabelecimento. Eles formaram um bom patrimônio financeiro nesta época de fartura.

Em 1945 a Segunda Guerra Mundial acabou e com o seu fim, os soldados americanos se retiraram, deixando a base aérea de Santa Cruz com pouca movimentação de soldados. E, infelizmente, os negócios do Bar e Merceria Santa Cruz começaram a cair significativamente.

- Anna, eu estou muito preocupado. O movimento está caindo muito depois da partida dos soldados americanos. Agora, dependemos exclusivamente do mercado local e dos poucos soldados brasileiros que operam a base. Estamos distante dos moradores do bairro. Vamos ver como ficam as contas nos próximos meses. Mas, creio que vamos ter dificuldades de pagar nossos compromissos com o movimento atual do bar e merceria! Dizia José Maria para Anna, confirmando que os controles financeiros de seus negócios estavam deteriorando.

E, após alguns meses de tentativa de manter o Bar e Merceria Santa Cruz, José Maria disse:

- Anna, desde que cheguei ao Brasil eu ouço muito falar das oportunidades em São Paulo. A cidade está crescendo em um ritmo bem mais acelerado do que aqui no Rio de Janeiro. Será que não deveríamos pensar em nos mudar para lá. Sei que é uma decisão difícil. Temos nossa casa aqui, seus pais vieram para cá, seus irmãos. Temos as crianças para cuidar. Mas, o meu instinto me diz que devemos partir!

José Maria e Anna Josephina decidiram, então, tentar o próspero e rico mercado de São Paulo, ainda não muito explorado no pequeno comércio,

algo que no Rio de Janeiro isto já estava bem adiantado e não se achava pontos novos com muita facilidade para quem quisesse abrir seu próprio negócio.

Neste sentido, José Maria fez uma viagem a São Paulo para estudar as condições e o melhor lugar para se estabelecer e morar. Anna, na medida de suas possibilidades, tocou os negócios no Bar e Merceria Santa Cruz com três crianças agarradas à sua saia o tempo todo...

José Maria tinha encontrado uma casa no bairro do Cambuci e com um preço inacreditável. Era uma casa térrea, antiga, com dois quartos, com a parede da sala e a porta de entrada rentes à calçada. Assim, ele teria uma boa sobra de dinheiro de suas economias para se estabelecer no centro da nova economia brasileira.

- Anna, é uma casa antiga, mas de excelente localização. Próxima do centro de São Paulo. Com algumas reformas, teremos uma casa de acordo com nossas necessidades. Há boas escolas públicas no bairro, como o Grupo Escolar Oscar Thompson. As crianças podem até ir a pé para estudar lá! Disse José Maria.

- E você viu a documentação, a escritura está tudo em ordem? Perguntou Anna.

- Sim, a escritura tem registro e não vi nada de errado. O vendedor diz que o preço baixo é em decorrência da urgência de vender o imóvel. Acho que devemos fechar o negócio e comprar esta casa. Respondeu José Maria.

Anna fez, então, um gesto que a caracterizaria por toda a vida. Sempre desconfiada, ela punha o dedo logo abaixo do olho esquerdo, puxava para baixo fazendo com que o olho arregalasse. E não precisava dizer nada, o gesto já significava: “Fique de olho aberto!”.

Assim, em 1945 venderam sua casa em Santa Cruz e o Bar e Merceria Santa Cruz e se prepararam para se mudar para São Paulo, dando início a uma nova vida. Mas, uma nova vida repleta de novos desafios e sacrifícios.

Quando Anna contou aos seus pais os planos de mudança para São Paulo, os Scaramella's ficaram alvoroçados. E formaram uma opinião única: “Vamos todos para São Paulo!”. E fariam isto tão logo José Maria e Anna Josephina se estabelecessem na nova cidade.

.

Os negócios de João Scaramella não foram tão bons quanto ele imaginava. Seu filho Henrique, em razão da surdez total herdada, seguiu a profissão do pai. E como Henrique tinha se casado, a responsabilidade por melhores ganhos aumentou. Neste sentido, todos viam o retorno para São Paulo como a melhor alternativa.

Finalmente, chegou o dia da partida. Um pequeno caminhão levou a mudança para o novo endereço: Rua Cesário Ramalho, n.º 170 – bairro do Cambuci – São Paulo. A família de José Maria seguiu de trem. José Maria estava muito entusiasmado com uma nova vida em São Paulo. Desde que chegara ao Brasil, viu seus acompanhantes seguirem para São Paulo, depois soube que o senhor Abílio Monteiro deixara o Derby Clube para trabalhar em São Paulo. E outros portugueses vieram diretos para São Paulo ou se mudaram do Rio de Janeiro para São Paulo. Assim, achava que São Paulo lhe daria as condições que ele precisava assegurar para sua crescente família.

Apesar de eu ter apenas quatro de idade, a viagem de trem do Rio de Janeiro para São Paulo ficou gravada para sempre em minha memória. Eu me lembro de choramingar o tempo todo com minha mãe. Eu tinha fome, sono, estava cansado, queria dormir em minha cama. Ela procurava acalmar seus três filhos inquietos. Ela me pegou no colo, dizendo: “Já vamos chegar, filho. Olha pela janela, vamos contar as casas lá fora”. E não me lembro de mais nada. Talvez, tenha adormecido no colo de minha mãe...

Posteriormente, fiquei sabendo que esta viagem de trem levou mais de 12 horas seguida.

A família chegou à casa do Cambuci depois do caminhão de mudança, que saíra de Santa Cruz nas vésperas. Tudo foi improvisado, estava tudo desorganizado. Levou alguns dias para que móveis e utensílios estivessem nos lugares certos.

José Maria se ocupava de algumas reformas que a nova casa precisava para melhor acomodar a família e percorria os bairros à procura de um novo negócio para comprar ou montar.

Alguns meses depois da mudança do Rio de Janeiro para São Paulo, Anna Josephina teve seu quarto filho, em 1945. E ele recebeu o nome de Paulo, em homenagem a São Paulo.

Eu estava encantado com o novo lugar. Eu gostava de brincar em uma área descampada não muito longe de casa, o Parque Dom Pedro, e ver os

peixinhos que nadavam no córrego de águas cristalinas que corria o parque. Também, gostei dos passeios ao Parque da Aclimação.

Lá em ia com amigos ver alguns animais selvagens, como um leão entediado e um chimpanzé neurótico, que viviam em pequenas jaulas. E aproveitava, também, para dar um mergulho nas águas do lago quando o guarda se descuidava. E, algumas vezes, ia brincar nos jardins e fontes do Museu do Ipiranga.

Nesta oportunidade, a Família Scaramella toda chegava de volta a São Paulo e se dividiram por vários bairros, conforme os compromissos profissionais e familiares que tinham.

João Scaramella continuou em sua profissão, para alegria dos clientes que tinha deixado em São Paulo.

.
Algumas cenas que marcaram muito minha infância, com relação à Família Scaramella, era a alegria contagiante de meu avô João Scaramella e seus filhos, em especial, o Tio Nino e o Tio Luís. Mas, todos eram muito alegres e se divertiam e riam muito quando se encontravam. E, quando estes encontros aconteciam em nossa casa no Cambuci ou no Jabaquara, vivíamos momentos de muita alegria.

Depois de alguns meses morando na casa que acabara de comprar, José Maria ficou sabendo, de uma forma muito chocante, a razão da casa estar com um preço muito baixo. Um Oficial de Justiça, por uma ação movida pela Prefeitura Municipal de São Paulo, entregou uma notificação ao José Maria, dizendo que precisaria desocupar o imóvel em razão das obras de canalização de um córrego de águas fluviais e esgoto que corria ao lado da casa. Mas, não se tratava de uma desapropriação e sim de uma interdição provisória.

Tão logo concluídas as obras de canalização do córrego, José Maria continuaria com a posse do terreno, receberia uma indenização e poderia construir uma nova casa no local. Como compensação, uma das casas de uma vila situada na Rua da Assembleia, no centro de São Paulo, foi cedida à família de José Maria pela Prefeitura Municipal, provisoriamente, em razão da interdição da casa do Cambuci.

Esta vila de casas ficava próxima do Vale do Anhangabaú e já tinha sido desapropriada em razão dos planos de construção de uma futura grande avenida (Avenida 23 de Maio).

.

José Maria tentou, ainda, cancelar a negociação de compra da casa. Mas, não achou mais o antigo dono. Ele tinha sumido...

- Isto não é algo certo de ser feito! Dizia José Maria, ainda não acostumado com as atitudes desonestas de muitas pessoas no Brasil.

Após as obras de canalização, José Maria decidiu construir um sobrado, com loja na parte de baixo e casa na parte de cima. Era uma casa nova e uma das melhores da rua na ocasião. Porém, havia outra surpresa o esperando e que, também, justificava o preço baixo do imóvel – as enchentes. Na primeira enchente, ele acreditava que tinha sido um acidente da natureza. Mas, as enchentes se repetiam todos os anos, principalmente nos meses de novembro, dezembro e janeiro. E eram cada vez mais altas. Assim, ele não conseguia alugar a loja como previra.

Eu me lembro de voltar da escola para casa, em várias oportunidades, com água até o peito, no percurso do Grupo Escolar Oscar Thompson à minha casa. Eu segurava meu material escolar no alto da cabeça para que não molhasse.

José Maria localizou um excelente ponto comercial na Rua Vergueiro, vizinho da fábrica da Cervejaria Brahma. Ele percebeu que as centenas de funcionários daquela empresa de bebidas não tinham locais disponíveis e suficientes para almoçar.

O ponto era em uma esquina, onde funcionava uma choperia decadente. Mas, o preço de venda estava acima das posses de José Maria. O negócio somente seria possível se ele se associasse a outras pessoas. E, após alguns dias, ele conheceu dois brasileiros interessados na associação e tinham o dinheiro e alguma experiência no ramo. Um chamado Everaldo, outro Virgílio.

Assim, os três sócios compraram o estabelecimento e o reformaram para dar origem a um novo restaurante. O Bar e Merceria Santa Cruz no Rio de Janeiro cedeu lugar ao Restaurante Brasil, na Vila Mariana em São Paulo, onde os fregueses poderiam tomar suas refeições de boa qualidade e a preços módicos. Os funcionários da Cervejaria Brahma, que tinha uma grande fábrica na Rua Vergueiro, compareciam em grande número e o restaurante experimentava grande sucesso.

Nesta ocasião, José Maria e Anna Josephina decidiram comprar um carro que os ajudasse e suas locomoções do Cambuci para a Vila Mariana. E este

foi o primeiro e único automóvel na vida deles. Alguns meses depois, ele desistiu de dirigir quando o xingaram na rua de motorista ‘barbeiro’!

O Brasil ainda vivia, na época, os efeitos negativos da Primeira Guerra Mundial. A escassez de trigo, principalmente, obrigava o Governo a impor cotas de consumo por famílias, através da distribuição de cupons. Por várias vezes, eu e meus irmãos ficávamos na fila para trocar o cupom por um pequeno filão de pão.

Vencidos pelas constantes enchentes no bairro do Cambuci, José Maria e Anna Josephina resolveram mudar-se para o ‘interior’ de São Paulo e eles escolheram o Jabaquara, um bairro afastado do centro da cidade, mas próximo do Restaurante Brasil, onde tinha muitas chácaras e áreas verdes.

Mas, eu senti por deixar o bairro do Cambuci, pelos meus amigos, pela minha escola. Senti por deixar de brincar no Parque Dom Pedro e ver os peixinhos que nadavam no córrego de águas cristalinas que corria o parque. Também, senti pela falta dos passeios ao Parque da Aclimação e aos jardins do Museu do Ipiranga.

E para mim foi uma experiência estranha a mudança de escola. Agora, matriculado no Grupo Escolar Almirante Barroso, no bairro do Jabaquara, em frente à Igreja São Judas Tadeu, tudo era desconhecido: a sala de aula, as professoras, os colegas de classe. Mas, em algumas semanas me acostumei e me sentia bem, apesar da grande saudade do Grupo Escolar Oscar Thompson no Cambuci e meus amigos que lá deixei.

Os anos se passaram. E novas realidades e desafios surgiam para José Maria. Primeiro, ele descobriu que uma coisa é conduzir um negócio sozinho e outra é conduzi-lo com sócios. Foi uma experiência amarga e frustrante para ele. Os sócios, principalmente o Virgílio, pouco trabalhavam e faziam ‘retiradas não contabilizadas’ de dinheiro do caixa...

O Jabaquara oferecia muitas outras oportunidades para uma criança como eu e meus irmãos. Tinha campos de futebol, ruas tranquilas, uma vasta área verde que cobria todo o Jardim Botânico e se estendia até o entorno do aeroporto de Congonhas. Aos domingos assistia a matiné no Cine Maringá, onde me divertia com os filmes de ‘O Gordo e o Magro’, ‘Tarzan’ e ‘Nioka’.

Minha casa ficava na Avenida Jabaquara, 259. E eu fazia da mata ao redor do aeroporto de Congonhas o meu quintal. Ia pegar sementes para fazer colares e servir de moeda de troca por figurinhas com os amigos, brincar de

Tarzan na densa mata primária, ouvir os pássaros. E foi nesta fase de minha vida que eu aprendi a ser um amante e protetor da natureza.

Hoje o cine Maringá cedeu lugar a uma rotatória de trânsito nas proximidades da Estação Conceição do Metrô, o campo de futebol desapareceu para dar passagem à Avenida Bandeirante, a densa mata ao redor do aeroporto de Congonhas foi derrubada e cedeu lugar ao loteamento denominado Parque Jabaquara.

Agora, fala-se em mudar o aeroporto de Congonhas porque ele está muito próximo das casas. A preservação desta mata teria criado o maior parque natural de São Paulo e o aeroporto poderia ficar no lugar que está! Que pena a falta de visão dos governantes da época. A casa do meu melhor amigo de infância, pertencente a uma família alemã, hoje faz parte do Parque Conceição, preservando a bela área verde que presenciei minhas brincadeiras com o George.

Das lembranças de minha infância no Jabaquara sobrou apenas uma paineira, que até hoje permanece do outro lado da rua em frente à casa onde eu morava, hoje um pequeno prédio de apartamentos. E a casa da Rua Bader Gebara, n.º 1, uma travessa da Rua dos Ipês, que até hoje está lá, porém reformada, como um testemunho vivo desta minha infância.

Falando, ainda, da rotina de casa no Jabaquara, antes da vida de nossa futura e dominante companheira - a televisão. À noite, quando meu pai chegava do trabalho, a família se reunia na sala após o jantar.

Assim, passávamos o tempo, antes de se recolher para o quarto e dormir, fazendo palavras cruzadas e, de vez em quando, meu pai lia um livro e destacava um ensinamento ou uma história qualquer. Minha mãe colocava uma cadeira na varanda e recebia, quase todas as noites, algumas amigas para conversar.

Para enriquecer ainda mais a leitura na sala, um dia o meu pai me deu um presente que nunca mais esqueci em minha vida e o guardo até hoje - a coleção 'Tesouro da Juventude'. Era uma coleção com 18 volumes, uma espécie de enciclopédia para crianças e jovens, cuja leitura passou a ser o meu encantamento a cada noite. Tudo o que eu imaginava e tinha curiosidade em conhecer eu encontrava lá - fatos históricos, homens famosos, vida dos animais, as plantas, grandes descobertas, ciências, informações gerais sobre os países, obras literárias com os seus contos e poesias, como fazer jogos de lazer, entre muitas outras coisas.

.

E o ‘livro dos porquês’, com perguntas e respostas das mais incríveis para uma criança, como: Por que o ovo cozido fica duro? Por que chove? Por que sonhamos? Por que a Lua desaparece em algumas noites? E milhares de outras perguntas e respostas. Eu li todos os livros da coleção pelo menos três vezes! E até hoje eu tenho esta coleção preservada e, às vezes, eu pego um livro e releio coisas e me lembro desta época tão gostosa de minha infância.

De vez em quando, quebrando um pouco a rotina das palavras cruzadas e leitura de livros, o meu pai procurava localizar em seu rádio na faixa de ondas curtas alguma estação do exterior. E era muito divertido ouvir aquelas vozes estranhas, falando coisas que a gente não entendia e que desapareciam sempre atrás de zumbidos e assobios irritantes. Depois voltavam e a gente ficava imaginando de onde seriam aquelas vozes, como eram as cidades destes países, quais eram os costumes de seus povos. Mas, ficava somente na imaginação.

Uma de minhas alegrias era quando o meu avô João, um ‘oriundi’, nos convidava para comer pizza. As pizzarias se localizavam somente no centro de São Paulo, geralmente pertencentes a italianos, como a que frequentávamos na Praça da Sé. Pegávamos o bonde na estação São Judas Tadeu e descíamos no ponto final na Praça João Mendes, próxima à padaria Santa Tereza, até hoje insistindo em testemunhar a história de São Paulo, seguindo a pé pelas tranquilas e seguras ruas de São Paulo até a pizzaria. Eram noites memoráveis.

A casa do Jabaquara tinha um terreno grande, algo em torno de 2.000 m² e todos da família puderam se dedicar a novas atividades, conforme o gosto de cada um.

Na casa alugada, José Maria iniciou uma horta onde cultivava verduras frescas para o consumo e sempre se lembrava da lavoura da quinta de seu pai. Meu irmão ganhou uma tartaruga, minha mãe tinha espaço de sobra para clarear suas roupas ao sol, minha irmã um terreno à vontade para brincar de casinha com suas amigas, meu pai ganhou um cão de guarda muito bravo e eu, talvez, fui o mais beneficiado. Como eu gostava muito de animais, eu ganhei uma cabra, muitas galinhas e alguns patinhos. Todos os dias eu levava a cabra para pastar no mato ao redor do campo de futebol do clube Maringá, um time local. Hoje, este campo de futebol não existe mais, tendo dado passagem para um trecho da Avenida Bandeirante.

.

Entretanto, como nada dura para sempre, José Maria construiu uma casa própria para se livrar do aluguel. As cabras de seu filho João foram vendidas para um sitiante do bairro.

Os patos e as galinhas foram parar em um engradado que as levaram para um lugar desconhecido. Entretanto, pelo ‘mistério’ que seus pais fizeram, João não imaginou um bom destino para elas!

Restaram a pequena tartaruga de meu irmão, que estranhava trocar o gramado e o chão de terra da casa anterior por um piso frio da nova casa, e o cão de guarda que passou a viver aborrecido na corrente, a maior parte do tempo, próximo de sua casinha de cachorro no fundo do quintal. Com certeza ele foi o que mais estranhou, pois perdera seu território de 2.000 m.2!

Nos finais de semana livres o passeio tinha um endereço certo - as quermesses e missas da Igreja São Judas Tadeu. Na época havia vários terrenos desocupados ao redor da igreja, onde se instalavam um pequeno parque de diversões, diversas barracas de comidas e recreações.

Assim, os adultos do bairro se encontravam lá para rezarem e colocarem o papo em dia, enquanto as crianças tinham um momento de liberdade e se divertiam com as novidades trazidas da cidade grande. No grande salão paroquial, ainda hoje existente, os filhos de José Maria assistiam as reuniões de catecismo com o inclemente Padre Clemente.

Este severo padre ministrava os ensinamentos fundamentais do evangelho e, posteriormente, percorria todo o salão paroquial escolhendo as crianças para responder perguntas. Ah, que aflição! Quem não sabia responder, era encaminhado para frente do salão e ficava exposto a todos. Mas, depois vinha a recompensa - assistir um filme de longa metragem apropriado para crianças. Os de maior sucesso continuavam sendo o ‘Tarzan’, a ‘Nioka’ e o ‘Gordo e o Magro’.

E, finalmente, completando a lista do lazer básico da família, quase todos os finais de semana José Maria e Anna escolhiam um parente para visitar. Eram os irmãos de Anna, principalmente, o irmão Henrique. Os primos eram da mesma faixa de idade e, assim, interagiam muito bem e se divertiam muito. Eram visitas de dia inteiro, com macarronada, muita conversa, passeio pela praça do bairro, festas juninas, entre tantas outras coisas, promessas de se ver mais vezes e retribuir a visita.

.

Mas, algo estava próximo de acontecer e alteraria profundamente a vida da família de José Maria e Anna Josephina. Todos foram personagens da primeira transmissão da TV Tupi nos idos de 1950.

Em 03 de abril de 1950 houve a pré-estreia da Televisão Brasileira. Foi uma apresentação de Frei José Mojica e as imagens foram assistidas em aparelhos instalados no saguão dos Diários Associados, onde uma multidão se aglomerava para ver, pela primeira vez, o milagre de pessoas aparecerem falando, andando, cantando dentro de uma pequena tela. Era a fotografia que ganhava vida!

Alguns meses depois, no dia 10 de setembro, foi transmitido um filme onde Getúlio Vargas falava sobre o seu retorno à vida política. Este teria sido o primeiro ‘programa político obrigatório!’.

E, finalmente, no dia 18 de setembro a TV Tupi de São Paulo foi inaugurada. Assim, se realizava o sonho de Francisco Assis Chateaubriand, dono de uma cadeia de jornais e emissoras, chamada Diários Associados. Do alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo a antena da TV Tupi começava a emitir imagens que invadiam São Paulo.

No distante Jabaquara o sinal não era dos melhores. José Maria foi um dos primeiros a comprar um aparelho de televisão. Era um aparelho GE de tela muito pequena. As transmissões eram em branco e preto. Todas as noites várias pessoas faziam fila na porta de casa para ver a novidade. No começo, José Maria deixava os curiosos entrarem e conhecerem o novo milagre da comunicação. Mas, teve que manter o portão fechado. Não paravam de vir pessoas de todos os cantos do bairro para ver o que era uma televisão.

Seus filhos ficavam a postos na frente da telinha da televisão, vendo a imagem fixa de um índio, um círculo que tomava conta da tela e pequenos discos nos quatro cantos da tela. Era o símbolo da TV Tupi enquanto não havia transmissões. Quando este símbolo desaparecia a gritaria era geral: ‘Vai começar, vai começar!’. E todos corriam para ver as transmissões.

Eram os primeiros desenhos animados da Disney - o Mickey e o Pateta - algumas notícias e programas musicais. Mas, logo em seguida, o símbolo desaparecia novamente e as transmissões eram interrompidas.

Por isto tudo, as lembranças fixadas na memória do Cambuci ficaram para trás e foram esquecidas por todos.

.

E na casa nova no Jabaquara, José Maria recebeu por algumas raras vezes a visita de seu grande amigo do Rio de Janeiro, Manoel de Menezes e sua esposa Enedina. E, em algumas outras raras vezes, ele retribuiu sua visita indo ao Rio de Janeiro.

E o fim do Restaurante Brasil ocorreu por desapropriação do imóvel pela Prefeitura Municipal de São Paulo para obras e contornos, acessos e reurbanização da área, em razão da nova avenida chamada 23 de Maio.

Uma vez mais, José Maria perdera o seu negócio e a base de sustento para sua família. E os funcionários da Brahma um bom restaurante para almoçarem.

Com o fim do Restaurante Brasil em 1951, meu pai tomou uma decisão:

- Anna, vamos aproveitar este momento e fazer uma visita aos meus pais em Portugal. Adoraria rever minha São Bento da Porta Aberta, ver meus irmãos, meus parentes, rezar novamente na igreja, rever a quinta do meu pai. E, principalmente, apresentar-lhes minha família brasileira!

Eu e meus irmãos deixamos a escola por um ano em 1951. Assim, aos 48 anos de idade e há 33 anos sem ver seus pais e seus irmãos em São Bento da Porta Aberta – Portugal, José Maria tirou férias de um ano e viajou para este histórico reencontro, levando toda sua família brasileira. Em toda minha vida eu nunca tinha visto meu pai com tal felicidade. Foram momentos de grandes emoções e alegria. Ele parecia uma criança.

Estas eram as primeiras férias que pai gozava nos 33 anos que estava no Brasil. Até então, conhecera somente muito trabalho, preocupações, desafios, frustrações, traições, enfrentamentos e perigos. E, infelizmente, encontrou no vício de fumar um falso apoio para suportar todas estas pressões da vida. A quantidade de cigarros fumados aumentava a cada mês. Mas, naturalmente, ele teve muitas alegrias e satisfações com suas realizações, também.

José Maria escreveu aos seus pais quanto à sua ida a São Bento da Porta Aberta. E eles responderam com muita alegria e emoção ao saber que veriam seu filho mais velho, que partira aos 14 anos de idade para o Brasil, voltar para sua terra natal.

José Maria não se continha de ansiedade. Planejava tudo com muito cuidado e detalhes. Passaportes foram providenciados: roupas, presentes para serem levados, escolha da companhia de navegação, datas mais oportunas.

José Maria queria chegar no período de verão e retornar por ocasião do início do próximo inverno. O inverno em São Bento da Porta Aberta é muito rigoroso, com temperaturas baixas, não usuais para os brasileirinhos que levava. Poderia até nevar forte! Assim, escolheu o mês de julho de 1951, com retorno para o início de dezembro de 1951. O tempo da viagem de navio estava previsto para 12 dias.

Do álbum de fotos que José Maria organizou para registrar este tão esperado momento, destacamos algumas anotações:

- Partida do porto de Santos, no dia 13/07/1951.
- Parada no porto do Rio de Janeiro, no dia 14/07/1951. O amigo Menezes e esposa Enedina comparecem para os votos de boa viagem.
- Durante uma parada do navio, a tripulação pesca um tubarão, causando alvoroço nos viajantes.
- Passagem pela Linha do Equador. Há uma espécie de carnaval a bordo.
- Há missas todos os dias. Só Deus nos conduzirá ao destino.
- Passeando em Lisboa, Avenida da Liberdade.
- Visita ao Mosteiro dos Gerônimos.
- Visita à Estufa Fria em Lisboa.
- Visita ao monumento de Don Afonso Henrique.
- Lisboa – Castelo de São Jorge.
- Prédio da Câmara, na cidade do Porto.
- Visita à Igreja de Bom Jesus, na cidade de Braga.
- Visita ao Hospital São Marcos, na cidade de Braga.
- Passeio no Parque do Gerês, todos se divertem.
- Igreja de São Bento da Porta Aberta.
- Na casa de meu irmão Antônio.
- Nos campos do Caneiro (quinta de seu pai Antônio Alexandre).
- No lugar de Sá, almoço em família, na casa de Severina.
- Em Guimarães, castelo de Afonso Henrique.
- Cenas da cidade de Braga.
- Cenas da cidade do Porto.
- Cenas da cidade de Lisboa.
- Almoço em família, na casa do Abílio.
- Estádio de futebol de Braga.
- Braga – templo do Sameiro.
- Caldelas, vista geral.
- Lisboa, palácio do Governo.
- Taipas, Rio Ave.
- Espinho, touradas.
- Lisboa, Jardim Zoológico.

Mas, o ponto alto desta viagem foi o encontro de José Maria com seu pai Antônio Alexandre e sua mãe Maria Conceição que, infelizmente, não foi fotografado. Ao descer do auto-ônibus que os traziam de Braga, seus pais e seus irmãos os estavam esperando no ponto de descida dos passageiros.

José Maria tinha em sua mente a fotografia de seus pais gravada aos 14 anos de idade, paralisada no tempo em que se viram pela última vez. E, ao vê-los, José Maria sentiu como o tempo tinha passado. Seus pais estavam idosos! José Maria os abraçou e chorou muito. Foi a primeira vez que eu vi meu pai chorar. Seus pais o abraçavam, em especial sua mãe, e retribuíram com muito carinho sua atenção. Da mesma forma, Antônio Alexandre e Maria Conceição olharam para o seu filho, que partira quando ainda uma criança, e, agora, lá estava ele um homem maduro, forte, independente, seguro, bem diferente do seu filho que partira com um olhar inseguro e com medo de seu futuro há muitos anos atrás.

Em seguida, José Maria apresentou a todos Anna Josephina e seus filhos Antônio, Severina, João e Paulo. Abraçou seu irmão Antônio, suas irmãs Alzira, Laura e Severina. Conheceu suas famílias. Foi um momento de rara emoção e confraternização em família. E este momento somente parou quando Antônio Alexandre interrompeu, dizendo:

- Deixem o José Maria e sua família agora descansarem! Foi uma longa viagem e teremos muito tempo para conversas.

Em seguida, Maria Conceição e Antônio Alexandre e José Maria e sua família tomaram o rumo da casa de pedra, enquanto os demais parentes seguiam seus destinos.

Nos meses que se seguiram, a rotina de visitas e passeios era intensa. Muitas casas a visitar, de parentes ou amigos, muitas conversas para recordar os tempos de infância e a realidade atual, muitas perguntas para responder, sobre o Brasil, sobre se é verdade que se achava dinheiro pelas ruas...

Meu pai se entregava de corpo e alma em cada uma destas oportunidades. Na casa de seus pais, a Família Costa se encantava com o modo de vida, a fortaleza da casa medieval, como eles tinham mantido um sistema de economia onde produziam praticamente tudo que precisavam sem a necessidade de dinheiro. Coisa que o homem moderno perdeu esta capacidade.

José Maria quis rever todos aqueles ambientes de sua infância. Foi à quinta de seu pai por várias vezes, visitou o moinho de farinha de milho, foi à missa

na Igreja de São Bento da Porta Aberta inúmeras vezes, subiu a montanha com seu sobrinho Adelino para acompanhar o pastoreio de cabras e ovelhas, parava para admirar sua São Bento da Porta Aberta lá do alto, tirava fotografia da igreja, ao fundo do vale, parecendo uma miniatura. Estava sempre feliz!

Minha mãe admirava o jeito de sua sogra, Maria Conceição, lidar com a fiandeira. Ela ganhou algumas peças de roupas de cama feitas em lã das ovelhas tecidas por Maria Conceição, que duraram uma vida inteira. Trocavam ideias sobre como era a vida de uma dona de casa no Brasil. Maria Conceição se interessava muito em saber a rotina de vida de seu filho José Maria. Às vezes, ficava triste com algumas histórias contadas por Anna Josephina a respeito dos sofrimentos e desafios que ele teve e tinha que enfrentar.

Tudo era muita cordialidade, alegria, gentilezas, momentos para acalmar a saudades.

Em algumas casas, José Maria recebeu pedidos de patrícios e parentes que queriam imigrar para o Brasil, como ele fizera ao quatorze anos de idade. E pediam suas orientações e ajuda para se instalarem no Brasil quando isto acontecesse. E a primeira promessa de apoio foi para o seu irmão Antônio, esposa e seis filhos, bem como sua irmã Alzira e seu marido, sem filhos, que decidiram imigrar, também, para o Brasil. E isto aconteceu algum tempo depois, após o retorno de José Maria e sua família para o Brasil. Seu irmão Antônio e família se radicaram em São Paulo, Alzira e marido, no Rio de Janeiro.

Um dia, minha mãe, atendendo pedido de meu pai, fizera uma feijoada. Como ele se encantou com esta comida típica brasileira ao chegar ao Brasil, ele queria que minha mãe fizesse este prato algum dia em Portugal para seus pais e irmãos. Minha mãe levou feijão preto do Brasil. Todos gostaram, mas, Maria Conceição se expressou desta forma:

- Eu não vou comer esta comida preta!

Todos riram da reação de Maria Conceição e saborearam a feijoada com muito gosto e aprovação.

Quando não estava nesta rotina, José Maria e Anna Josephina, com os filhos, faziam passeios aos recantos turísticos e monumentos históricos de Portugal, notadamente em Braga, Porto e Lisboa.

.

Eu, de minha parte, acompanhei alguns destes passeios. Mas, depois eu preferi ficar no vilarejo e curtir as atrações que eles tinham por lá mesmo. O meu passeio preferido era subir a montanha com meu primo Adelino e acompanhá-lo no pastoreio das cabras e ovelhas. E lá ficávamos por mais de cinco horas. Para saciar a fome, minha avó Maria Conceição preparava um lanche de pão de milho com salame. Era muito bom! À noite, eu ouvia meu primo Adelino tocar em uma guitarra velha e desatualizada e cantar músicas portuguesas. Eu procurava aprender tocar um pouco a guitarra. Eu aprendi, também, ir sozinho à quinta de meu avô. E, fui lá todas as semanas. Eu gostava de ver como nasciam e cresciam as verduras, os legumes, o milho. E, às vezes, eu abria um pouco a água da fonte represada e acompanhava aonde ela ia através dos sulcos cavados na terra. No retorno de uma de suas viagens a Braga, José Maria presenteou seu sobrinho Adelino com uma guitarra nova. O rapaz chorou de emoção e abraçava sua nova guitarra como uma linda mulher por quem sentiu um grande amor à primeira vista!

A viagem à sua Terra Natal foi para o meu pai a maior emoção de sua vida, talvez superada somente pela emoção que sentiu em 1919 quando veio para o Brasil. Só que a emoção de voltar à sua Terra Natal depois de 33 anos foi uma emoção positiva, alegre, feliz, com expectativas boas e ansiedade pela felicidade.

Mas, o inverno se aproximava. Era tempo de voltar para o Brasil!

Chegamos e todos voltaram a enfrentar a realidade de suas vidas no Brasil que tinham deixado para trás, como em um conto de fada...

Na volta de Portugal, a Família Costa brasileira precisava se organizar novamente. Os filhos voltaram para suas escolas, naturalmente, tendo atrasado um ano nos estudos. José Maria e Anna Josephina deram prioridade máxima a um novo negócio, necessário ao sustento da família.

A sociedade no Restaurante Brasil se desfez. Mas, José Maria e o outro sócio Everaldo resolveram continuar juntos, apesar da frustração causada por manter um negócio em sociedade. José Maria pensava: “Quem sabe com apenas um sócio o negócio poderia funcionar melhor e mais lealmente...”.

E os dois montaram o Bar e Bilhar 1.º de Maio na Avenida Jabaquara, na altura da Praça da Árvore. E foi um grande sucesso. Na época, jogar bilhar era o maior lazer dos homens. E era um ramo que exigia pouca manutenção e bons lucros pelo aluguel de horas das mesas, no total de quatorze mesas.

Enquanto jogavam, os fregueses se serviam de bebida e lanches. Meu pai e seu sócio ganharam um bom dinheiro neste novo ramo.

E José Maria voltava aos seus planos de realizar o maior sonho de sua vida e de Anna Josephina:

- Anna, se os negócios no Bar e Bilhar 1.º de Maio continuarem bons assim, podemos pensar novamente em dar uma casa para cada filho com o tempo. Este é meu grande sonho. Se eles tiveram uma casa própria e não precisarem pagar o aluguel, o ganho para comprar a comida é muito mais fácil para eles conseguirem!

- Se Deus quiser, conseguiremos sim! Respondia Anna, com esperança.

E nesse objetivo os dois trabalharam uma vida toda, não tendo descanso aos finais de semana, não tendo dia para comemorar Natal ou o Ano Novo. Nestas datas, o bilhar se enchia de fregueses e eles tinham que aproveitar todas as oportunidades para aumentar seus rendimentos. Além disto, na volta ao Brasil, eles precisariam de algum recurso financeiro adicional para dar uma primeira ajuda à irmã Alzira, que decidira imigrar para o Brasil com seu marido Manoel, e ao irmão Antônio Alexandre que, igualmente, resolvera mudar-se para o Brasil com seus cinco filhos. E ajudas mensais eram necessárias, também, para seu sogro João Scaramella e à sogra Severina Stefani, até que seu trabalho retomasse a bom nível na volta a São Paulo. Alzira foi para o Rio de Janeiro, onde o casal foi contratado por uma rica família. Ela como Governanta, ele como Jardineiro. Antônio Alexandre veio para São Paulo, onde montou negócio com um de seus filhos e os demais se lançaram ao mercado de trabalho. Em Portugal, ficaram apenas as irmãs Laura e Severina e seus pais, Maria Conceição e Antônio Alexandre.

Entretanto, uma vez mais, José Maria se viu traído pelo sócio:

- Anna, eu estou desconfiado do Everaldo. Quanto é meu plantão no bilhar, eu faturó mais de CR\$ 1.000,00 por dia. Quando é o plantão dele, ele diz que fatura somente CR\$ 500,00, às vezes menos. Com certeza, ele está a desviar o dinheiro do caixa. Disse José Maria.

- Costa, eu acho que manter negócio com sócio não dá certo mesmo. Não tivemos sorte. Vamos encerrar esta sociedade e voltar para um negócio somente nosso. É uma pena! É um bom ponto comercial. Mas, trabalhar como trabalhamos para sermos roubados pelo sócio, também isto não queremos! Disse Anna, firmemente.

.

E José Maria concordou e, uma vez mais, teve que se desfazer do negócio, desfazendo-se da sociedade. O sócio Everaldo tomou seu rumo. Posteriormente, José Maria ficou sabendo que ele montou um bar e, algum tempo depois, faliu perdendo tudo...

E, enquanto decidia sobre seu novo rumo, José Maria levou a família para uma segunda, mas pequenas férias, no Rio de Janeiro, para visitar seu amigo Manoel de Menezes e sua esposa Enedina. E os dois amigos aproveitaram para matar a saudade de muitos anos que não se viam. Manoel de Menezes conheceria os filhos de José Maria. E nos dias que se seguiram, os dois recapitularam toda uma vida, em seus mais variados aspectos e acontecimentos.

E sempre acreditando eu tudo, um dia, daria certo, na volta desta viagem José Maria montou o Bar e Bilhar Maringá, no Jabaquara, em São Paulo. Era um bar e bilhar pequeno, com apenas sete mesas de jogo. Mas, o movimento foi crescendo aos poucos, até chegar a um nível para o sustento da família. Nesta oportunidade, quando completei 16 anos, passei a ajudar meu pai. Eu estudava de manhã e saía do Bar e Bilha Maringá por volta da meia noite. Isto me deixava muito cansado na manhã do dia seguinte. Mas, sempre prossegui em meus estudos.

E eu procurei fazer o meu melhor, apesar de minha pouca experiência. E, após algum tempo, os fregueses davam preferência para as minhas habilidades de fazer sanduiches deliciosos. E era comum eles gritarem:

- Senhor Costa, dois mistos quentes e três churrascos aqui para a mesa cinco. Mas, eu quero que o menino seu faça os sanduiches!

E lá ia eu todo orgulhoso pelo meu trabalho preparar os lanches!

Desta época eu gravei, principalmente, o trabalho duro de meu pai e de minha mãe. O trabalho em um estabelecimento deste gênero não é nada fácil. São fregueses que não pagam, fregueses que brigam, fregueses que se embriagam, fornecedores que não entregam as mercadorias a tempo, entre outros aborrecimentos. Em especial, me lembro de várias noites de Natal e Ano Novo, em que o bar e bilhar ficava aberto para atender os fregueses que decidiam passar estas datas no bilhar, talvez por não terem famílias, em que meu pai abria um guaraná para nós dois sozinhos e longe da família brindar o Natal e o Ano Novo. Era um Feliz Natal e um Feliz Ano Novo de poucos segundos, mas foram muito marcantes para mim.

.

José Maria estava relativamente satisfeito com os resultados financeiros do Bar e Bilhar Maringá. Mas, algumas coisas o vinham incomodando: o número de mesas era reduzido, apenas sete mesas. E quando os fregueses chegavam e todas as mesas estavam ocupadas, eles procuravam por outros bilhares ou outros tipos de lazer. Se isto acontecesse novamente, a tendência era que estes fregueses já não viessem mais; por estar localizado em um bairro de periferia de São Paulo, José Maria estava constatando a presença de maus elementos do bairro, o que começou a depor contra a imagem do estabelecimento; o movimento maior era aos sábados, domingos e feriados. No decorrer da semana, o movimento era muito fraco. Assim, disse para sua sócia e companheira:

- Anna, eu estou achando que este não é um lugar bom para nós. Eu vou pesquisar e procurar outro bilhar para comprar. Quero ficar neste ramo por se muito mais lucrativo. Mas, quero tentar achar um bilhar que tenha mais mesas e seja mais central.

Anna acompanhou a decisão de José Maria.

Após alguns meses, José Maria viu um bilhar vendendo na Avenida Celso Garcia e se interessou. Era um estabelecimento na parte de cima de um salão comercial e atendia somente os aficionados pelo jogo de bilhar e o bar era exclusivo para atendimento destes frequentadores. E o mais importante, tinha moradia e 15 mesas novas de bilhar. O proprietário mudaria de ramo e de cidade, dando boas condições de compra. E, assim, aconteceu a venda do Bar e Bilha Maringá, no Jabaquara e a compra do São de Bilhar Celso Garcia. Sendo central e localizado em um bairro populoso, a maioria dos frequentadores era de boa apresentação e bom comportamento.

José Maria e Anna Josephina ficaram muito satisfeitos com este novo estabelecimento. E eles esperavam que este fosse o último em suas vidas, uma vez que já começavam a fazer planos de se aposentarem. Seu filho João José não pode mais ajudar seu pai, em vista dos compromissos com seus estudos.

Em junho de 1967 José Maria resolveu que era chegada a hora de parar. Aposentadoria para ele se apresentava como algo não permitido, algo para pessoas que não gostavam de trabalhar, preguiçosas. E isto para ele, um homem que trabalhou desde os seis anos de idade, ajudando seus pais em São Bento da Porta Aberta - Portugal em sua primeira, mas importante tarefa diária de buscar água fresca na fonte de água mineral que vinha da serra em uma bilha, não soava como responsável.

.

Mas, ele procurou se adaptar. Seu cansaço acumulado de dezenas de anos de duro trabalho, com longas horas de pé, lhe cobravam, agora, um bom e merecido descanso. E ele aproveitava em viagens ao sítio em Bragança Paulista - SP e apartamento em Mongaguá - SP da família. E fez o que nunca tivera tempo de fazer com seus filhos - curtir a infância dos netos que começavam a chegar.

E, sentindo o tempo livre, José Maria solicitou ao seu filho João que o levasse ao Rio de Janeiro. Ele sentia uma grande saudade de seu amigo Menezes e de sua irmã Alzira e queria vê-los. A viagem foi realizada e ele ficou muito feliz. Os dois amigos conversaram muito, lembraram o passado, os problemas e aventuras que viveram, as alegrias que tiveram no seu tempo de solteiros, quando dividiam o quarto da pensão. E os dois irmãos, igualmente, conversaram sobre as vidas deles no Brasil, sobre sua infância em São Bento da Porta Aberta, sobre os pais que já haviam falecidos. Esta foi a última vez que os dois amigos e os dois irmãos se encontraram.

Na volta, sua saúde já estava bastante debilitada e escondia de família uma doença terrível. O vício de fumar, que chegou a mais de dois maços de cigarros por dia dos fortes, cobrou seu preço. Apareceram caroços em seu pescoço e sua magreza e palidez demonstravam que algo não estava bem com sua saúde. Levado ao médico, exames médicos realizados, o Dr. Bertelli, um renomado oncologista, chamou seu filho João e lhe disse:

- João! Infelizmente, não tenho boas notícias para dar à sua família. Seu pai está com um grande tumor maligno no pulmão, com metástase para a coluna vertebral. Eu acho que ele não terá mais do que seis meses de vida. Sinto muito. Aproveitem este tempo para regularizar aspectos legais que precisam da assinatura dele e para se despedir dele.

A notícia causou grande comoção em Anna Josephina e em seus filhos. Anna estava com 54 anos de idade. Seu companheiro de longa jornada e duras lutas, com 66 anos, estava determinado para fazer a partida.

Particularmente, eu fiquei muito revoltado. Com a vida e até com Deus! Não achava justo um homem que só conheceu o trabalho fazer sua partida no momento em que se preparava para relaxar e aproveitar um pouco o tal 'lado bom da vida' na aposentadoria, uma aposentadoria que durou menos de três anos, sendo que sete meses foram de extremo sofrimento para ele e para toda sua família.

.

Em 18 de maio de 1970, eu estava trabalhando em meu escritório quando senti um forte cheiro de flores. Olhei para o salão todo para ver se estava passando alguma pessoa carregando flores. Não vi ninguém. Alguns minutos depois, o telefone tocou e fui informado que meu pequeno e querido imigrante português fizera sua passagem desta vida, deixando Anna Josephina viúva aos 54 anos e seus quatro filhos Antônio Alexandre, Severina de Jesus, João José e Paulo.

O velório foi na casa onde morava no Jabaquara em São Paulo e o funeral seguiu para o Cemitério da Paz, no Jardim Morumbi em São Paulo. E suas lembranças foram depositadas no jazigo 91, da quadra 19.

O meu pai foi sempre o grande ausente nos principais acontecimentos de minha vida, não por sua vontade tenho certeza, mas pelo ramo de negócios que abraçou e os sonhos que perseguiu, que o obrigaram a trabalhar sempre muitas horas e em todos os dias do ano.

Eu senti profundamente a ausência do meu pai nestes momentos, como passei a sentir sua ausência todos os dias desde o seu falecimento. Esta ausência tirou em muito o brilho dos momentos importantes na minha vida e que tanto sonhara compartilhar com meu pai.

Mas, eu sinto sua presença o tempo todo, ouço seus conselhos e leio seus pensamentos. Vocês sabem de uma coisa? Eu descobri que pais nunca morrem!

Eles passam a fazer parte de nossa própria existência. Às vezes me vejo falando do seu modo, comportando-me do seu jeito, usando as mesmas expressões faciais e a sua maneira de falar. É uma presença espiritual, mas muito forte e diária. Este é, talvez, o maior consolo que Deus nos dá para poder suportar a falta de pessoas que amamos muito, como a falta que eu sinto de meus queridos e saudosos pai e mãe.

Sabe, pai? Às vezes eu penso que sua vida teria sido muito melhor se o senhor tivesse ficado em sua São Bento da Porta Aberta, no pastoreio de suas cabras e ovelhas nas montanhas, respirando o ar puro da serra; ajudando seu pai Antônio Alexandre na quinta; comendo o saudável cozido português regado a um bom azeite e tomando um bom vinho; prosseguindo em seus estudos e formando-se um professor; encontrando tempo para ir à missa na igreja de São Bento da Porta Aberta e colaborar com as obras comunitárias; participando das noites iluminadas com tochas no paço, ouvindo fados e dançando o vira com as raparigas do vilarejo, comendo castanhas assadas e sardinhas fritas; e, talvez, não adquirindo o vício de

fumar, cujo hábito não era comum no vilarejo e uma vida mais tranquila não o faria buscar suporte neste vício, além do olhar vigilante e austero de Maria Conceição e Antônio Alexandre. O senhor poderia ter vivido mais de 90 anos, como sua mãe Maria Conceição e seu pai Antônio Alexandre.

Mas, quis Deus que o senhor viesse ao Brasil em uma missão especial de somar esforços com sua companheira de todos os momentos e todas as lutas, para que ambos tivessem um futuro melhor e uma esperança de sair da vida de privações e dificuldades que viviam. Ajudar sua família. Ajudar seus irmãos e primos portugueses que imigraram para o Brasil. E, principalmente, deixar quatro brasileirinhos, dando continuidade ao seu sangue e seu nome!

E como quase todos os imigrantes e filhos de imigrantes que vieram ao Brasil no período pós-guerra, coube a vocês o maior sacrifício de um trabalho duro, prolongado, com muitas privações e desafios, para fazer com que seus descendentes subissem na escala social. E, vocês, meus pais, conseguiram isto!

E temos que acreditar que Deus sempre sabe o que faz.

Em 27 de novembro de 2006, aos 90 anos, depois de 36 anos de viuvez, Anna Josephina partiu em paz e sem sofrimentos. Anna Josephina sempre foi uma mulher forte, decidida, valente, de personalidade coerente com o que ela queria e acreditava, desconfiada. Mas, uma mãe preocupada com seus filhos e seus netos. Tinha uma força espiritual muito grande. Até seus últimos dias, eu pedia sua proteção para os meus problemas e ameaças. E acreditava muito nas velas que ela acendia para os seus protetores. E posso garantir que sempre deu certo!

Agora, pai, o senhor está ao lado de sua companheira, companheira esta que o acompanhou desde quando ela tinha seus quinze anos de idade, que formou com o senhor um par de muitas e incessantes lutas, de coragem, de privações com esperança, de união em todos os momentos de trabalho e de sacrifícios, de sonhos comuns...

Descansem em paz, agora, meu querido pai e minha querida mãe! Um dia, voltaremos a ficar juntos novamente...

FIM

.

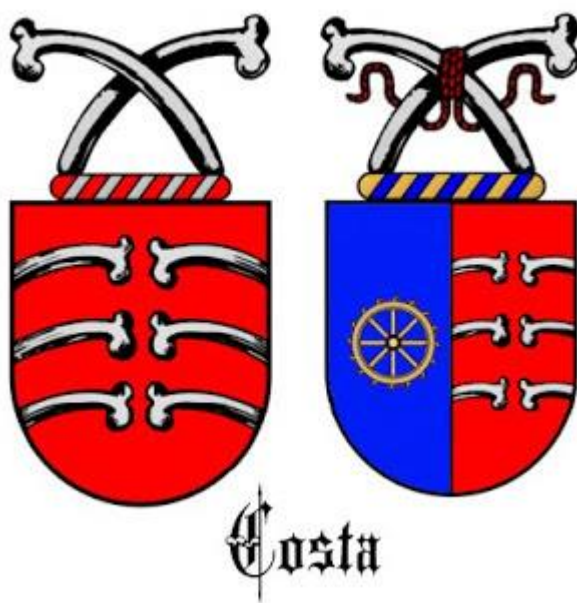
BRASÃO DA FAMÍLIA COSTA

A origem da família Costa é bem difusa. Na verdade não existe apenas uma Família Costa, já que na Europa eram denominadas “da Costa” todas aquelas pessoas que vinham da região costeira.

Esse costume surgiu no império romano e se arrastou até meados da Era Moderna. Por isso existem famílias Costa praticamente em todos os países que atualmente cobrem a área do antigo império romano, principalmente na Itália, Espanha e Portugal.

Uma das famílias Costa nobres de Portugal, surgiu na Quinta da Costa em Guimarães. É claro que, como esta, surgiram muitas outras famílias devido às regiões que tinham o nome Costa.

Talvez pela falta de uma origem única, algumas famílias Costa traziam consigo outro sobrenome para diferenciá-las das demais famílias Costa.



Os brasões ao lado trazem costelas de prata sobre um fundo vermelho. Isto porque Costa também trazia a ideia de costela. Algumas literaturas referentes às famílias Costa usavam esta relação com a palavra costela. Por isso, muitos acreditam erradamente que a origem da adoção do sobrenome Costa esteja relacionada à palavra costela.

Nota: Na Europa, desde os tempos medievais, era costume as famílias criarem brasões, como forma de uma identificação própria, independentemente da riqueza ou nível social de cada família e de seus membros. Como curiosidade, estamos reproduzindo acima o brasão da Família Costa.

GALERIA DE FOTOS E ILUSTRAÇÕES HISTÓRICAS

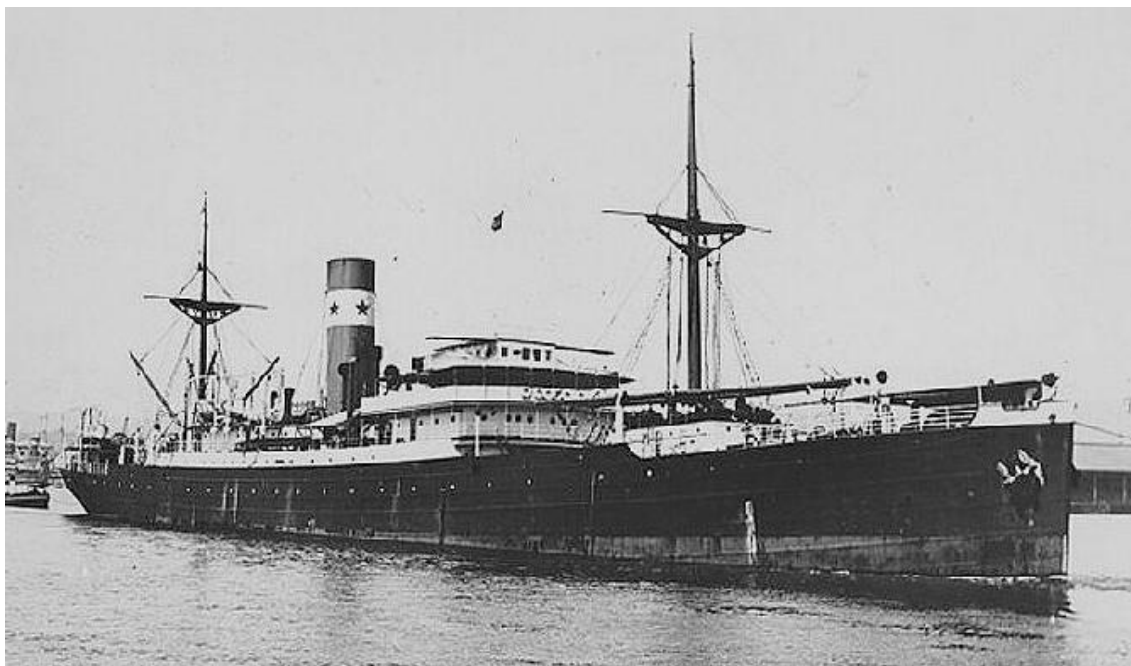


(Foto real de José Maria, aos 14 anos, ao lado de seu pai Antônio Alexandre, quando de sua partida para o Brasil. A elegância ficou por conta das roupas do estúdio fotográfico).



(Foto real de Maria Conceição, mãe de José Maria, e seus irmãos Severina, Laura, Alzira e Antônio, que ficaram em Portugal quando de sua partida para o Brasil).

“Uma imensa saudade me invade a alma. E minha mãe, meu pai? Meus irmãos? Ficaram sem mim!”.



(Bougainville. Navio francês da armadora Chargeurs Réunis, onde José Maria embarcou em 1 de julho de 1919 com destino ao Brasil, onde chegou em 23 de julho de 1919).

“Dia 01 de julho de 1919. Leixões, 6 horas da tarde. Tudo é preparado para a partida ao primeiro apito do navio... Sobe a escada e ouve-se o acelerar das máquinas. E tudo isto começa a mover-se para frente. Eu fico na ré sentado em um rolo de cordas, com as mãos segurando o queixo, vendo como lentamente fica para trás aquela cidade que há pouco ainda pisava”.



(Foto para ilustração de um moinho de roda d'água típico português da época, semelhante ao que Antônio Alexandre possuía).

(Imagem de uma fiandeira para ilustração. Maria Conceição produzia seus fios de lã com maestria em uma fiandeira semelhante. Com os fios, ela confeccionava os cobertores e várias peças de vestuário).





(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. O vale onde se situava a quinta de Antônio Alexandre. Toda esta área hoje se encontra inundada por uma represa. As casas medievais foram demolidas para dar lugar às mansões de portugueses e estrangeiros ricos que vieram morar e se aposentar no vilarejo, fazendo desaparecer definitivamente todos os vestígios da Família Costa em Portugal. Não existem mais a bica de água mineral, a casa de pedra, a quinta, o moinho de milho. Nos antigos pastos das ovelhas e cabras na montanha, agora casas e moradas).



(Represa de Furnas em São Bento da Porta Aberta, alagando e soterrando todo um passado rico da história da Família Costa em Portugal para sempre. Mas, este é o custo do progresso e do atendimento das necessidades de uma população crescente).

São Bento da Porta Aberta

O vilarejo de São Bento da Porta Aberta, onde nasceu José Maria, é um santuário cristão português, localizado na Freguesia do Rio Caldo, Município de Terras do Bouro, Província do Minho. Teve a sua origem em 1640, com a construção de uma pequena ermida. O atual santuário é do final do século XIX. Iniciou-se a sua reconstrução em 1880 e concluiu-se em 1895. A designação de São Bento da Porta Aberta deve-se ao fato de a ermida ter sempre as suas portas abertas, servindo de abrigo aos viajantes. Em 2013, o santuário prepara a passagem de classificação para Basílica.



(Igreja de São Bento da Porta Aberta)



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. Vista de Igreja de São Bento da Porta Aberta a partir da montanha onde José Maria levava as ovelhas e cabras da família para pastar).



(Santuário de São Bento da Porta Aberta nos dias atuais).

O santuário é dedicado a São Bento, santo milagreiro do século V, fundador da Ordem Beneditina e infatigável combatente de Satanás, muito querido entre os fiéis pelos seus múltiplos talentos, que incluem a proteção de animais domésticos e de automobilistas.

(Milhares de peregrinos e devotos visitam todos os anos o Santuário de São Bento da Porta Aberta, situado à entrada da serra do Gerês, para cumprirem as mais variadas promessas e rogarem por novas benesses àquele que é tido como o maior santo milagreiro do Norte de Portugal).

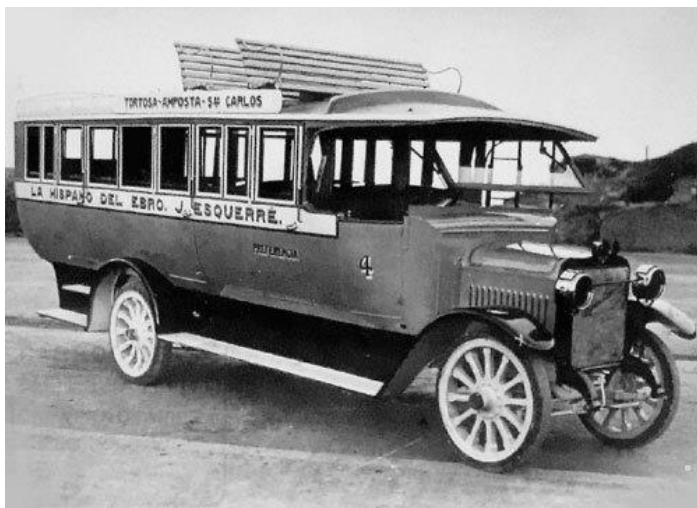


(Lagar esculpido em rocha semelhante ao existente na quinta do senhor Manoel, onde Antônio e José Maria pisaram uvas para a produção de vinho. Pagamento pelo trabalho? Alguns litros de vinho!).

(Comboio utilizado no ano de 1919. Um trem semelhante transportou José Maria de Braga até a cidade do Porto).



(Viatura urbana de transporte de passageiros em 1919, geralmente com apenas uma composição, movida por eletricidade e que circulava sobre carris de ferro. José Maria deslocou-se do Porto para Leixões em um veículo semelhante, o qual chamava de Elétrico).



(Auto-ônibus, como se diz em Portugal. Viatura para transporte de passageiros em distâncias intermunicipais. José Maria se utilizou de um veículo semelhante no percurso de 40 quilômetros entre sua terra natal, São Bento da Porta Aberta, e a cidade de Braga).



(Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro, ano de 1920. A Rua do Acre é uma travessa desta avenida, onde José Maria fez sua primeira refeição na cidade em 23 de julho de 1919).

“Vem uma comida de carnes com feijão preto, pimenta, farinha e o primo com sua experiência ensina como temperar os pratos. Estava excelente o jantar por nunca ter comido feijoadada. Eu gostei muito e comi até ficar completamente satisfeito”.



(Foto do Derby Clube, onde trabalhava Abílio Monteiro, amigo de Antônio e local onde José Maria se dirigiu no primeiro dia sozinho no Rio de Janeiro).

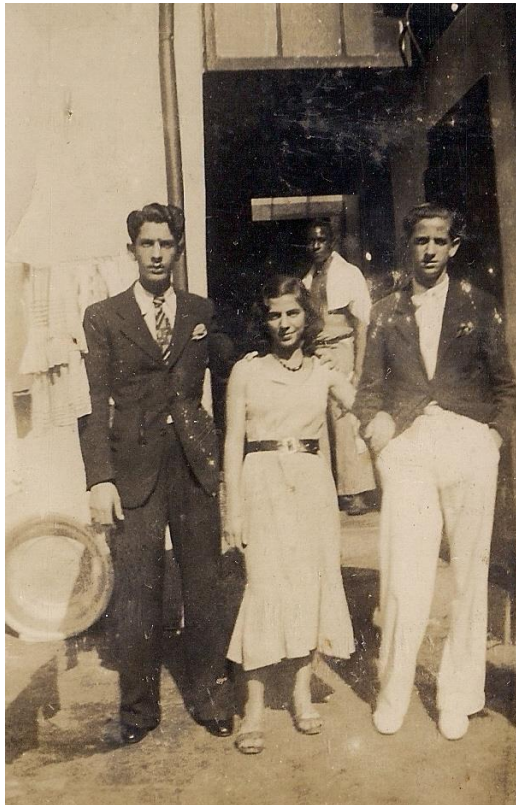


(Avenida Rio Branco como era em 1919, no Rio de Janeiro, onde desembarcou José Maria. Nesta avenida, José Maria andou por muitas horas à busca de um emprego e um lugar para comer e dormir no primeiro dia em que chegou ao Brasil).

“Meu pai me orientou para procurar um amigo seu português que trabalha na cozinha do Derby Clube. Seu nome é Abílio Monteiro. Ele poderia me dar uma ajuda e me encaminhar para um emprego. Confesso que estou muito preocupado, não sei se até poderia dizer com uma sensação de pavor. Não consigo respirar todo o ar que preciso, dói-me o estômago. Gostaria que meus pais estivessem aqui comigo”.



(Foto real de José Maria com seu pai Antônio Alexandre, em visita ao Rio de Janeiro por ocasião de seu aniversário de 18 anos. A elegância ficou por conta das roupas do estúdio fotográfico).



(Foto real de Anna Josephina, tendo ao lado seus irmãos Henrique e José, em uma cena no Rio de Janeiro).



(Foto real de Anna Josephina, em uma cena no Rio de Janeiro).



(Foto real de José Maria aos 30 anos de idade. “Senhora Neide, a senhora reparou o português bonito que está hospedado aqui?” Disse Anna Josephina).



(Chafariz das Musas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Primeiro passeio entre José Maria e Anna Josephina).



(O Jardim Botânico do Rio de Janeiro passou a ser o local mais frequentado por José Maria e Anna).



(Ilha de Paquetá, Rio de Janeiro, segundo destino preferido de José Maria e Anna Josephina nos finais de semana e feriados).



(Vista do bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro, da época em que José Maria e Anna Josephina se mudaram para o bairro).

(Vista do bairro de Santa Cruz, Rio de Janeiro, da época em que José Maria e Anna Josephina se estabeleceram no bairro).





(Americanos vieram para operações conjuntas com a FAB na base aérea de Santa Cruz - RJ, em 1941 durante a Segunda Guerra Mundial).

(Foto real. José Maria no atendimento de balcão, no local de trabalho no Rio de Janeiro. Ele sempre se mostrou um funcionário dedicado e responsável).



(Foto real de Anna Josephina na casa de Campo Grande, Rio de Janeiro, com seus filhos Severina e Antônio).



(Foto real da casa em Campo Grande - Rio de Janeiro. José Maria comprou sua primeira casa em Campo Grande. Era uma casa simples, com um bom quintal para os filhos que esperavam ter. E seria um bom começo. Nesta casa nasceram seus filhos Antônio, Severina e João).



(Foto real da casa em Santa Cruz - Rio de Janeiro. José Maria comprou uma casa maior, mais confortável em Santa Cruz. Era uma casa melhor construída, com um bom quintal para os três filhos brincarem. Os negócios prosperavam, ele melhorava suas condições de vida. A pessoa da foto era um morador da época).

(Foto da vila de casas na Rua da Assembleia, no centro de São Paulo. Uma destas casas foi cedida à família de José Maria pela prefeitura municipal, provisoriamente, em razão da interdição da casa do Cambuci).



(Esta vila de casas ficava no final da Avenida 23 de Maio, próximo da junção desta avenida com o Vale do Anhangabaú, e já tinha sido desapropriada em razão dos planos de construção da Avenida 23 de Maio).



(Foto real do SOBRADO DO CAMBUCÍ, em São Paulo, à esquerda. Nesta casa nasceu seu filho Paulo. Era um sobrado novo, construído no terreno devolvido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, após o término das obras de canalização do córrego).



(Foto real da CASA DO JABAQUARA, em São Paulo).

(Foto real dos dois SOBRADOS GEMINADOS em São Paulo, no Parque Jabaquara).



(Foto real da CASA DO PARQUE JABAQUARA, em São Paulo).

A realização de um sonho de vida...

O Sobrado do Cambuci foi doado ao filho Paulo; a Casa do Parque Jabaquara foi doada à filha Severina de Jesus; os Dois Sobrados Geminados no Parque Jabaquara foram doados ao filho Antônio Alexandre; a Casa do Jabaquara foi doada ao filho João José. José Maria e Anna Josephina viveram em um dos sobrados geminados, juntamente com João Scaramella e Severina Stefani, pais de Anna Josephina.

José Maria e Anna Josephina realizavam, assim, o sonho de suas vidas que era abrigar cada filho em uma casa própria. Valor muito importante para os pais da época, principalmente para os portugueses.



(Foto real do Restaurante Brasil, na Vila Mariana, em São Paulo - prédio da esquina).

(Foto real da fábrica da Cervejaria Brahma, na Vila Mariana em São Paulo. Muitos de seus funcionários almoçavam no Restaurante Brasil).



(Foto real de João Scaramella passeando com netos na cidade de São Paulo, com a elegância que a época exigia. Da esquerda para a direita, Severina, João, Paulo e Antônio).

(Foto real de João Scaramella passeando com netos Antônio Alexandre e Severina de Jesus, na cidade de São Paulo, com a elegância que a época exigia).





(Foto real do bilhar 1.º de maio, no Jardim da Saúde, em São Paulo. À esquerda e à direita, Amândio e Fernando, primos de José Maria que imigraram para o Brasil).



(Foto real do Bilhar Maringá, no Jabaquara, em São Paulo. No balcão aparece Anna Josephina).

(Foto real de José Maria, recepcionando seu cunhado Henrique em visita à casa alugada no Jabaquara - São Paulo. Na foto aparecem os filhos de José Maria e filhos de Henrique).





(Foto real do amigo Menezes e sua esposa Enedina em visita a São Paulo).

(Foto real da Família Costa completa, quando em visita ao seu amigo Menezes e esposa Enedina, no Rio de Janeiro. À esquerda, Sílvia irmão de Anna Josephina).



(Foto real de João Scaramella e Severina Stefani, pais de Anna Josephina).





(Foto real de Antônio Alexandre e Maria Conceição, pais de José Maria).



(Foto real de José Maria, quando de sua última visita à sua irmã Laura, no Rio de Janeiro).



(Foto real de José Maria no Bar e Bilhar Maringá, no Jabaquara. Ao fundo, em frente à porta, seu filho João).





(Foto real de Anna Josephina no Bar e Bilhar Maringá, no Jabaquara. Sempre ao lado de José Maria na luta pela vida e conquista de sonhos).



(Foto real. José Maria e Anna Josephina sorriem de satisfação na compra do primeiro e único automóvel. Mas, alguns meses depois, ele desistiu de dirigir quando o chamaram de 'motorista barbeiro' na rua!).

EM 1951, AOS 48 ANOS DE IDADE E HÁ 33 ANOS SEM VER SEUS PAIS E SEUS IRMÃOS EM SÃO BENTO DA PORTA ABERTA - PORTUGAL, JOSÉ MARIA TIROU FÉRIAS DE UM ANO E VIAJOU PARA ESTE HISTÓRICO REENCONTRO COM SUA FAMÍLIA BRASILEIRA. ABAIXO, ALGUMAS FOTOS HISTÓRICAS DESTE MOMENTO, QUE RETRATAM A ALEGRIA DESTE IMIGRANTE PORTUGUÊS DE VOLTA À TERRA NATAL.



(Navio Corrientes, que transportou a Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. Era um navio de passageiros e cargas, com capacidade para 1.634 passageiros e 192 tripulantes. Pertencente à empresa Rio de La Plata S.A. e Navegación de Ultramar (Dodero), Buenos Aires. Foi batizado como Corrientes, juntamente com seu irmão gêmeo Salta. Os dois gêmeos Corrientes e Salta escalavam o porto de Lisboa com muita regularidade).



(Foto real dos quatros filhos de Jose Maria e Anna Josephina para o passaporte. Antônio Alexandre, Severina de Jesus, Paulo e João José).



(Os filhos de José Maria e Anna Josephina a bordo do navio).



(José Maria descansa, enquanto explica ao seu filho Antônio Alexandre alguma dúvida no livro).

(O amigo Menezes e esposa Enedina, despedem-se de José Maria e família na parada do navio no Rio de Janeiro).



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. A quinta tinha uma mina de água que era represada pelo Antônio Alexandre. Para regar os canteiros, ele abria uma comporta e a água corria por sulcos na terra feitos e mantidos por ele, assegurando a vida das plantas e uma boa produção).

Na foto aparecem uma de suas netas portuguesas, Severina, Paulo, Antônio, João, Antônio Alexandre e sua nora Anna Josephina.



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. Na quinta, Antônio Alexandre produzia diversos gêneros alimentícios necessários ao sustento da família). Na foto aparecem Antônio Alexandre, seu filho José Maria e seus netos brasileiros Paulo, João Severina e Antônio).



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. A casa de pedra medieval onde moravam Antônio Alexandre e Maria Conceição em São Bento da Porta Aberta. Na foto aparecem uma tia portuguesa segurando sua filha e seus sobrinhos brasileiros Severina e João).



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. Foto de Anna Josephina, aos 35 anos de idade, esposa de José Maria, tendo ao fundo a Igreja de São Bento da Porta Aberta).



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. José Maria, ao lado de sua mãe Maria Conceição e filhos Antônio, Paulo, João e Severina).



(Foto real tirada de viagem da Família Costa brasileira a Portugal, em 1951. Bica de água mineral vinda das montanhas, onde José Maria pegava diariamente água em uma bilha).



(Foto real quando da visita ao irmão de José Maria, Antônio Alexandre e família).



(Foto real. Momento de lazer, José Maria e filhos Antônio Alexandre, Paulo e João José no Gerês).



(Foto real. Passeio da família, Anna Josephina e filhos, com a irmã de José Maria, Alzira).

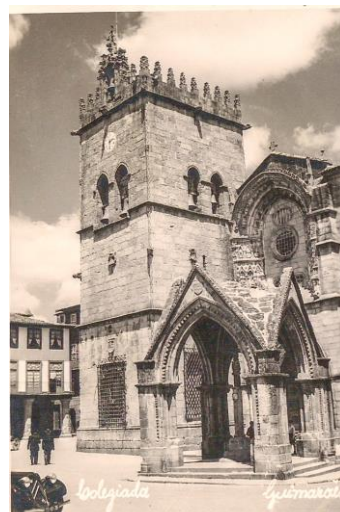


(Foto real. José Maria feliz ao lado dos filhos, em um prédio histórico de Portugal. José Maria sempre rindo, como uma criança!).



(Foto real. José Maria e Anna Josephina passeiam por uma rua de Lisboa. José Maria orienta os filhos: “Não olhem para o fotógrafo para a foto sair bem natural!”. Veja como eles disfarçaram bem...).

(Fotos reais. Visitas aos prédios históricos de Portugal foram uma constante).





(Foto real. José Maria e filhos, ao lado de sua mãe, em um dos passeios juntos).

(Foto real. Anna Josephina e filhos, com a vovó Maria Conceição).



(Foto real. José Maria e filhos comprando castanhas assadas).



(Foto real. José Maria e filhos João José e Paulo, ao lado do avô Antônio Alexandre, em um dos passeios).



(Foto real. José Maria e filhos, ao lado da mãe Maria Conceição. José Maria se parecia com sua mãe).



(Foto real. José Maria e filho João José, ao lado de Antônio, marido de sua irmã Laura, em passeio pelo Gerês).

(Foto real. José Maria ao lado de seu irmão Antônio Alexandre).



(Foto real. Visita ao irmão Antônio Alexandre e familiares).

(Foto real. José Maria, filhos e pai Antônio Alexandre, visitam parentes).





*(Foto real. Visita
ao irmão Antônio
Alexandre e
familiares).*



*(Foto real. Severina de Jesus e
Paulo acompanham os animais
que se dirigem para as
montanhas).*



(Foto real. Anna Josephina e filhos, com os sogros Maria Conceição e Antônio Alexandre).

(Foto real. José Maria, filhos e pai visitam parentes).



(Foto real. José Maria, filhos e pai visitam parentes).





(Foto real. Anna Josephina e filhos e Maria Conceição, visitam irmãs e sobrinhas de José Maria).



(Foto real. Irmãs de José Maria, Laura e marido e irmã Severina, marido e filha).



(Foto real. José Maria e Anna Josephina em um raro momento de passeio e lazer a dois).





(Foto real. Filhos de José Maria e Anna Josephina se encantam com os carros de boi carregando vinho).

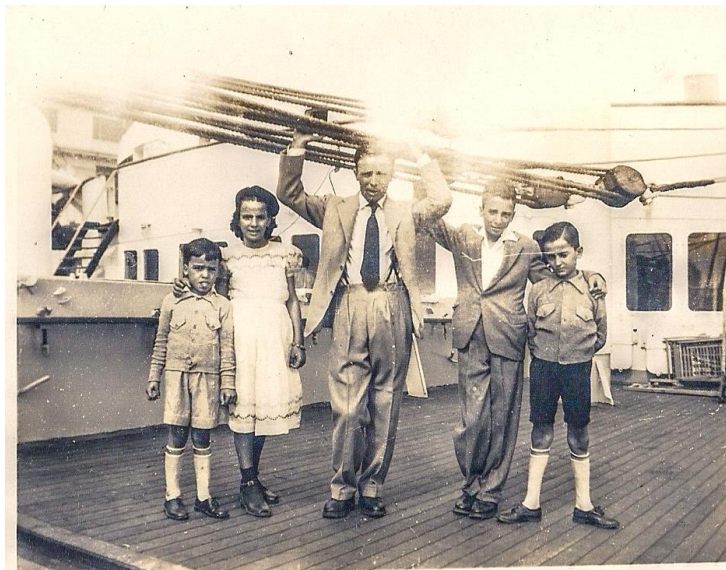


(Foto real. Antônio Alexandre, pai de José Maria, com os netos João José, Paulo e Antônio Alexandre).

(Foto real. O frio do Inverno se aproxima. É hora de voltar para o Brasil. Anna Josephina e filhos, acompanhados do irmão de José Maria, Antônio Alexandre).



(Foto real. Anna Josephina e filhos, acompanhados pelo irmão de José Maria, Antônio Alexandre, para as despedidas da partida de volta).



(Foto real. José Maria e filhos, a bordo do navio que os levaria de volta ao Brasil).



(Foto real. João Scaramella, Severina Stefani, filha Sílvia e o amigo Abílio, recebem Anna Josephina e filhos na volta ao Brasil).



(Foto real. Anna Josephina aposentou-se depois da morte de José Maria, deixando em suas lembranças a luta atrás de um balcão ao seu lado).

(Foto real. Ao lado de seus pais, João Scaramella e Severina Stefani, sua irmã Silvia e marido Orlando).



(Foto real. Aproveitando para curtir seus netos Eduardo, Ana e Marcelo).



Foto real. Passeando por lugares nunca vistos antes...).



(Na foto ao lado, usufruindo de um merecido descanso...).



(Foto real. Na visita, após anos sem ver sua irmã Sílvia, por uns instantes as duas não se reconheceram. E quando isto aconteceu, romperam em lágrimas e um afetuoso abraço de saudades).

(Neste dia as duas riram e conversaram muito. E nunca mais se viram... Algum tempo depois, Sílvia partiu desta vida, seguida alguns meses depois por Anna Josephina. Ambas, em paz e sem sofrimentos).





(Foto real. E, assim, terminou uma história de amor e de lutas, iniciado em uma pensão para homens solteiros de fino trato no Rio de Janeiro, há muitos anos atrás... Ele, um português com 27 anos, bonito e trabalhador. Ela, uma brasileira, filha de italianos, com 15 anos, pequena e elétrica).



(Foto real. Cemitério da Paz, Jardim Morumbi, São Paulo - Brasil. Na quadra 19 e jazigo 91, estão as lembranças de José Maria e Anna Josephina. Um cemitério-jardim muito bonito e tradicional de São Paulo. O ano de chegada ao Brasil de meu querido pequeno imigrante português foi 1919. Por mera coincidência, os mesmos números misturados da quadra e do jazigo onde eles se encontram para sempre...).

E, assim, começou, se passou e terminou a vida de meu pai José Maria e de minha mãe Anna Josephina.

Para mim restaram uma lata de embalagem de biscoitos vazia com suas fotos antigas e o diário incompleto de viagem escrito por meu pai aos 14 anos.

E uma imensa saudade!

Às vezes, para tentar acalmar minha saudade, leio estas quatro páginas de seu diário de viagem e procuro me colocar em seu lugar em cada momento de sua vida que ele relatou.

A mulher, que é dona aqui da pensão, quase diariamente diz:

“É um crime mandar para o Brasil os moços nesta idade. Eles não vão trabalhar! Vão brincar e com más companhias. Lá se perdem, nunca mais cá voltam. É uma terra cheia de perdições!”.

Em Braga todos os dias o mesmo barulho: os elétricos, o comboio apitando, este vai e vem de gente diferente. Li o jornal, vou ver o comboio que chega a esta hora.



(Cidade de Braga - Portugal, em 1919).

Aquí a ponte Don Luíz, que liga a cidade à Vila Nova de Gaia. Lá embaixo, a ponte Dona Maria Pía. Aquí a Torre dos Clérigos, a construção mais alta da cidade.



(Ponte Dom Luiz - Porto - Portugal).

.

(Ponte Dona Maria Pia - Porto- Portugal).



(Torre dos Clérigos - Porto - Portugal).

O Prímo Jácomo chamou todos e disse: “Hoje vamos dormir cedo que vamos partir no comboio das 4 horas rumo ao Porto”. E assim foi. Fomos nos deitar cedo. Às 3 horas já estávamos prontos, rumo à estação. Noite escura, ainda, vamos com Deus. Sobre a linha férrea lá estava um gigante de ferro e aço ganhando pressão, com uma chaminé jogando fumaça de carvão para o ar cujo cheiro impregnava toda a redondeza. Bufava qual fera enraivecida, soltando jatos contínuos de vapores por todos os lados.

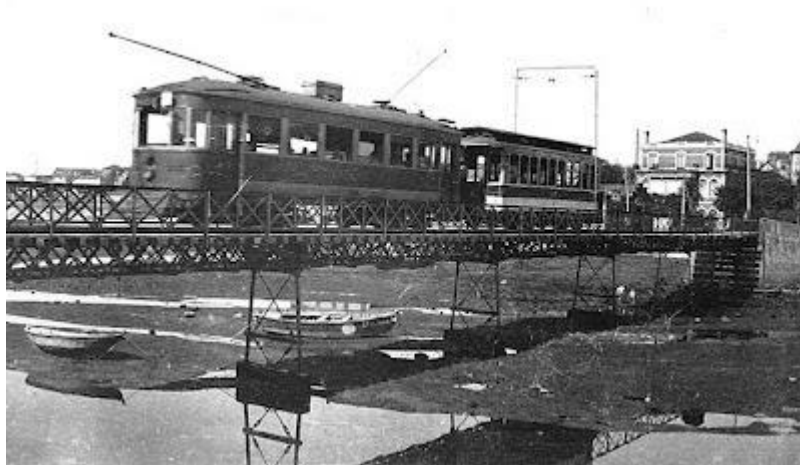
Sím, é a locomotiva engatada a 70 carros que, daqui a pouco, nos levará para mais longe.



Mais alguns minutos na estação, à espera do elétrico, e admiro então os quadros em azulejos nas paredes da grande garé. São quadros que descrevem vários episódios da História de Portugal.



Aí vem o elétrico 'Leixões', subímos. Do carro, eu vou apreciando o movimento de toda a margem do Douro - clubes, praias, indústrias e finas residências.



(Elétrico que ligava a cidade do Porto ao Porto de Leixões - Porto Portugal)

Leixões, segundo porto do país, vários navios de pequena tonelagem atracados em carga e descarga. Os grandes navios não atracam.

Ficam fora da barra e aqui se faz o embarque e desembarque em barcos.



Esperamos o barco da companhia francesa que nos levará a bordo.

Chega o barco portando a bandeira da França e nele vamos ao encontro do Bougainville. É o nosso navio que nos levará às Terras de Santa Cruz.



Dia 01 de julho de 1919. Leixões, 6 horas da tarde. Tudo é preparado para a partida ao primeiro apito do navio.

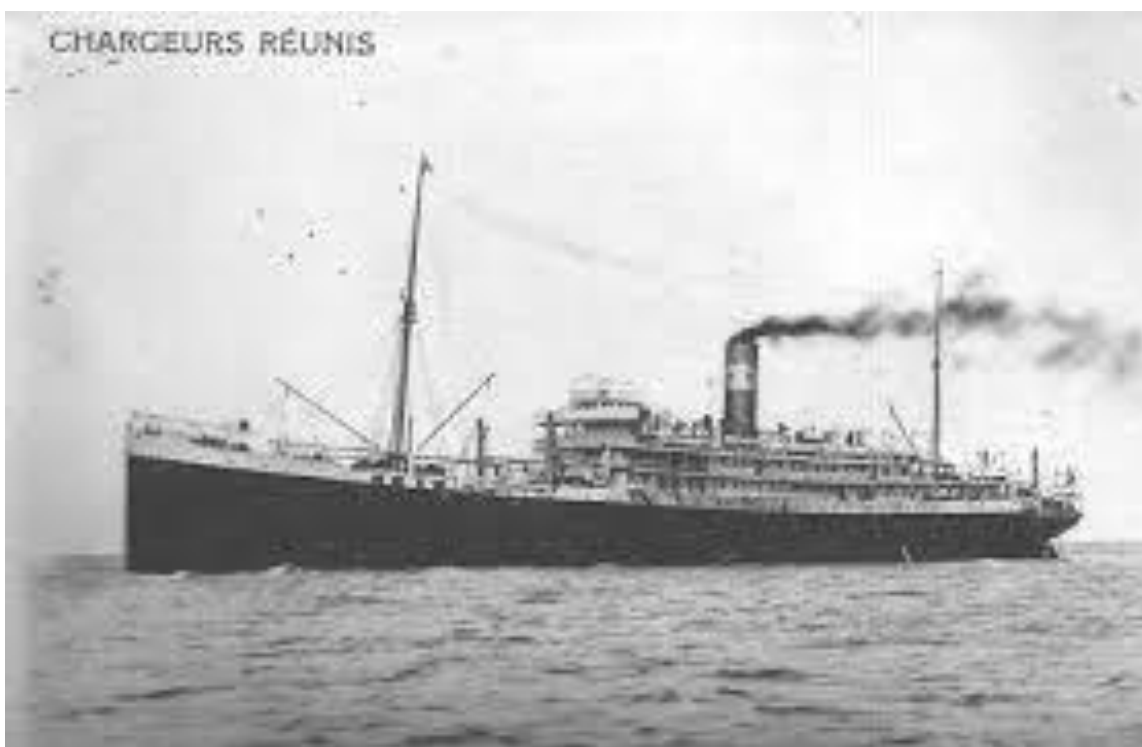
.

Barcos se afastam, cordas são retiradas das amarras. Segundo apito, marijos que correm de um lado para o outro, autoridades que retiram oficiais que vão para seus postos. Terceiro apito. Sobe a escada e ouve-se o acelerar das máquinas.

E tudo isto começa a mover-se para frente. Eu fico na ré sentado em um rolo de cordas, com as mãos segurando o queixo, vendo como lentamente fica para trás aquela cidade que há pouco ainda pisava.

Uma imensa saudade me invade a alma.

E minha mãe, meu pai? Meus irmãos? Ficaram sem mim!



(Navio Bougainville da armadora francesa Chargeurs Réunis).

Día 23 de julho de 1919 - Em uma bela manhã ensolarada o navio entrava na baía de Guanabara. À nossa direita aparece um forte, à esquerda um morro ligado ao outro por um cabo aéreo. Dizem que é a Urca e o Pão de Açúcar.

É muito lindo este pedaço de mar. Todos apreciam a entrada no porto.

Confesso que estou muito preocupado, não sei se até poderia dizer com uma sensação de pavor. Não consigo respirar todo o ar que preciso, dói-me o estômago.

Gostaria que meus pais estivessem aqui comigo.



(Entrada da Baía da Guanabara, Rio de Janeiro em 1919).

(Forte Copacabana, Rio de Janeiro em 1919).



Meus pais, sua luta foi das mais corajosas e duras da família. Agradecemos muito por tudo que fizeram.

Descansem na paz do Senhor, meus pais!

A herança das casas, que vocês compraram com tanto trabalho e sacrifícios, foi para todos os filhos uma benção, sem dúvida.

Elas ajudaram em muito o avanço no campo material.

Foram muitos importantes para assegurar conforto e segurança às novas famílias que eles formaram.

.

Mas, a herança maior que vocês nos deixaram foram os exemplos de **SUPERAÇÃO DE DESAFIOS, DE UM TRABALHO ÁRDUO, DA CORAGEM PARA RECOMEÇAR, DA PERSISTÊNCIA NA BUSCA DE SONHOS E OBJETIVOS, DA SIMPLICIDADE DE VIDA COMO GARANTIA DE FELICIDADE E RESPEITO AO DINHEIRO GANHO DECORRENTE DE MERECIDO PRÊMIO DE UM TRABALHO HONESTO.**

Um dia, estaremos todos juntos novamente e teremos um tempo infinito para conversar sobre tudo que não encontramos tempo e oportunidade para conversamos em vida.

E, quando isto acontecer, com certeza vou querer que o senhor continue me contando as páginas seguintes do seu diário de viagem inacabado...

.

A BUSCA POR PARENTES DE JOSÉ MARIA DA COSTA EM SÃO BENTO DA PORTA ABERTA - FREGUESIA DO RIO CALDO, MUNICÍPIO DE TERRAS DO BOURO, PROVÍNCIA DO MINHO - PORTUGAL

Após finalizar o livro ‘O pequeno imigrante português, meu pai’, eu fiquei curioso em saber se alguns dos meus primos, sobrinhos de meu pai, ainda estariam morando em São Bento da Porta Aberta. Com base na minha idade, eles poderiam estar hoje na faixa de idade entre 70 a 80 anos. Assim, vários poderiam, ainda estar vivos.

Neste sentido, enviei o e-mail abaixo para diversos jornais e instituições de Portugal:

Prezados senhores:

*Meu pai, José Maria da Costa, nasceu em São Bento da Porta Aberta em 03/10/1904, tendo imigrado para o Brasil sozinho em 01/07/1919 aos 14 anos de idade, sem os seus pais. Recentemente, eu encontrei 4 páginas de um diário que ele fez de sua viagem na época, sendo que as demais páginas se perderam no tempo. E com base nestes fragmentos de 4 páginas, eu escrevi um romance sob o título **O PEQUENO IMIGRANTE PORTUGUÊS, MEU PAI**. Eu sou escritor amador e tenho um site onde disponibilizo minhas obras para serem baixadas gratuitamente. Eu inseri este livro na categoria **ADULTO** onde os interessados poderão lê-los. Como o livro tem um caráter histórico e traz fotos antigas e costumes de onde moravam meus avôs portugueses e fotos de parentes da época, eu agradeceria muito se os senhores pudessem divulgar o site. Minha esperança é que algum parente de meu pai, que ainda resida em São Bento da Porta Aberta, tenha acesso e leia o livro e, se for o caso, se comunique comigo para atualização de informações. Sou Administrador e Advogado. Agora, aos 74 anos, aposentado e longe dos desafios profissionais, dedico-me a escrever livros infanto-juvenis educativos. Tenho um site, onde disponibilizo meus livros para baixar gratuitamente.*

Eis o meu site: www.literaturaeducativa.com.br

*Clicar na aba: Categoria dos livros - **ADULTO**.*

*Localizar o livro **O PEQUENO IMIGRANTE PORTUGUÊS, MEU PAI**.*

Clicar em download e baixar o livro gratuitamente.

Saudações de um filho de um patrício que, infelizmente, já fez sua partida desta vida. (Eu visitei São Bento da Porta Aberta em 1951, aos 10 anos de idade, e me lembro de muitas coisas). A quinta de meu avô, onde ele tirava o sustento da família, desapareceu sob as águas de uma represa construída alguns anos depois de nossa visita... aguardo a manifestação dos senhores. Atenciosamente, João José da Costa.

Passaram-se semanas, meses, eu estava desapontado e triste pelo retorno zero quanto a esta minha solicitação. Até que um dia, recebi o e-mail abaixo do senhor José Maria Gonçalves Araújo, cuja esposa pertence à Confraria de São Bento da Porta Aberta, para minha grande satisfação.

.



(Senhor José Maria Gonçalves Araújo).



De: José Maria Gonçalves Araújo

Para: João José da Costa

Data: 11 de janeiro de 2015

Senhor João José Costa, a pedido da Confraria de S. Bento, tenho a informar que estão a ser feitas diligências para localizar parentes da família Costa em Rio Caldo, S. Bento da Porta Aberta. A casa que era propriedade de seu tio António Alexandre, mais conhecido por Antonio Loureira, foi vendida na década de 50 à Confraria de S. Bento, que a transformou em residência para o padre capelão. Seu tio emigrou por essa altura para o Brasil com a esposa Teresa e os filhos Delfina, José Luciano, Albino, José António e Severino. O José Luciano vem com frequência cá. Aliás, era eu criança quando eles emigraram e lembro-me muito bem, pois os meus pais eram donos de uma casa de comércio no largo de S. Bento, mesmo ao lado do Santuário. Por isso vizinhos e amigos de seu tio, esposa e filhos com quem brinquei no largo de S. Bento. A mãe de Teresa, sua tia, de nome Angelina foi a parteira que assistiu todas as mamãs cá da terra. Vou tentar encontrar parentes da família Costa. Brevemente darei novas. Muita saúde para o senhor, José Maria Araújo. NB. Já tive a oportunidade de ler algumas passagens do livro que indicou. Também vi as fotografias, numa delas reconheci o seu tio António com a esposa e filhos.

Assim, trocamos os e-mails abaixo, que me possibilitaram saber um pouco sobre atualidades da vida em São Bento da Porta Aberta e onde eu poderia encontrar alguns parentes de meu pai.



De: João José da Costa

Para: José Maria Gonçalves Araújo

Data: 11 de janeiro de 2015

Prezado amigo, senhor José Maria: O patrício não imagina a felicidade que me deu com seu e-mail. Foi o único retorno que tive após vários contatos com entidades e mídia em Portugal. O José Luciano é meu primo em primeiro grau. Se puder dar a ele o meu e-mail para contatos ou se souber o seu endereço em São Paulo, Brasil, e puder me informar, eu lhe ficaria muito grato. Senhor José Maria, eu tenho uma grande curiosidade em saber se a pequena vila medieval onde moravam meus avós portugueses foi preservada ou destruída. Ela ficava + ou - a 3 km antes da igreja SBPA, sentido sul x norte. Espero que tenha sido preservada! As fotos estão no livro. Na época em que visitei SBPA, em 1951, eu ouvia dizer que uma futura represa inundaria a quinta de meu avô e não a casa medieval. Demais, eu aguardo outras informações do gentil amigo e agradeço seu bondoso interesse em me ajudar. Um forte abraço de agradecimento. João José da Costa.



De: José Maria Gonçalves Araújo

Para: João José da Costa

Data: 22 de janeiro de 2015

Caro amigo, fiz mais umas diligências e o meu irmão diz o seguinte: António do "Loureira" era de Parada e tinha irmãos, eram filhos da Maria "Loureira velha" que morava em Parada, numa casa com varanda de madeira, ao lado da Casa do Lopes, no caminho que sobe para o alto do lugar. Uma das filhas, a Alzira, casou com o "Cantigueiro", de Parada que morreu há pouco tempo e os filhos estarão emigrados em França. Outra filha, Severina, casou para a Casa do Bêjo, no lugar de Sá. Os filhos do António do Loureira ainda vivos são: a Delfina, o José Luciano, e o Severino estão no Brasil, em S. Paulo. É fácil descobrir o paradeiro dos Loureiras no Brasil, os dos Santos são primos e o José Luciano casou com uma cunhada do Albino de Cabo. É tudo o que tenho para te dizer, por agora, dos Loureiras de Parada. Entretanto, consegui contactar uma cunhada do José Luciano que me facultou o telefone (omitido para manutenção da privacidade). O endereço da residência: (omitido para manutenção da privacidade). Em 2014 estiveram cá em S. Bento o José Luciano, a Delfina e o Severino. Vou procurar mais informações acerca da família Costa e tirar algumas fotos das casas que enviarei. A represa da água da albufeira só ocupou os terrenos do vale do rio Caldo. As casas da aldeia foram poupadas, só que o tempo e a pretensa modernidade estragaram a traça antiga. Saudações patricias, José Maria Araújo.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 22 de janeiro de 2015*

Oh! Meu amigo português! Quanta gentileza, solidariedade e coração gentil de sua parte. Meu muito obrigado. Vou entrar em contato com o meu primo José Luciano e, se ele estiver de acordo, farei uma visita. Boa sorte e saúde sempre. João José da Costa.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 22 de janeiro de 2015*

Senhor José Maria, aguardo com muita ansiedade algumas fotos que o senhor puder tirar da vila medieval onde moravam meus avôs e, se possível, da casa deles cuja foto aparece no livro... Favor enviar-me, também, o seu endereço completo. Eu vou acrescentar esta troca de e-mails ao final do livro, com sua foto e possível foto de meu encontro com o primo José Luciano em São Paulo e lhe enviarei uma cópia impressa do livro atualizado como agradecimento por toda sua colaboração. Um abraço de agradecimento. João José da Costa.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 25 de janeiro de 2015*

Amigo José Maria Araújo, consegui um contato telefônico com o meu primo José Luciano que mora em São Paulo. Ficamos de fazer uma visita no dia 29/01/2015, quinta-feira. Ele me atendeu muito bem e lembrou-se em parte de nossa família no Brasil. Aprendi com ele que o seu pai, irmão de meu pai, meu tio, não se chamava Antônio Alexandre da Costa como citado no livro e, sim, Antônio José da Costa. Farei uma retificação neste sentido na próxima edição do livro. Ele se lembrou de nossa visita a São Bento da Porta Aberta em 1951. Mas, não sei quem é ele na foto que tiramos na ocasião. Vou saber na próxima quinta-feira. Muito grato, uma vez mais. João José da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 27 de janeiro de 2015*

Boa noite, folgo muito em saber que conseguiu contactar o José Luciano e que o encontro sirva para rever o passado em S. Bento aquando da visita de 1951. Seja portador de um abraço do cunhado Albino, que me facultou o contacto e de mim próprio. Talvez, o José Luciano ainda se recorde de mim. Meu pai foi seu professor e o meu irmão Severino seu colega de turma. Felicidades. José Maria Araújo.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 27 de janeiro de 2015*

Caro amigo, se tiver possibilidade faça chegar estas fotos ao José Luciano. Ele está à direita do professor, meu pai, na última fila. Na foto menor, o professor Severino Araújo, com José Luciano, Zeca Pontes, Severino Xavier, colegas de turma.



*De: João José da Costa.
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 29 de janeiro de 2015*

Prezado amigo, senhor José Maria Araújo: Ao ligar para confirmar a visita hoje, o primo José Luciano preferiu adiar a visita para outra data futura. Ele está com problemas de saúde e foi marcada uma internação no próximo sábado para que ele possa fazer uma colonoscopia. Assim, fiquei de entrar em contato quando eu estiver novamente em São Paulo - Capital. Eu moro em Americana, a 200 km da cidade de São Paulo. Como ele não tem e-mail, estou enviando pelo Correio o arquivo em anexo, contendo suas saudações e as fotos que enviou. Vamos persistir. Um dia esta visita dará certo! Saudações e muito obrigado, mais uma vez. (Se conseguir algumas fotos das casas da Parada, onde moravam meus avós, em especial da casa deles, eu lhe ficaria imensamente grato!). João José da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 03 de fevereiro de 2015*

Veja: Vista aérea de Gerês - Barragem da Caniçada: http://youtu.be/uBMm_QM8M_Q



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 03 de fevereiro de 2015*

... Que lindas paisagens. Eu fico tentando encontrar nas imagens algo que se pareça com a estrada que nós pegávamos para ir à Igreja de São Bento da Porta Aberta, a partir da viela onde moravam meus avôs. Mas, que nada... O amigo acha que será possível tirar algumas fotos desta viela e do local onde moravam meus avôs, mesmo que a casa já não exista mais? Pelo que entendi, o senhor tem um irmão mais velho que se lembra da minha avó "Maria Velha" e, provavelmente, sabe onde ela morava. Talvez, ele possa lhe orientar sobre o local onde o senhor poderia tirar estas fotos para mim! Mas, se isto se tornar não prático ou impossível, lhe agradeço por tudo da mesma forma. Um abraço de agradecimento, João José da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 03 de fevereiro de 2015*

Veja: São Bento da Porta Aberta: <http://youtu.be/EdUwI2218H0>



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 03 de fevereiro de 2015*

... Boa noite, amigo José Maria! Meu Deus! Como mudou muito desde minha visita em 1951. Que belo santuário! Eu penso em fazer uma visita na terra natal de meu pai... Vamos ver se dará certo! Grato pelo envio do link. Um abraço de agradecimento, João José da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 04 de fevereiro de 2015*

Caro amigo, ainda não tive a disponibilidade necessária para recolher as fotos que prometi. Os seus avôs viviam em Parada, lugar que fica a 1 Km de S. Bento. Vou contactar as pessoas mais velhas para saber algo mais sobre a família Costa/Loureira. Tenho andado com obras num café que possuo no largo de S. Bento e o tempo tem estado de chuva, nada favorável para fotografar. Mas logo que possível farei, com todo gosto, as fotos prometidas. Se entretanto vier até à terra de seu pai, será bem recebido e terá todo o meu apoio, inclusive onde ficar. Um abraço, José Maria Araújo.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 04 de fevereiro de 2015*

Parque Nacional - Peneda do Gerês: <http://youtu.be/zQ2pN5Iq9NU>

Alfinete: <http://goo.gl/maps/DJDlw>



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 04 de fevereiro de 2015*

... Amigo José Maria, muito grato. Mais um presente! Que bom que houve este espírito de preservação da Natureza! Por vezes, eu fui com um primo chamado Adelino levar as ovelhas para pastar no alto de uma montanha, pegando o caminho montanha acima tão logo saía da casa de meus avôs em Parada. Este parque engloba estas serras também? E, pelo que entendi, esta é a posição geográfica da viela onde ficava a casa de meus avôs em Parada, certo? Se positivo, parece que não há vestígios das casas de pedras medievais lá embaixo! (Vista Google Earth). Abraço e grato, João José da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 04 de fevereiro de 2015*

Boa noite, consegui um tempinho extra, fui a Parada fazer as fotos que anexo. São ruelas de Parada e casas próximas da casa dos avôs. A casa com portão verde e acessos em escadaria é a casa que foi dos seus avôs. O acesso principal é feito pela escadaria que tem uma ramada com videira. O tanque de água com cobertura é o local onde gostava de colher a água vinda da montanha. As duas últimas fotos são da casa que foi de seu tio Antônio, agora propriedade da confraria de S. Bento. Entretanto, entre esta casa e a igreja nasceu o moderno Hotel de S. Bento. A parte da montanha para onde ia com o primo Adelino é pertença de particulares e não faz parte da reserva natural. No mapa enviado pode ver-se a estrada 304 que liga Parada a S. Bento, hoje uma estrada larga e com muito tráfego. Quanto ao campo do Caneiro, há uma parte que não ficou submersa pela albufeira. Farei mais tarde algumas fotos desse local e outros do lugar de Parada e S. Bento. José Maria Araújo



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 05 de fevereiro de 2015*

Meu caro amigo senhor José Maria: O senhor não imagina o momento que acaba de me proporcionar. Revendo as fotos, eu pude me transportar para os meus 10 anos de idade quando, em 1951, estava andando por esta viela, pegando água na bica, levando as ovelhas para pastar nas montanhas acompanhando meu primo Adelino. (Ele deve, ainda, estar vivo! Era um bom tocador em sua guitarra velha e se emocionou muito quando meu pai lhe comprou uma guitarra nova de presente! Nós cantávamos juntos um vira: Ladrão, ladrão, ladrão. Roubastes minha mulher. Agora sou viúvo. Agora ninguém me quer!). Muito obrigado, mesmo! Estou muito emocionado e agradecido ao senhor. Que Deus lhe proteja sempre! João José da Costa.

Abaixo as fotos enviadas pelo senhor José Maria Gonçalves Araújo que mostra a viela onde moravam meus avôs e onde passei uma boa parte dos meus 10 anos de idade.



Finalmente, encontrei o lugar da casa onde moravam meus avôs! Veja a foto original de 1951 e a casa que está em seu lugar hoje.



(À esquerda, escadaria de entrada, em foto de 1951. Vista lateral, onde, embaixo, ficava o chiqueiro dos porcos, em foto de 1951. O primo guitarrista Adelino é o rapaz de boina, ao lado esquerdo do meu avô).

(Abaixo, a casa atual construída no local onde moravam meus avôs. Será que os atuais moradores imaginam que onde eles guardam o carro hoje - portão verde - já dormiram os porcos pertencentes aos meus avôs:?).



(Bica de água que servia os moradores de água potável, em foto de 1951).

(Foto atual da referida bica de água).



(Casa onde morava meu tio Antônio José da Costa, irmão de meu pai, onde funcionava uma modesta hospedaria e restaurante aos romeiros, em foto de 1951. Esta casa foi vendida ao Santuário São Bento da Porta Aberta, foi a residência do Padre Capelão e hoje é propriedade da Confraria).



(Foto da casa que ocupou o lugar da casa de meu tio Antônio José da Costa).



A vila medieval desapareceu, cedendo à força do chamado progresso. Casas de mais de 800 anos deram lugar a casas modernas e de estilo como a abaixo...



É o preço que se paga pelo progresso da sociedade, para lamento dos saudosistas e historiadores!



De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 05 de fevereiro de 2015

Conheça a cidade de Braga e Guimarães em Portugal: http://youtu.be/dbBU_F7IWio



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 05 de fevereiro de 2015*

... Amigo senhor José Maria, que riqueza cultural e histórica tem esta cidade do Minho. Eu a conheci, parcialmente, em 1951 aos 10 anos de idade, quando de minha viagem com meus pais a Portugal. Eu me lembro de subir uma grande escadaria que dava para uma igreja no alto e adorei a visita a um castelo. Em seu diário, meu pai escreveu em junho/1919, quando chegou a Braga, primeiro ponto de partida para sua viagem ao Brasil: "A mulher, que é dona aqui da pensão, quase diariamente diz: 'É um crime mandar para o Brasil os moços nesta idade. Eles não vão trabalhar! Vão brincar e com más companhias. Lá se perdem, nunca mais cá voltam. É uma terra cheia de perdições!'. Em Braga todos os dias o mesmo barulho: os elétricos, o comboio apitando, este vai e vem de gente diferente. Li o jornal, vou ver o comboio que chega a esta hora. Que diferença para o lugar de onde eu venho!'. ... Tenho no álbum recebido de minha mãe algumas fotos deste momento. Agradeço muito o envio do link. Prova que Portugal não parou no tempo! João José da Costa



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 10 de fevereiro de 2015*

Prezado amigo! Boa noite! Como disse anteriormente, estou acrescentando mais algumas páginas finais ao livro que escrevi sobre a vida do meu pai. Devo terminá-lo com as informações e fotos que o amigo me enviou e fotos de minha oportuna visita ao primo José Luciano em São Paulo. Se um dia for possível enviar as fotos do campo do Caneiro, onde meu avô tinha sua quinta, eu as incluirei nesta parte do livro. Senhor José Maria, veja, igualmente, se for possível, se alguém tem alguma informação sobre o meu primo Adelino. Ele foi o meu companheiro maior nas horas que passei em Parada. Íamos juntos no pastoreio das ovelhas e cabras, cantávamos algumas músicas ao som da guitarra velha que ele tocava. Um dia, ele chorou ao ganhar uma guitarra novinha em folha de meu pai. Abaixo, sua foto. Ele é o rapaz de boina ao lado direito de meu avô Antônio Alexandre da Costa. Eu sou o menino com chapéu de aba, do lado esquerdo de minha avó Maria, como vocês a chamavam "Maria Velha". Uma vez mais, muito grato. Creio que este será meu último pedido ao prestativo amigo. (Como curiosidade: a estrada que liga o local onde nasceu meu pai à Igreja São Bento da Porta Aberta é a 304. Por coincidência, a estrada que dá acesso à cidade onde moro, também é a 304). Um abraço de agradecimento, João José da Costa.



(Primo Adelino, ao lado direito do meu avô Antônio Alexandre da Costa, com sua tradicional boina. Eu calculo que a nossa diferença de idade seja em torno de 5 ou 7 anos. Assim, ele estaria entre 80 - 82 anos, "se ainda estiver vivo" e se, ainda, puder ser encontrado em São Bento da Porta Aberta).



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 11 de fevereiro de 2015*

Caro amigo, anexo mais umas imagens que recolhi hoje. O tempo não era o ideal para a fotografia, mas foi o possível. Recolhi testemunhos de pessoas de Parada que me disseram que a sua tia Alzira, também conhecida por Adozinda, casou com João Janela, do lugar de Matavacas, também conhecido por João da Chão viveram e morreram em Parada, na casa que anexo foto, bem como da lápide que existe no cemitério da freguesia de Rio Caldo. Os descendentes estão emigrados em França. A tia Severina casou para o lugar de Sá, próximo da igreja paroquial, para a Casa do Beijo, anexo várias fotos. O tal primo Adelino Loureiro, que tocava bem violão, assim me referiram várias pessoas, emigrou ainda jovem para o Brasil (talvez o José Luciano possa ter mais dados) era filho da sua tia Severina que casou para a Casa do Beijo, lugar de Sá. Anexo fotos dos moinhos da Cachoeira que foram do pai do José Luciano e alguns enquadramentos do que resta do campo do Caneiro, onde construíram uma rica vivenda. José Maria Araújo

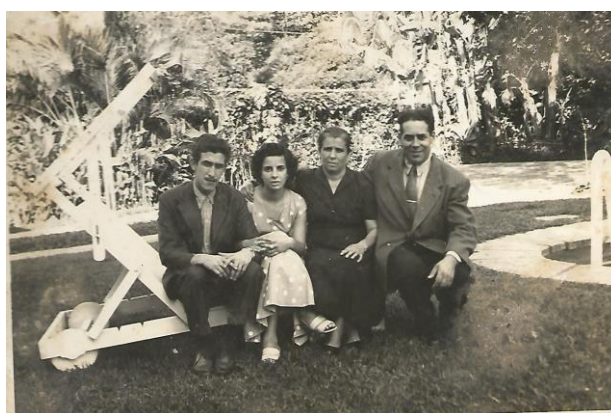


*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 11 de fevereiro de 2015*

... Prezado amigo, preciso confessar um engano meu! Refere-se ao primo Adelino. Eu fui chamado à atenção por familiares que ele imigrou para o Rio de Janeiro, onde já moravam a irmã de meu pai Laura e seu marido Antônio. E nós estivemos visitando-os em uma ocasião. Infelizmente, na época, eu não me atinei, quando me apresentaram o meu primo Adelino, que era o meu amigo de infância lá de Portugal. Perdi uma oportunidade histórica de conversar com ele e recordar alguns momentos por lá! Não estivemos muito juntos. Ele trabalhava e veio nos encontrar por um rápido momento. Em anexo, as fotos daquele momento... Que pena! Vou ver com o primo José Luciano se ele mantém contatos ainda com o primo Adelino. Grato, João José da Costa.



(Primo Adelino, com José Maria da Costa e Anna Josephina da Costa, em visita ao Cristo Redentor no Rio de Janeiro).



Minha tia Laura, irmã do meu pai, seu marido, meu tio Antônio, no Rio de Janeiro, tendo ao lado minha irmã Severina e seu marido Dorival (falecido).



De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 11 de fevereiro de 2015

... Amigo, outro fato que me passou despercebido (afinal de contas, eu ainda era uma criança!), foi a visita de minha avó Maria ao Brasil, algum tempo após a chegada do meu tio Antônio José da Costa ao Brasil. Veja a foto que encontrei no meu baú de fotos antigas!



(Na foto aparecem minha avó, meu tio e minha tia, meu pai e uma pessoa que não conheço, além de um dos meus primos, não sei se é o José Luciano. Abraço, João José da Costa).

As novas fotos enviadas pelo meu amigo José Maria Gonçalves Araújo me possibilitaram recordar e recompor um passado importante na vida de meu pai, com cenas atuais de cenas que gravei aos meus 10 anos de idade, na visita a São Bento da Porta Aberta, em 1951.

FOTOS NA QUINTA DO CANEIRO, DO MEU AVÔ ANTÔNIO ALEXANDRE DA COSTA, EM 1951 E ATUAIS.



(Avô Antônio, mãe Anna Josephina, irmãos João, Antônio, Severina e Paulo e uma priminha).

(Avô Antônio, pai José Maria, irmãos Paulo, João, Antônio e Severina).





(Avô Antônio, pai José Maria, irmãos Antônio, Severina e João).



(Irmãos Antônio, João, Severina e Paulo, ao lado. Mamãe Anna Josephina abaixo).



A quinta do meu avô Antônio Alexandre da Costa, de onde ele tirava, praticamente, todo o sustento da família, foi coberta parcialmente pelas águas da represa.

Mas, ficaram partes das terras que lhe pertenciam, como demonstram as fotos atuais abaixo:





(Ao lado, a placa fria atual que identifica o local da quinta que um dia pertenceu ao meu avô, ignorando todo um passado dos antigos proprietários. Ela é uma prova material de que neste mundo nós não somos donos de nada, apenas compramos ou alugamos o uso de bens por um certo período de nossa curta existência ...).



(A quinta do meu avô, agora às margens da represa).

Outra passagem contada no livro se refere ao moinho de farinha de milho pertencente ao meu avô Antônio Alexandre da Costa e utilizado pela comunidade. De lá, ele retinha um percentual da produção como comissão e trocava sua parte de farinha de milho por outros bens de consumo que

precisava e não produzia em sua quinta. Criança, eu estive várias vezes no moinho em 1951 e achava curioso como aquela pedra girava (pedra mó) pela força da água que batia em uma roda.

E achava misterioso como em cima entrava grãos de milho por uma abertura e embaixo saía farinha de milho! Na época, eu não conseguia entender como isto acontecia!

E, para minha surpresa, o moinho ainda existe! Veja fotos abaixo:



Da mesma forma como meu pai, seu irmão e irmãs fizeram sua partida desta vida. Da minha tia Alzira, consegui a foto acima de sua casa, conservada até hoje, e as homenagens de sua família. Ela era, também, conhecida como Adozinda.

A outra irmã de meu pai José Maria da Costa, de nome Severina, morou nesta casa, ainda existente.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 19 de fevereiro de 2015*

Prezado amigo, senhor José Maria: Não sei se já lhe pedi, mas se um dia voltar ao cemitério de SBPA veja se localiza o túmulo de meus avós Maria e Antônio, a Maria Velha e o Antônio Loureira e, se conseguir, favor enviar fotos.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 23 de fevereiro de 2015*

A foto do cemitério ainda não foi possível, porque no final da vida, a senhora Maria Loureira dividia os dias pelas casas das filhas e o local exacto da sepultura ainda não decifrei. No entanto, pedi ao responsável pela manutenção do cemitério para averiguar o local e saber se haverá alguma lápide tumular. Ficou de me dizer algo sobre este assunto. Se se proporcionar uma visita a S. Bento pode contar com a minha disponibilidade para o que aqui fôr necessário. Continuação de boa saúde. José Maria Araújo.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 23 de fevereiro de 2015*

Fico na expectativa positiva de, um dia, se Deus permitir, a gente encontrar o túmulo de meus avós, com seus nomes e datas de nascimento e falecimento que não as tenho! Se der certo minha viagem a Portugal, com certeza nos encontraremos, tomaremos um bom café em seu estabelecimento e, quem sabe, damos umas voltas por Parada, Quinta do Caneiro, entre outros lugares onde meu querido falecido pai fez suas andanças enquanto morou em terras de São Bento! Abraço forte de agradecimento, João José da Costa.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 26 de fevereiro de 2015*

Bom dia, amigo senhor José Maria! Os nomes registrados de meus avôs seguem abaixo. Talvez, o senhor vai precisar deles para informar ao responsável pela manutenção do cemitério de SBPA. Antônio Alexandre da Costa e Maria Conceição da Costa.



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 10 de março de 2015*

Ainda não consegui mais informação sobre a D. Maria Loureira. O responsável pelo cemitério de Rio Caldo, onde ela está sepultada, ainda não conseguiu novas, mas vou falar com antigos responsáveis da freguesia. O que consegui apurar é que no fim da vida, ela dividia a estadia pelas casas do Cantigueiro e Beijo para onde as filhas tinham casado. Lápide tumular não consegui encontrar. Mas não desisto enquanto não der novas sólidas. Abraço amigo, JMAraújo.



*De: João José da Costa
Para: José Maria Gonçalves Araújo
Data: 10 de março de 2015*

Quanto aos meus avôs, se o senhor puder, ao menos, obter os dados das datas de nascimento e falecimento dos dois já seria importante para mim. E, se o túmulo com os restos mortais deles ainda existe, veja o custo para mim de se fazer uma lápide com a inscrição dos seus nomes e datas de nascimento e falecimento... Mas, sem atrapalhar sua rotina e compromissos de negócios. Um abraço, meu amigo. No final deste mês, vou tentar marcar a visita novamente com o meu primo José Luciano. Vamos ver se dará certo desta vez...



*De: José Maria Gonçalves Araújo
Para: João José da Costa
Data: 21 de março de 2015*

Relativamente a mais dados sobre sua avó, vai ser difícil consegui-los. Havia a hipótese de na Conservatória dos Registos Notariais conseguir alguns dados, mas teria de ser algum familiar a fazer a busca. Também nos Registos Paroquiais pode haver mais dados, mas ainda não tive a oportunidade de falar com o Pároco de Rio Caldo.

Assim, infelizmente, não conseguimos maiores informações sobre meus avôs portugueses, ficando desconhecidas para mim suas datas de nascimento e falecimento, bem como se o túmulo com suas lembranças de vida ainda existem.

E o senhor José Maria Gonçalves Araújo enviou outros links para um melhor conhecimento da cidade natal de meu pai, cidades próximas e principais pontos turísticos, proporcionando aos interessados um bom conhecimento de Portugal, como segue:

Douro, vinho, vinha... A vinha e a videira na Bíblia: <http://youtu.be/U7ffc-orrAI>

Bom Jesus de Braga: http://youtu.be/cc__qNRgywo

Santuários do Sameiro e Bom Jesus- Braga: <http://youtu.be/fmRSpY-xMZU>

Castelo de Guimarães aerial view: <http://youtu.be/rMI6pLIyBLs>

Paço dos Duques de Bragança: <http://youtu.be/aDfEUvjpxrs>

Santa Luzia - Viana do Castelo: <http://youtu.be/3-GaMEi9j2Y>

Mosteiro do Jerónimos - Uma das 7 Maravilhas de Portugal:
<http://youtu.be/7w02xWdPioA>

Sintra, Castelo dos Mouros e Palácio da Pena:
<http://youtu.be/2NZBX8UZ898>

Mosteiro da Batalha: <http://youtu.be/dhpsTe2L0Ps>

Filme Convento de Mafra.wmv: <http://youtu.be/h9-tPsVZPbw>

Visita Guiada á Sé de Braga: <http://youtu.be/njLNcXaedXA>

Portugal - Mosteiro de Alcobaça: <http://youtu.be/shGoCqenzlw>

Portugal - Belém and Jerónimos in Lisbon: <http://youtu.be/obB5XCU6sQU>

Visita Guiada ao Convento de Cristo, Tomar - Portugal:
http://youtu.be/C_5x4Gjbd0E

Museu Nacional dos Coches: <http://youtu.be/9-FSDx0D3BY>

Paço Ducal Vila Viçosa: http://youtu.be/eSB_jSGGMXg

Óbidos: <http://youtu.be/fk0dJAwDj2E>

Castelo de Almourol: <http://youtu.be/z3ysSdX9MoE>

Festa das Vindimas - Douro - Casa de Mateus: <http://youtu.be/ZqCUOfDfblM>
Aldeias de Portugal: <http://youtu.be/QTdlyCg35zc>

Palácio da Pena: <https://www.youtube.com/watch?v=wJWXtHIUOhc>

São Bento da Porta Aberta:
<https://www.youtube.com/watch?v=R6hI3FFq08c&feature=youtu.be>

Peneda-Gerês Trail Adventure 2015: <http://youtu.be/6DU9DadWbM8>

Imagens de Portugal por Mara Caprio: <https://youtu.be/Zmwoeci1aeM>

E, assim, graças à inestimável colaboração de um amigo, até então desconhecido, o senhor José Maria Gonçalves Araújo, através da Confraria

de São Bento da Porta Aberta, eu consegui saber algumas importantes notícias a respeito do pequeno vilarejo onde moravam meus avôs, conhecido como Parada, da quinta do Caneiro, do moinho de farinha, das irmãs de meu pai e de alguns de meus primos. Pude, assim, estabelecer um importante contato com meus primos que moram no Brasil.

No dia 21 de junho de 2015, fiz uma visita aos meus primos José Luciano e Delfina, filhos do irmão do meu pai, Antônio José da Costa e ao primo Manoel, filho da irmã do meu pai, Severina. Este meu encontro com os meus primos aconteceu 64 anos depois.



(Foto tirada em 1951, onde aparecem minha mãe, meus irmãos, os pais de José Luciano, minha avó e a sua avó. O José Luciano é o garoto à direita da fila de baixo. Eu sou o garoto da fila do meio, com boina).

Contou-me o primo José Luciano que o primo Adelino, filho de minha tia Severina, também irmã de meu pai, faleceu já há algum tempo. Fiquei triste com esta notícia. Lembrei-me do meu maior companheiro quando de minha viagem a Portugal em 1951, de nossas brincadeiras enquanto levávamos para pastar as cabras e ovelhas nas serras de São Bento da Porta Aberta, os viras e fados que ele cantava, tocando sua guitarra em noites de festas no paço de pedra iluminado por tochas acesas. Mas, assim é a vida e este é o destino que aguarda todos nós.

Abaixo, as fotos que tirei junto aos meus primos de 1.º grau José Luciano, Delfina e Manoel, em visita às suas casas no Jardim Luso e cercanias (um bairro que reúne vários imigrantes portugueses), em São Paulo – Brasil.



(Eu ao centro, tendo à minha direita o meu primo Manoel e à minha esquerda o meu primo José Luciano. O primo Manoel está com 76 anos, tem 4 filhos e 7 netos. O primo José Luciano está com 76 anos, tem 5 filhos e 11 netos).



(Com os primos Manoel e José Luciano e suas esposas, igualmente portuguesas).



(Com minha prima Delfina. Ela está com 78 anos, tem 2 filhos e 3 netos).



(Morada de José Luciano).



(Morada de Delfina).



(Morada de Manoel).

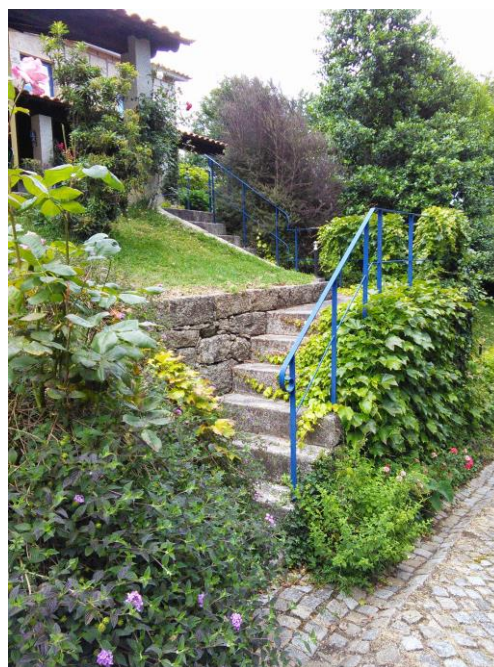
Os primos José Luciano, Delfina e Manoel tiveram filhos e netos, sendo que vários transmitirão o sobrenome Costa para suas gerações, como novos guardiões do nome da Família Costa. E assim aconteceu com outros primos que não conheci, mas cujos herdeiros irão perpetuar o nome da Família Costa.

Nestas últimas páginas do livro, eu presto esta singela homenagem a este senhor José Maria Gonçalves Araújo, tão gentil, solidário e prestativo, que dedicou um carinho e precioso tempo para me ajudar na busca de informações por parentes de meu pai em São Bento da Porta aberta, além de enviar fotos históricas que me fizeram voltar no tempo e mentalizar as inexoráveis mudanças na vida das pessoas e deste pequeno recando lindo de Portugal, onde nasceu meu pai.



(Senhor José Maria Gonçalves Araújo e sua linda família).

Fotos da bela e aconchegante casa do senhor José Maria Gonçalves Araújo.





(O local da casa onde moravam meus avôs portugueses fica bem ao centro da imagem ao lado).

A viela onde moravam meus avôs portugueses, onde passei seis meses de meus 10 anos de idade em 1951, antes ladeada de casas medievais, hoje está assim, conforme a imagem ao lado, com casas modernas e confortáveis, escondendo tesouros históricos, tradições da época, a história da vida de meus ascendentes.

Quem por lá passar hoje, nunca saberá que um dia estive lá com meus pais, peguei água na bica, fui com meu primo Adelino levar as cabras e ovelhas para o pasto nas montanhas, vi os moradores dançarem ao som de guitarras no paço, encantei-me com as casas de pedras, admirei o trabalho de meu avô em sua Quinta do Caneiro, conheci o que era um moinho de farinha de milho, convivi uma pequena parte de minha vida com meus avôs portugueses que, depois, nunca mais vi.

A gente se surpreende, mas é natural! Sempre foi assim em toda a história da humanidade. O mundo não para, ficamos mais velhos, a vida continua implacável, um dia partiremos e tudo continuará em sua evolução.

É assim mesmo! Um dia, tudo o que era nosso, todas nossas tradições familiares, a história de nossa vida, ficarão escondidas pela evolução da vida.

E tem que ser assim mesmo. Não há nada o que possamos fazer, a não ser escrever um livro...



Na verdade, ao completar 75 anos, eu descobri que continuei sendo o mesmo menino de outrora, criado na simplicidade herdada de meu pai José Maria da Costa e de minha mãe Anna Josephina da Costa, com a imaginação tomando conta da minha mente; amoroso e protetor dos animais e plantas; bondoso com as pessoas; procurando ser divertido; tendo sonhos e fantasias e sempre... sempre querendo aprender.

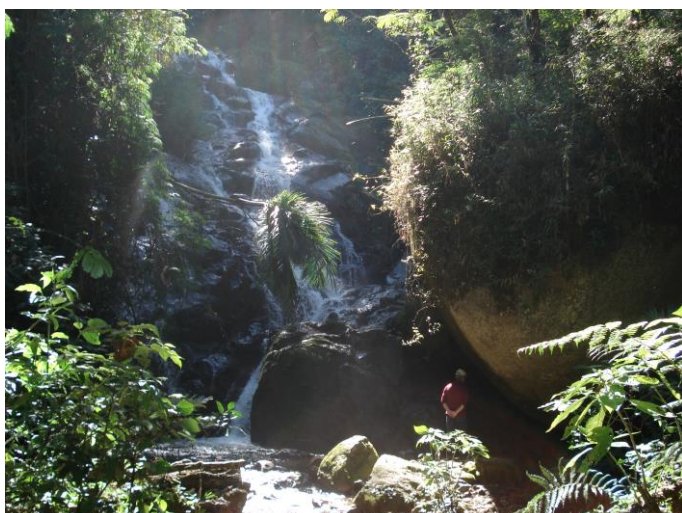
João José da Costa.

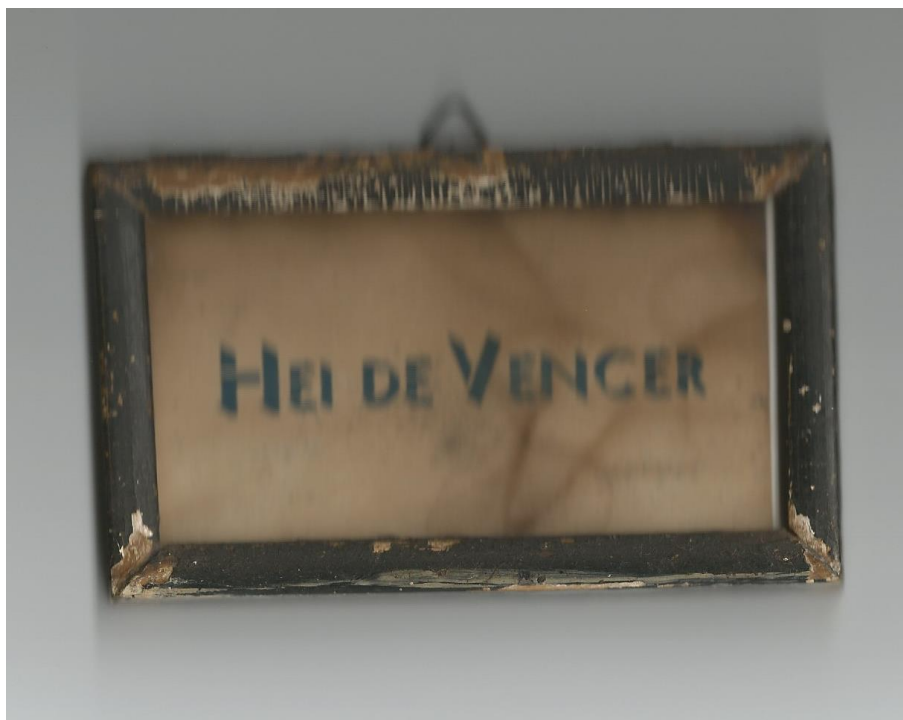


Formou-se Técnico de Contabilidade, Professor de Direito e Legislação Aplicada, Administrador, Advogado e em Pós-graduação em Recursos Humanos. Na vida profissional, foi executivo em Recursos Humanos em grandes empresas multinacionais. Agora, aposentado, dedica-se a escrever livros infanto-juvenis e outros, essencialmente voltados para a educação das crianças, que disponibiliza gratuitamente no site: www.literaturaeducativa.com.br. Diz a sabedoria popular que “Todo homem deve plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho”. O homem poderia morrer feliz depois de ter cumprido essa missão na terra. Assim sendo, poderá morrer feliz! Plantou milhares de árvores, escreveu dezenas de livros e teve três filhos! Cumpriu sua missão!



(Como hobby, gosta de fazer excursões pelos parques nacionais e cidades brasileiras, em especial, históricas e ecológicas).





(Uma lembrança das mais significativas de meu pai, José Maria da Costa, que guardo até hoje, é este pequeno quadro que ele mantinha na porta de entrada/saída da casa, pelo lado de dentro. Ele dizia que lia esta mensagem todos os dias antes de iniciar mais uma jornada de luta pela vida...).

Pai! Mãe! E esta curta mais importante mensagem foi uma verdadeira profecia na vida de vocês. Vocês venceram! E venceram com muitas honras e glórias. Começaram de um zero absoluto, amargando todos os tipos de privações, passando por todo tipo de dificuldades, perdendo tudo e recomeçando novamente, vocês conseguiram criar seus filhos, dar a educação que cada um quis e os abrigou com uma casa protetora... Só temos muito a agradecer e rezar para que Deus permita, um dia, nos reunir novamente... Todos nós! Seus filhos...



(Uma das raras fotos da família toda reunida. Portugal, 1951. Da esquerda para a direita: João José, Antônio Alexandre, José Maria, Paulo, Anna Josephina e Severina de Jesus).